



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

**FRANCISCA ELENI SILVA DE MELO**

**A DESPALATALIZAÇÃO DOS FONEMAS /ʎ/ E  
/ɲ/ NA FALA URBANA DE RIO BRANCO-AC**

**RIO BRANCO  
2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FRANCISCA ELENI SILVA DE MELO**

**A DESPALATALIZAÇÃO DOS FONEMAS /ʎ/ E  
/ɲ/ NA FALA URBANA DE RIO BRANCO-AC**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Acre, Programa de Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras - Linguagem e Identidade, Rio Branco, 2008.  
Orientadora: Professora Doutora Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC).

**RIO BRANCO  
Universidade Federal do Acre  
Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade  
2008**

© MELO, F. E. S. 2008.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC.**

M528d

MELO, Francisca Eleni Silva de. *A despalatalização dos fonemas /lh/ e /nh/ na fala urbana de Rio Branco – Ac.* Rio Branco: UFAC, 2008. 135f : il.; 30cm. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Acre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves.

Inclui bibliografia.

1. Diversidade lingüística. 2. Despalatalização de /lh/ e /nh/.
3. Sociolingüística. I. Título.

CDD.: 410  
CDU.: 800.86

**FRANCISCA ELENI SILVA DE MELO**

**A DESPALATALIZAÇÃO DOS FONEMAS /ʎ/ E /ɲ/ NA FALA  
URBANA DE RIO BRANCO-AC**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Acre, Programa de Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras - Linguagem e Identidade, Rio Branco, 2008.

Orientadora: Professora Doutora Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC).

16 de setembro de 2008.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindinalva Messias do Nascimento Chaves  
Universidade Federal do Acre  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Marino do Nascimento  
Universidade Federal do Acre

---

Prof. Dr. Vicente Cruz Cerqueira  
Universidade Federal do Acre

Rio Branco - Acre

A Deus, em primeiro lugar, porque a Ele devo minha capacidade de pensar, amar, respirar, sonhar...

Aos meus pais, pelas muitas batalhas que venceram por minha causa.

À memória do meu amado Kléber Mugarby, pelos momentos felizes que compartilhamos nessa vida e por sermos tão iguais e tão diferentes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Acre (UFAC), por ofertar o Mestrado em Letras.

À Coordenação do Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade (MEL), pelo apoio em todos os momentos e pelo repasse de informações importantes aos mestrandos.

Ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), pela eficiência ao analisar o processo referente ao pedido de autorização para realizar entrevistas envolvendo pessoas.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lindinalva Messias do Nascimento Chaves, por seu vasto conhecimento nos estudos sobre descrição lingüística, pelo muito que me ensinou, e principalmente pela paciência com minha falta de experiência com a pesquisa científica.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Marino do Nascimento, por suas sugestões e pelo tempo dedicado a procurar referências para esta dissertação, meu muito obrigada pela preciosa ajuda.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonieta Buriti Hosokaw, pelas importantes sugestões sobre os aspectos diacrônicos do presente estudo, pelo esmero na leitura minuciosa do texto a fim contribuir da melhor forma possível, como de fato contribuiu.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Aragão, sempre atenta aos e-mails e por ser uma importante referência para este estudo.

Ao Prof. Dr. Abdelhak Razky, por ser sempre solícito e responder meus e-mails com agilidade, pela recepção na cidade de Belém e pelas dissertações de mestrado de suas orientandas.

Ao Prof. Dr. Vicente Cruz Cerqueira, importante colaborador na utilização do programa computacional *Varbrul*. Agradeço muitíssimo.

Aos informantes dos bairros Cidade Nova, Santa Inês, Nova Estação, Vila Custódio Freire e demais localidades envolvidas na presente pesquisa, com estima, pela disponibilidade e essencial ajuda na realização desta pesquisa.

Aos companheiros Francisco Lima, Maria do Socorro Onofre Maia, Joana Delfino do Nascimento, Jocileide Magalhães, pelas inúmeras vezes que deixaram seus afazeres para me ajudarem tanto na realização das entrevistas quanto nas transcrições fonéticas das mesmas.

À queridíssima Queila Barbosa Lopes, companheira de todas as horas, ajudante fiel nas transcrições fonéticas; afetosamente.

Aos meus irmãos: Francisco, Sueli e Francisca, companheiros de uma vida.

Aos colegas do Curso de Mestrado, tanto pelo convívio quanto pela troca de experiência, com muitas saudades.

Em especial, às minhas amigas Tatiane Castro e Nayra Claudinne, duas irmãs que encontrei e com quem tenho o privilégio de conviver; dividimos as angústias e dificuldades deste mestrado.

À minha amiga Vilma Rodrigues, irmã gêmea, com todo o meu afeto e amizade, pessoa com quem posso contar em todos os momentos.



### **Vício na fala**

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

*Oswald de Andrade*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE MUDANÇAS LINGÜÍSTICAS, PRECONCEITO E IDENTIDADE .....</b>	<b>22</b>
1.1 Diversidade lingüística e preconceito .....	23
1.2 Mudanças lingüísticas e formas estigmatizadas .....	40
1.3 A língua como expressão de identidade .....	49
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....</b>	<b>55</b>
2.1 A despalatalização de /ʎ/ e de /ɲ/ no Português do Brasil .....	56
2.2 A Sociolingüística e seu objeto de estudo .....	65
2.3 Os procedimentos metodológicos .....	68
2.4 O <i>locus</i> da pesquisa .....	75
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>81</b>
<b>3.1 Análise de /ʎ/ .....</b>	<b>84</b>
<b>3.1.1 Fatores lingüísticos intervenientes na produção de /ʎ/ .....</b>	<b>86</b>
3.1.1.1 Contexto antecedente .....	86
3.1.1.2 Contexto subsequente .....	88
3.1.1.3 Tonicidade da sílaba .....	90
3.1.1.4 Classe de palavra .....	92
3.1.2 Fatores sociais .....	93
3.1.2.1 Faixa etária .....	93
3.1.2.2 Escolaridade .....	95
3.1.2.3 Sexo .....	97
3.1.2.4 Cruzamento de fatores sociais relativos a /ʎ/ .....	98

<b>3.2 Análise de /ɲ/</b> .....	<b>102</b>
<b>3.2.1 Fatores lingüísticos intervenientes na produção de /ɲ/</b> .....	<b>103</b>
3.2.1.1 Contexto antecedente .....	103
3.2.1.2 Contexto subseqüente .....	106
3.2.1.3 Tonicidade da sílaba .....	109
3.2.1.4 Classe de palavra .....	110
3.2.2 Fatores sociais .....	111
3.2.2.1 Faixa etária .....	111
3.2.2.2 Escolaridade .....	112
3.2.2.3 Sexo .....	113
3.2.2.4 Cruzamento de fatores sociais relativos a /ɲ/ .....	114
3.3 Narrativas de experiência .....	118
3.4 Síntese da análise .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>128</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>136</b>

# A DESPALATALIZAÇÃO DOS FONEMAS /ʎ/ E /ɲ/ NA FALA URBANA DE RIO BRANCO-AC

Francisca Eleni Silva de Melo\*

**RESUMO** - A presente dissertação objetiva analisar a questão da despalatalização dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ sob a ótica da Sociolingüística Variacionista Laboviana. O *corpus* foi constituído a partir de gravações de questionário fonético-lexical aplicado a 72 informantes, o que resultou em 3.954 produções no total, 2.224 contendo variantes de /ʎ/ e 1.730 variantes de /ɲ/. O primeiro capítulo está concentrado em noções contextuais e introdutórias relativas aos temas da diversidade lingüística, preconceito e identidade, considerando-os assuntos circundantes à questão; o segundo focaliza os elementos teórico-metodológicos aplicáveis ao assunto: as explicações e conceitos do processo da despalatalização visto por lingüistas, gramáticos e foneticistas, a razão da escolha da Sociolingüística como arcabouço para a análise, assim como um resumo do histórico dessa subárea da Lingüística e de seus pressupostos, e a descrição da coleta de dados; o terceiro capítulo, por fim, apresenta a análise dos segmentos mencionados, levando em consideração fatores lingüísticos e extralingüísticos que funcionam como condicionantes das diversas variantes possíveis. No primeiro caso, estão os segmentos antecedentes e subseqüentes aos fonemas em questão, a classe da palavra e a tonicidade da sílaba em que eles se encontram; no segundo, encontram-se o gênero, a faixa etária e o grau de escolaridade dos informantes. No que se refere aos fatores lingüísticos, aventaram-se duas hipóteses: 1 – para os dois primeiros grupos de fatores, os fenômenos de variação deveriam ocorrer em virtude da contigüidade de segmentos semelhantes do ponto de vista fonético; 2 – para o terceiro grupo, esperava-se que as variantes /ʎ/ e /ɲ/, que exigem maior força articulatória, estivessem vinculadas ao contexto tônico; em sentido contrário, esperava-se que as outras variantes, mais relaxadas, ocorressem nas posições átonas. Para o quarto grupo, foram consideradas as categorias verbos, adjetivos e substantivos, não se aventando hipóteses específicas. Em relação aos fatores extralingüísticos, postulou-se que as variantes [ʎ] e [ɲ] estavam diretamente relacionadas ao grau de escolaridade mais alto, havendo maior número de iotização ou de apagamento no grau de escolaridade mais baixo. Pressupôs-se, ainda, que no nível de ensino médio haveria propensão às variantes da norma culta.

Palavras-chave: Diversidade lingüística, Despalatalização de /ʎ/ e /ɲ/, Sociolingüística, Rio Branco (Ac).

---

\* Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves – Universidade Federal do Acre.

# LA DÉPALATALISATION DES PHONÈMES /ʎ/ ET DE /ɲ/ DANS LES PARLERS DE LA ZONE URBAINE DE RIO BRANCO-AC

Francisca Eleni Silva de Melo\*

**RÉSUMÉ** - Ce mémoire a pour objectif d'analyser la question de la dépalatalisation des phonèmes /ʎ/ e /ɲ/ à la lumière de la Sociolinguistique Variationniste Labovienne. Le *corpus* a été constitué à partir d'enregistrements d'un questionnaire phonéto-lexical appliqué à 72 sujets. Cela a résulté en 3.954 productions au total, 2.224 contenant des variantes de /ʎ/ et 1.730 des variantes de /ɲ/. Le premier chapitre est centré sur des notions contextuelles et introductives au thème de la diversité linguistique, du préjugé et de l'identité, en les considérant des sujets qui entourent la question; le second focalise les éléments théoriques et méthodologiques applicables à l'objet d'étude: les explications et les concepts du processus de la dépalatalisation vu par des linguistes, des grammairiens et des phonéticiens, la raison du choix de la Sociolinguistique comme support pour l'analyse, ainsi qu'un résumé de l'historique de ce sous-domaine de la Linguistique et de ses présupposés, la description de la collecte de données; Le troisième chapitre, enfin, présente l'analyse des segments mentionnés ci-dessus en tenant compte de facteurs linguistiques et extralinguistiques qui fonctionnent comme des éléments conditionnants des diverses variantes possibles. Dans le premier cas se trouvent les segments antécédants et subséquents des phonèmes en question, la classe du mot et la tonicité de la syllabe où ils se trouvent; dans le second se trouvent le genre, l'âge et le degré de scolarité des sujets de la recherche. Par rapport aux éléments linguistiques on a posé les hypothèses suivantes: 1 – pour les deux premiers groupes de facteurs, les phénomènes de variation devraient avoir lieu en vertu de la proximité de segments similaires du point de vue phonétique ; 2 – pour le troisième groupe, on attendait que les variantes /ʎ/ et /ɲ/, qui exigent plus de force articulatoire, soient liées au contexte tonique ; en sens contraire, on attendait que les autres variantes, plus relâchées, auraient lieu dans les positions atones. Pour le quatrième groupe, ont été considérées les catégories verbes, adjectifs et noms. On n'a pas posé d'hypothèses spécifiques pour ce cas. Par rapport aux facteurs extralinguistiques, on a postulé que les variantes [ʎ] et [ɲ] étaient directement liées au degré de scolarité plus haut et qu'il y aurait un plus grand nombre d'yotisation ou d'effacement dans le degré de scolarité plus bas. On a présupposé encore que dans le niveau moyen d'enseignement il y aurait une tendance aux variantes cultivées.

Mots-clés: Diversité linguistique, Dépalatalisation de /ʎ/ et de /ɲ/, Sociolinguistique, Rio Branco (Ac).

---

\* Professeur: Dr<sup>a</sup>. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves – Université Fédérale Acre.

# PHONEMES /ʎ/ AND /ɲ/ DESPALATALIZATION IN RIO BRANCO URBAN SPEECH – AC

Francisca Eleni Silva de Melo\*

**ABSTRACT** - The present dissertation aims to analyze the question of /ʎ/ and /ɲ/ phonemes despalatalization under the Labovian Variationist Sociolinguistics point of view. The corpus was constituted by phonetic-lexical questionnaire recordings applied to 72 informers, what resulted in 3,954 outputs in the total, 2.224 containing variants of /ʎ/ and 1.730 variants of /ɲ/. The first chapter is concentrated in contextual and introductory notions relative to the subjects of the linguistic diversity, prejudice and identity, considering them as surrounding matters to the question; the second focuses the theoretical-methodological elements applicable to the subject: the explanations and concepts of the trial of the despalatalization seen by linguists, grammarians and phoneticians, the reason of the Sociolinguistics choice as framework to the analysis, as well as a this Linguistics sub area historical summary, and the data collection description; the third chapter, finally, presents the analysis of the segments mentioned, considering the linguistic and extra linguistic factors that works like conditioning of the diverse possible variants. In the first case, there are the subsequent and preceding segments to the phonemes in question, the word class and syllable tonicity in that they are found; in the second, we find the informers gender, the age group and the schooling degree. Concerning to the linguistic factors, there were two hypotheses: 1 – for the two first groups of factors, the variation phenomena should occur because of the similar segments contiguity of the phonetic viewpoint; 2 – for the third group, we expected that the variants /ʎ/ and /ɲ/, that require bigger articulatory strength, were linked to the tonic context; in contrary sense, we expected that the other variants, sloppier, occurred in the unstressed positions. For the fourth group, the verbs, adjectives and nouns categories were considered not suggesting specific hypotheses. Concerning to the extra linguistics factors, requested that the variants [ʎ] and [ɲ] were straightly related to the higher schooling rank, having bigger iotization or deletion number in a lower schooling rank. It presumed, still, that in the high school level would have propensity to the cultured norm variants.

Keywords: Linguistic diversity, /ʎ/ and /ɲ/ despalatalization, Sociolinguistics, Rio Branco (Ac).

---

\* Advisor: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves – Federal University of Acre.

## LISTA DE SÍMBOLOS<sup>1</sup>

[ʎ] lateral palatal sonora	[g] oclusiva velar sonora
[ɲ] nasal palatal sonora	[tʃ] africada alveopalatal surda
[a] vogal baixa central	[dʒ] africada alveopalatal sonora
[ɐ] vogal média-baixa central	[s] fricativa alveolar surda
[ẽ] vogal média-baixa nasalizada	[z] fricativa alveolar sonora
[ɛ] vogal média anterior aberta	[ʒ] fricativa alveopalatal sonora
[e] vogal média anterior fechada	[h] fricativa glotal surda
[ẽ] vogal média anterior fechada nasalizada	[m] nasal bilabial sonora
[i] vogal alta anterior	[n] nasal alveolar sonora
[ĩ] vogal alta anterior nasalizada	[r] tepe alveolar sonoro
[ɪ] vogal alta anterior (posição postônica final)	[ʀ] vibrante múltipla sonora
[o] vogal média posterior fechada	[l] lateral alveolar sonora
[õ] vogal média posterior fechada nasalizada	
[ɔ] vogal média posterior aberta	
[u] vogal alta posterior	
[ũ] vogal alta posterior nasalizada	
[ʊ] vogal alta posterior (posição postônica final)	
[w] semivogal posterior	
[j] semivogal anterior	
[b] oclusiva bilabial sonora	
[t] oclusiva alveolar surda	
[d] oclusiva alveolar sonora	
[k] oclusiva velar surda	

---

<sup>1</sup> Para a transcrição fonética das palavras analisadas neste trabalho utilizou-se a fonte IPA Kiel.

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1 – Articulação de /ʎ/ .....	58
FIGURA 2 – Articulação de /ɲ/ .....	59
FIGURA 3 – Mapa de Rio Branco .....	69
FIGURA 4 – Distribuição dos informantes por gênero e faixa etária .....	70
FIGURA 5 – Distribuição dos informantes por gênero, faixa etária e nível de escolaridade .....	71
GRÁFICO 1 – Os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ na fala urbana riobranquense .....	84
GRÁFICO 2 – Freqüências das variantes de /ʎ/ .....	85
GRÁFICO 3 – Freqüências das variantes de /ɲ/ .....	102
GRÁFICO 4 – Ocorrências de /ʎ/ nas narrativas de experiência .....	119
GRÁFICO 5 – Ocorrências de /ɲ/ nas narrativas de experiência .....	119



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Contexto antecedente de /κ/ .....	86
TABELA 2 - Contexto subsequente de /κ/ .....	89
TABELA 3 - Tonicidade da sílaba referente a /κ/ .....	91
TABELA 4 - Classe de palavra referente a /κ/ .....	92
TABELA 5 - Faixa etária – fator social referente a /κ/ .....	94
TABELA 6 - Escolaridade – fator social referente a /κ/ .....	95
TABELA 7 - Sexo – fator social referente a /κ/ .....	97
TABELA 8 - Cruzamento dos fatores sociais faixa etária e escolaridade, referente a /κ/ .....	98
TABELA 9 - Cruzamento dos fatores sociais faixa etária e sexo, referente a /κ/ .....	99
TABELA 10 - Cruzamento dos fatores sociais sexo e escolaridade, referente a /κ/ ....	100
TABELA 11 - Contexto antecedente de /ɲ/ .....	104
TABELA 12 - Contexto subsequente de /ɲ/ .....	106
TABELA 13 - Tonicidade da sílaba referente a /ɲ/ .....	109
TABELA 14 - Classe de palavras referente a /ɲ/ .....	110

TABELA 15 - Faixa etária – fator social referente a /p/ .....	111
TABELA 16 - Escolaridade – fator social referente a /p/ .....	112
TABELA 17 – Sexo – fator social referente a /p/ .....	113
TABELA 18 – Cruzamento dos fatores sociais faixa etária e escolaridade, referente a /p/ .....	115
TABELA 19 – Cruzamento dos fatores sociais faixa etária e sexo, referente a /p/ .....	116
TABELA 20 – Cruzamento dos fatores sociais sexo e escolaridade, referente a /p/ ...	117
TABELA 21 – Distribuição das variantes de /k/ e de /p/ por narrativas .....	119

## INTRODUÇÃO

A despalatalização dos fonemas consonantais /ʎ/ e /ɲ/ no português do Brasil consiste em um processo fonético no qual os dois segmentos perdem sua característica palatal, ou seja, deixam de ser pronunciados na região do palato duro, dando margem à produção de uma série de variantes, entre as quais a conseqüente iotização e o apagamento total do segmento com redução da sílaba em que o mesmo se encontra. Exemplos clássicos encontrados na literatura específica são paia [ˈpaɪə] por palha e bunitim [bunɪtʃĩ] por bonitinho.

A temática da despalatalização das consoantes, notadamente de /ʎ/ e de /ɲ/, se reveste de grande importância no âmbito da descrição do português falado no estado do Acre. Com efeito, trata-se de um processo fonético bastante freqüente neste estado, que não tem sido objeto de estudos ao contrário do que ocorre em outras regiões do Brasil, notadamente o nordeste, onde já existem pesquisas sobre este assunto associado aos falares locais. Contudo, ainda que pouco debatido nos meios acadêmicos acreanos, o tema da despalatalização dos fonemas mencionados não pode ser classificado como inteiramente novo na agenda universitária do Acre. Algumas incursões à temática foram feitas em trabalhos de iniciação científica do Centro de Estudos dos Discursos do Acre (CED-Ac), mesmo que tais pesquisas não tivessem esse fenômeno como alvo específico e, por conseguinte, o houvessem tratado de forma tangencial.

Neste estudo, pretende-se examinar especificamente essa questão sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista Laboviana com vistas ao aprofundamento das pesquisas acima citadas e, sobretudo, com vistas à descrição das variantes que ocorrem nesse processo quando se trata de uma modalidade de fala acreana.

Justifica-se a escolha desse tema para análise por três razões: a primeira, já apresentada, é a novidade da questão, ainda pouco explorada nas pesquisas da academia acreana; a segunda é o fato de poder contribuir para o estabelecimento das divisões dialetais do Brasil, estudos que vêm sendo realizados por vários grupos de pesquisadores espalhados por todo o país, principalmente os que trabalham na produção de Atlas Lingüísticos; a terceira, a mais óbvia e talvez a mais importante, é a possibilidade de contribuir para a sistematização descritiva das particularidades das falas do Acre.

O trabalho se iniciará com algumas reflexões sobre diversidade lingüística, preconceito e identidade. Apesar de não trazer nada de novo, podendo essas informações serem encontradas em diversos livros e artigos, esse capítulo tem importância na medida em que introduz o assunto e, principalmente, fornece os parâmetros necessários para a compreensão dos aspectos sociais relacionados à temática na atualidade. No que se refere ao tema “identidade”, deve-se salientar a sua associação à linguagem, ressalvada a impossibilidade de se estabelecer conexões diretas entre fatos lingüísticos pontuais e a identidade de um povo. Apesar dessa limitação, as considerações feitas sobre a língua como expressão da identidade servem para colocar em evidência que as formas de falar denotam a origem sócio-regional dos indivíduos e as atitudes estigmatizantes em relação às variantes consideradas não cultas.

No segundo capítulo, intentar-se-á inserir os pressupostos teórico-metodológicos que nortearão a pesquisa, principalmente a análise dos dados. Entre as várias subáreas da Lingüística, elege-se a Sociolingüística como suporte para a análise da variação de /k/ e de /ɲ/ na fala de determinadas comunidades de Rio Branco, visto que, como será explicado no decorrer do trabalho, seus pressupostos teóricos levam em conta a realidade heterogênea das línguas. Neste mesmo capítulo não poderiam faltar alguns conceitos, definições e explicações acerca do processo fonético em estudo, trazendo-se para o debate lingüistas, gramáticos e foneticistas que se debruçaram sobre a questão em exame. Não poderiam estar ausentes, tampouco, as descrições de todo o processo de coleta de dados, tarefa que demanda muitas horas de trabalho. Malgrado o fato de, muitas vezes, esse processo ter sua importância minimizada e relegada a segundo plano, de sua qualidade depende em grande parte a qualidade dos resultados finais. Para finalizar o capítulo serão apresentados, ainda que de forma lacunar e sumária, o *locus* da pesquisa, constituído por seis bairros de Rio Branco, a saber: Vila Custódio Freire, bairros Nova Estação, Cidade Nova, Santa Inês, Abraão Alab e Cadeia Velha.

O terceiro capítulo conterà a análise dos dados com enfoque da Sociolingüística como já foi mencionado. Neste trabalho, de cunho quantitativo, será utilizado o pacote de programas VARBRUL (GoldVarb, versão 2001) que gera, após a codificação dos dados, freqüências absolutas e relativas de ocorrência da variável para cada grupo dos fatores selecionados. O primeiro grupo de fatores é, em caráter

de obrigatoriedade, o grupo da variável dependente, ou seja, o fenômeno a ser observado; no caso desta pesquisa, a permanência ou ausência do caráter palatal de /ʎ/ e de /ɲ/ nas produções de 72 informantes de Rio Branco. Os outros grupos, os que se referem às variáveis independentes, envolvem fatores lingüísticos e extralingüísticos. Os primeiros englobarão os segmentos antecedentes e subseqüentes a esses dois fonemas, a classe das palavras e a tonicidade da sílaba em que eles se encontram; os segundos compreenderão o gênero, a faixa etária e o grau de escolaridade dos informantes. Cabe salientar que o *corpus* a ser trabalhado contém, por um lado, 3.954 produções, sendo 2.224 com realizações de /ʎ/, e 1.730 com realizações de /ɲ/, presentes em respostas a um Questionário Fonético-Lexical (QFL) elaborado especificamente para se obter produções dos dois fonemas; e, por outro lado, 232 produções no total, 80 variantes de /ʎ/ e 152 de /ɲ/, desta feita constantes em narrativas.

Relacionadas aos fatores lingüísticos, as duas hipóteses a seguir elencadas serão perseguidas na análise dos dados:

1 – para os dois primeiros grupos de fatores, os segmentos fonéticos antecedente e subseqüente, os fenômenos de variação deverão ocorrer em virtude da contigüidade de segmentos semelhantes do ponto de vista fonético.

2 – para o terceiro grupo, tonicidade da sílaba, espera-se que as variantes [ʎ] e [ɲ], que exigem maior força articulatória, estejam vinculadas ao contexto tônico; em sentido contrário, espera-se que as outras variantes, mais relaxadas, ocorram nas posições átonas;

Para o quarto grupo, classe de palavras, serão consideradas as categorias verbos, adjetivos e substantivos, não se aventando hipóteses específicas.

No que se refere aos fatores extralingüísticos, acredita-se que as variantes [ʎ] e [ɲ] estão diretamente relacionadas ao grau de escolaridade mais alto, havendo maior número de iotização ou de apagamento no grau de escolaridade mais baixo. Pressupõe-se, ainda, que no nível de ensino médio haverá propensão às variantes da norma culta.

Por último, com base nos estudos introdutórios engendrados no CED-Ac, espera-se uma polarização entre as variantes da norma culta, [ʎ] e [ɲ] e as estigmatizadas [j] e apagamento. Não se espera produção expressiva das variantes

[lj] e [nj] atestadas em outras localidades do país, tal qual Marabá (Pará).

Para finalizar o capítulo concernente à análise, será efetuado o cruzamento dos fatores sociais já elencados. Tal cruzamento de dados deverá permitir conclusões mais precisas sobre qual(is) desses fatores atua(m) com mais força para a realização palatal ou para a despalatalização dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/. Além do cruzamento dos dados sociais será apresentado em item separado um resumo das principais tendências encontradas no decorrer da análise.

Nas considerações finais serão apresentados os pontos concordes e discordantes de outros trabalhos efetuados em outras regiões, bem como as trilhas a seguir nos trabalhos futuros.

Após a lista das referências serão inseridos alguns anexos, julgados pertinentes para uma maior compreensão ou para a simples ilustração de fatos comentados. Neles serão encontrados o questionário fonético-lexical e o questionário social aplicados aos informantes, o *corpus*, duas transcrições fonéticas completas das respostas, de um informante masculino e de um informante feminino ao questionário fonético-lexical. Serão encontradas, ainda, duas narrativas de informantes, também um masculino e outro feminino, bem como os mapas dos principais bairros em que foram realizadas as gravações. Por último, será inserida cópia do parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Acre, autorizando a realização das entrevistas.

# 1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA, PRECONCEITO E IDENTIDADE

As formas de discriminação social têm pontuado os debates constantes do cotidiano de diversos segmentos da sociedade, nessa nova ordem mundial que se instaurou a partir dos últimos decênios do século XX. Discutem-se, assim, abertamente, questões antes consideradas tabu, como, por exemplo, as relativas à homossexualidade<sup>2</sup>. As questões indígenas, dos negros, das mulheres, entre outros grupos historicamente considerados minorias, também têm marcado presença nessas discussões e, indubitavelmente, apesar dos preconceitos ainda profundamente arraigados na mente do ser humano, vários avanços foram conseguidos.

Em linhas gerais, postula-se que todo ser humano merece respeito por sua história e trajetória de vida, não devendo ser depreciado em razão de qualquer característica diferenciada; no entanto, se, por um lado, o caminho para a verdadeira igualdade e respeito entre os seres humanos foi aberto nos grandes debates atuais sobre questões dessa natureza, como acima referido, longe está, por outro lado, de ser considerado terminado. Na verdade, essa é uma história que ainda está em processo de construção.

Desde o início do mundo, as manifestações preconceituosas têm alvos diversos, como os acima mencionados; contudo, não cabe neste trabalho uma análise desse componente social em âmbito mais alargado; toma-se por objeto de reflexão nos itens 1.1 e 1.2 desta pesquisa, uma manifestação preconceituosa específica, denominada por diversos autores da atualidade de preconceito lingüístico, que atinge, principalmente, determinadas camadas da sociedade, sendo estas, freqüentemente, pobres e excluídas dos circuitos sócio-culturais. A relação

---

<sup>2</sup> No âmbito jurídico, por exemplo, em um grande avanço da proteção dos direitos de cidadania dos casais homossexuais masculinos, estes já têm conseguido adotar crianças legalmente. Cf. revista ÉPOCA, 21 de janeiro de 2007. Leia-se sobre isso, também, MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAN, 2005; \_\_\_\_\_. *Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a10v14n2.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2007; TOURAINE, Alain. *O direito ao casamento gay*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2103200403%2ehtm>>. Acesso em: 19 abr. 2007; VIANNA, Adriana. *Direitos e políticas sociais no Brasil: mapeamento e diagnóstico*. Rio de Janeiro: Cepesc, 2004.

intrínseca com o preconceito em sentido mais amplo parece, entretanto, óbvia por se fundarem todos esses comportamentos e atitudes em sentimentos de desrespeito e intolerância para com o outro, em última análise.

Vários autores têm se debruçado sobre a temática e não se pretende, aqui, trazer informações novas, constituindo-se o presente capítulo em um resgate do que se tem escrito em relação ao assunto. Paralelamente, tenta-se traçar, ainda que de forma sucinta, as conseqüências do menosprezo e desrespeito dirigidos às formas de falar dos indivíduos, notadamente no âmbito escolar.

Justifica-se este capítulo introdutório pelo fato de o tema central deste trabalho constituir-se em uma das marcas estigmatizadas na língua oral, a despalatalização dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/; casa-se, portanto, a análise puramente lingüística com o componente social, o que contribui para a contextualização do fato estudado em um quadro maior, não restrito apenas ao funcionamento da língua.

## **1.1 Diversidade lingüística e preconceito**

A preocupação em descrever e precisar o número de línguas, assim como seus dialetos, tem marcado presença nas sociedades desde que a linguagem se tornou objeto de estudo. A descrição de uma língua parece bastante simples, todavia, é mais complexa do que se pode imaginar num primeiro momento. De acordo com Labov (1972a), há quatro elementos que, por muitos anos, foram tidos como empecilhos no processo de descrição lingüística; desses elementos destacam-se dois pela pertinência com a temática diversidade lingüística.

A agramaticalidade do discurso foi o primeiro problema observado pelo autor, tendo em vista que para a maioria dos lingüistas os enunciados produzidos na fala espontânea eram agramaticais, pois fatores “como o cansaço, a inibição, os lapsos de memória, a pressa etc.” (MONTEIRO, 2002, p. 32) eram considerados os responsáveis pelas “frases mal formadas”; essa concepção só mudou a partir da teoria sociolingüística, segundo a qual a probabilidade de produção de uma sentença agramatical é quase nula, já que eliminando-se os lapsos naturais da fala espontânea, todo enunciado é constituído de “frases corretamente formadas segundo todos os critérios” (p. 32) ou princípios de organização da língua.



O segundo problema refere-se à variação na fala, que remete à idéia de formas variantes para se dizer a mesma coisa; a análise estrutural oferece duas alternativas quando se pretende descrever uma determinada língua; a primeira considera as variantes como unidades de sistemas lingüísticos diferentes ou até mesmo de mistura de dialetos ou de permuta de códigos; a segunda permite a interpretação das variantes como elementos que se encontram em variação livre no mesmo sistema. Os métodos de pesquisa desenvolvidos por Labov superam as duas alternativas apresentadas, partindo do pressuposto de que a estrutura lingüística é heterogênea, o que resolve a questão do aparente “caos” dos discursos individuais.

Como terceiro problema, Labov (1972a) menciona as dificuldades do registro, que são os entraves encontrados para as gravações das entrevistas. Já a quarta dificuldade é constituída pelas limitações do *corpus*, visto haver situações nas quais se tem como resultado um número reduzido de dados. Importa para a discussão da diversidade lingüística os dois primeiros elementos apresentados por esse autor.

Langacker (1972, p. 51) escreve que a complexidade na descrição lingüística tem início na impossibilidade de se determinar o número exato de todas as línguas faladas no mundo, e isso ocorre por pelo menos dois motivos: o primeiro diz respeito à inviabilidade do acesso às informações detalhadas referentes a cada um dos sistemas lingüísticos espalhados em nosso planeta; o segundo relaciona-se diretamente com a “idéia mal delineada e intuitiva do que significa o termo *língua*, os usos da língua são tais que muitas vezes é extremamente difícil na prática decidir quando o termo é bem empregado”. São esses entraves, considerados apenas iniciais nos estudos lingüísticos, que dificultam a descrição de uma língua.

Ao anunciar os usos da língua como uma das razões da dificuldade para descrevê-la, Langacker remete diretamente ao seu caráter heterogêneo e em relação a essa diversidade, dita lingüística, vários autores, tanto os clássicos quanto os mais recentes, têm essencialmente a mesma idéia no que se refere aos fatores que contribuem para o surgimento das variedades dentro de um sistema lingüístico. Nesse sentido, Mattoso Câmara (1991, p. 17) afirma:

Um dos percalços mais sérios com que se tem defrontado a gramática descritiva, desde a Antigüidade Clássica, é o fato da enorme variabilidade da língua no seu uso num momento dado. Ela varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais. Também varia na hierarquia

social, estabelecendo o que hoje se chama os dialetos sociais. [...] Varia ainda, para um mesmo indivíduo, conforme a situação em que se acha.

No que se refere aos usos individuais, é possível afirmar que o falante de uma língua não emprega, necessariamente, as mesmas palavras, expressões e construções sintáticas que outro indivíduo, pertencente à mesma comunidade lingüística, emprega. Na verdade, ele não pode sequer realizar determinados fonemas da mesma forma que outrem. No que concerne aos dialetos sociais, os relativos às camadas mais populares e menos escolarizadas da sociedade são, evidentemente, o alvo preferencial do preconceito lingüístico.

A variação de uma língua é normalmente creditada a elementos que lhe são internos e externos; nesse ponto, Maingueneau (1997, p. 69), afirma que “no interior de uma ‘mesma’ língua existe uma *variação* constante”; ademais, “a variação pode assumir a forma de *patois*, de dialectos, de línguas de minorias”, o que vem ao encontro dos dizeres de Mattoso Câmara acerca da variação no espaço e da variação na hierarquia social.

Também em consonância com o pensamento de Mattoso Câmara, os estudos sociolingüísticos, principalmente os desenvolvidos a partir das pesquisas de Labov<sup>3</sup>, já demonstravam que a variação é fato tão antigo quanto a própria língua, pois se trata de um fenômeno peculiar a todas as línguas vivas. As mudanças pelas quais uma língua passa são determinadas por vários motivos e diversos estudiosos têm se manifestado sobre o assunto: Labov elenca o espaço geográfico, a etnia, o aspecto social e o sexo do falante entre outros elementos condicionantes. Langacker (1972, p. 59), ao retomar a questão da diversidade lingüística, reafirma, consoante Labov, não ser esta influenciada apenas pelo espaço geográfico e aponta duas outras dimensões das mudanças às quais uma língua está exposta. A primeira compreende os grupos e classes sociais, pois numa mesma área urbana percebem-se diferenças lingüísticas ligadas à organização social daquela comunidade. A segunda dimensão está vinculada ao próprio falante, que, além de possuir seu sistema lingüístico único, também utiliza diferentes estilos de acordo com o grau de formalidade da situação. Na verdade, Langacker reúne em dois eixos todos os fatores da variação.

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, vejam-se os seguintes trabalhos: LABOV, William. *The stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966; \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b; \_\_\_\_\_. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972c.

À escolha de estilos, mencionada por Langacker e por Mattoso Câmara, Halliday (1974, p. 111) dá o nome de *registro*, ou seja, “uma variedade de uma língua diferenciada de acordo com o uso”. Daí advém o fato que, às vezes escutam-se, principalmente nas escolas, frases como “este registro está inadequado”, referindo-se a uma variedade que não é a padrão, tendo em vista que um dos papéis da escola é ensinar esse tipo de registro, a norma padrão, culta, aos seus alunos.

Para tornar claro o conceito de “uso”, mencionado por Langacker, por Mattoso Câmara e por Halliday, pode-se recorrer às explicações de Leite (2005, p. 205) para quem as principais fontes da variação lingüística, “são, de um lado, o *usuário*, com a sua configuração geográfico-social, e, de outro, o *uso*, aí incluída toda a complexidade da prática dos diversíssimos gêneros do discurso”. Entende-se que dentro do “uso” está toda a situação social na qual o falante está inserido (os preceitos religiosos, moralistas, políticos). Essa idéia de que um mesmo falante pode utilizar diferentes registros lingüísticos conforme as exigências contextuais, associando as circunstâncias às “situações valorizadas (política, administração, religião)” já fora anunciada por Maingueneau (1977, p. 69) que também anui com a existência de uma variação social e geográfica (p. 23).

De acordo com Calvet (2004, p. 13-34), o estudo da língua associado a fatores sociais já foi amplamente discutido em outras épocas, a fim de se comprovar a relação dos estudos lingüísticos com os fatores externos da língua, já mencionados neste texto. A partir de tais discussões, prevalece, atualmente, a concepção de que o caráter transformacional da língua tem estreita ligação com o social, tanto que Calvet (*op. cit.* p. 81) considera que esses condicionamentos externos “são poderoso fator de evolução”.

As mudanças, assunto que será retomado no item 1.2, segundo este autor (*op. cit.* p. 89), ocorrem diariamente, num processo constante e contínuo, e acontecem não só sob o aspecto diacrônico, mas também sob o sincrônico, haja vista “a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”; Calvet acrescenta, ainda, a exemplo dos autores anteriormente citados, que as variáveis<sup>4</sup> tanto podem ser geográficas quanto lexicais.

---

<sup>4</sup> *Variável* lingüística é o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...). *Variante* é cada uma das formas de realizar a mesma coisa. (CALVET, *op. cit.* p. 90).

Para encerrar a questão, pode-se lançar mão das palavras de Sírio Possenti (2005, p. 35) quando o mesmo afirma que “todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma”, o que leva ao pressuposto que todas as línguas possuem seus dialetos<sup>5</sup>.

Percebe-se a convergência para o fato que a língua, sob o efeito de fatores diversos, é passível de mutações, o que a torna uma realidade heterogênea e isso se explica por serem os grupos de falantes formados por pessoas com suas características individuais. Por essa razão, em um país como o Brasil, por exemplo, que possui um vasto território e grande diversidade cultural, não se poderia falar em uma língua portuguesa homogênea. Pensar de forma contrária seria utópico visto que a homogeneidade é ilusória. À vastidão territorial e à diversidade cultural, Leite e Callou (2004, p. 12) juntam um terceiro elemento impeditivo para a homogeneidade lingüística no Brasil, o contingente populacional, atualmente estimado em 170 milhões de habitantes, com alto índice de analfabetismo. Para essas autoras, a grande variação existente no português brasileiro da atualidade “nos permite reconhecer uma pluralidade de falares”, além de ser “fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história” (LEITE e CALLOU, *op. cit.*, p. 52).

Com efeito, a heterogeneidade é um fato natural e inevitável, e de acordo com Lyons (1987, p. 17), “a crença ou pressuposição de que todos os membros de uma comunidade lingüística falam exatamente a mesma língua” não passa de uma ficção, o que vem ao encontro da posição de Calvet acerca do assunto. Contudo, o fato de não haver uma homogeneidade não significa que os usuários estejam “corrompendo” a língua, e tampouco significa que o povo não saiba falar seu próprio idioma. Em um processo natural, a língua sofre interferência da comunidade falante, da identidade e da cultura desse grupo, e por isso “não se deve admitir”, segundo Coutinho (2005, p. 27) “a falsa idéia de que o dialeto seja a corrupção de uma língua. O povo, quando modifica o idioma, obedecendo às suas tendências naturais, não o corrompe. **A língua, como tudo na natureza, está sujeita a transformações inevitáveis**”. Para este lingüista, “uma língua só se **conserva no seu aspecto uniforme enquanto é falada por um pequeno agrupamento humano**” (Grifos nossos).

---

<sup>5</sup> O termo *dialeto* é neste utilizado conforme a definição de Coutinho (2005, p. 27): “é a modificação regional de uma língua”.

A tese de que o povo, especialmente a camada não escolarizada, corrompe a língua constitui-se em olhar preconceituoso, e como tal não possui fundamentação consistente que o justifique. Mollica (2007, p. 2), discorrendo sobre *Diversidade lingüística e mobilidade social*, afirma que é preciso negar “o desenvolvimento de base imperialista, colonialista, discriminatória”, além de se ter uma postura para a adoção de atitudes que visem uma equiparação entre o *status* social entrelaçado às línguas e o caráter múltiplo inerente a todas elas. A autora defende a inexistência de justificativa para o prestígio de uma variedade em detrimento de outra(s) ao observar que o processo de colonização não só impôs novos comportamentos aos nativos, mas também uma nova língua, totalmente diferente daquela que falavam antes. Assim, o respeito à diversidade lingüística significa, ao mesmo passo, respeito às identidades étnicas coexistentes.

No intuito de registrar os dialetos existentes no Brasil, vêm surgindo pesquisas realizadas com o objetivo de elaborar os Atlas Lingüísticos dos diversos Estados e regiões do país. Conforme Leite e Callou (2004, p. 17), os seguintes atlas já estão publicados: Atlas Prévio dos Falares Baianos, Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais, Atlas Lingüístico da Paraíba, Atlas Lingüístico de Sergipe e Atlas Lingüístico do Paraná. Essas publicações servem de parâmetro para a avaliação das ocorrências dialetais desses Estados, todavia, mesmo com a ajuda dos novos aparatos tecnológicos, ainda não se pode “traçar um perfil da comunidade de fala brasileira na sua globalidade” (SILVA, 1996, p. 31).

Aos Atlas elencados por Leite e Callou, Aragão (2006, p. 1-2), em levantamento mais recente, acrescenta o Atlas de Sergipe II, o do Pará, o do Amazonas e o da Região Sul. Informa, ainda, esta última autora que, além dos já publicados, outros atlas seguem “em fase adiantada de elaboração”, são eles: “o do Ceará, o de São Paulo, o dos pescadores do Rio de Janeiro, o de Mato Grosso do Sul, o do Acre, o do Mato Grosso, o do Rio de Janeiro, o do Maranhão, o do Rio Grande do Norte e o do Piauí”.

Em relação a esses trabalhos, o que importa ressaltar é que os Atlas Lingüísticos representam, por assim dizer, uma fotografia da realidade lingüística de cada país, retratando as características e peculiaridades de cada região.

Por isso, um projeto maior foi elaborado a fim de publicar o Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), que ainda não foi finalizado devido à grande extensão territorial deste país, além de outras dificuldades que envolvem não apenas recursos

financeiros, como também a falta de pessoas aptas a realizarem os trabalhos. Ao justificar a necessidade de um atlas lingüístico nacional, Cardoso (2006, p. 5) escreve:

É preciso ter-se a multidimensionalidade da língua no país não apenas para efeitos de precisar e demarcar espaços geolingüísticos, mas para que se possa também contribuir de forma direta para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa. Em outras palavras, quero dizer que o conhecimento sistemático da variação, a delimitação de suas áreas, a relação entre os diferenciados usos que se faz da língua constituem-se num benefício de cunho social, e, porque não dizer, patriótico.

Para a concretização desse grande empreendimento, Cardoso (*op. cit.* p. 8) explica que a elaboração dos atlas regionais são extremamente importantes, tendo em vista que os mesmos “poderão transformar-se, pois, nas grandes pedras da construção do atlas nacional”. Desse modo, através do registro dialetal das regiões brasileiras será possível descrever a realidade lingüística do país, o que será útil não só para caracterizar a língua portuguesa como multidialetal (e não homogênea, como ainda acreditam muitas pessoas), mas também enfocar as raízes lingüísticas brasileiras, como as influências africana e indígena, por exemplo.

Embora os estudos aqui mencionados, tanto os clássicos quanto os mais recentes, comprovem que a variação faz parte de qualquer sistema lingüístico vivo, observa-se que nas sociedades, de maneira geral, ainda prevalece a idéia de que o dialeto “sugere a fala informal, de classe baixa ou rural”. Sob essa ótica, como “norma social, portanto, um dialeto é uma língua excluída da sociedade polida” (HAUGEN, 2001, p. 101).

É a partir de concepções dessa natureza que surge o preconceito lingüístico. Pode-se dizer que todo preconceito finca suas raízes em fatores sociais, culturais, econômicos e históricos e em relação ao preconceito lingüístico não poderia ser diferente, mas tenta-se mascará-lo de diversas formas. Assim, tem-se justificado a supervalorização da norma padrão sob o pretexto de que ela não se transforme numa nova “torre de babel”<sup>6</sup>, ou seja, defende-se a idéia de que um padrão lingüístico deve funcionar como meio de preservação da língua para que esta não se

---

<sup>6</sup> A Torre de Babel é mencionada na Bíblia, no livro *Gênesis*: 11:1-9. Trata-se de uma enorme torre construída pelos descendentes de Noé, e o objetivo principal era “construir uma cidade e uma torre que chegasse até o céu” (Gen. 11:4). Insatisfeito com a ousadia humana, Javé revolveu “descer e confundir a língua deles” (Gen. 11:7), de modo que ninguém mais conseguisse se entender e a construção não seguisse adiante. Essa é a explicação bíblica acerca do surgimento das línguas da humanidade.

transforme em várias outras. No entanto, refuta-se facilmente essa idéia pelo conhecimento da mudança como fato natural às línguas vivas, que possuem a característica e a possibilidade de transformação e renovação, como já foi explanado.

Todas as variantes possuem o mesmo valor lingüístico; contudo, na esfera social, os valores associados às variedades existentes na língua relacionam-se com as classes sociais às quais pertençam os falantes, considerando-se de maior prestígio a variante ligada ao grupo de maior *status*, enquanto as variantes utilizadas pelas classes mais baixas são estigmatizadas. A propósito, Labov (1968, p. 111) observa:

A variação no comportamento lingüístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento lingüístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante.

Explica-se essa mudança no comportamento lingüístico do falante pelo fato de ser atribuído ao dialeto de maior prestígio a condição de “mais correto, mais adequado ou mais puro do que os dialetos de menor prestígio” (LANGACKER, *op. cit.*, p. 63). A escola é, em grande parte, incentivadora de tal pensamento, pois ainda nos dias atuais, muitas delas têm uma concepção equivocada do ensino de língua materna, reproduzindo um modelo de aula que há muito suscita questionamentos na própria instituição educacional. De fato, essa antiga metodologia pedagógica não contempla o caráter dinâmico e heterogêneo da língua, consagrando, em sentido inverso, seu aspecto normativo; em algumas instituições de ensino o aluno “aprende” que o seu idioma é extremamente difícil, ou seja, assiste à reprodução de velhos preconceitos e perde anos a fio memorizando regras gramaticais sem nenhuma (ou quase nenhuma) funcionalidade real em suas vidas, pois tais aulas não focalizam a língua em funcionamento, atendo-se a ensinamentos fragmentados e descontextualizados.

Embora os esforços da maioria dos lingüistas em defesa da diversidade da língua tenham ganhado bastante espaço nas últimas décadas, percebem-se, ainda, resistências à aceitação do caráter multifacetado da língua, principalmente por parte daqueles que se sentem os guardiões do idioma, como se o mesmo fosse estático, não sofresse alterações no decorrer do tempo e dentro de espaços geográficos e sociais distintos. Segundo Yaguello (2001, p. 281) o “purismo lingüístico, a vontade

de conservar a língua numa forma imutável – identificável, de fato, a uma elite de letrados –, ao passo que tudo a chama à mudança” reflete-se numa atitude que a autora denomina de irracional e irrealista:

*Irracional* porque o purista nega o que está na natureza mesma da língua: a evolução, de um lado, e, de outro, a variação – a proliferação de dialetos sociais ou regionais, de registros e jargões diversos. [...]  
*Irrealista* porque, qualquer que seja a força dos esforços conjugados das diferentes instâncias de repressão lingüística (a Escola, a Academia, o Comissariado Geral da Língua Francesa, os autores de gramáticas e de dicionários), **nunca ninguém deteve a evolução de uma língua, a não ser deixando de falá-la.** (Grifo nosso).

Por conta dessas resistências às mudanças naturais da língua, existem, hoje, conflitos referentes ao ensino de língua materna nas escolas. Para Silva (1996, p. 22), a tradição de um ensino voltado pura e simplesmente para a gramática e que tem “como centro nem a variação, nem a mudança, nem a estrutura das línguas, mas sim a norma prescritiva” está sempre reforçando essa idéia de uma língua estática e incapaz de sofrer interferências do meio social. Em conferência proferida no *Seminário Nacional sobre a Diversidade Lingüística e o Ensino da Língua Materna*, a autora relata que citou no início de sua exposição dois textos, *Aula de Português*, de Drummond, e um fragmento do texto *Português brasileiro - Uma viagem diacrônica*, de Mary Kato, explicando que ambos exploram a situação “diglössica do português brasileiro: nessa perspectiva, uma é a língua que a escola pretende transmitir a seus alunos, que se funda numa tradição histórica idealizada e que continua nas gramáticas pedagógicas; o outro é o das falas correntes, do vernáculo, na definição laboviana [...]”.

Sabe-se que essa tentativa de conservação da língua, buscando mantê-la “intacta” abre espaço para o preconceito lingüístico dirigido às diversas formas de fala que se distanciam da norma culta. Em relação a esse preconceito, pesquisas diversas<sup>7</sup> vêm sendo realizadas, em escolas de ensino de nível fundamental e médio e em universidades brasileiras, com o objetivo de contribuir para desfazer

---

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, os seguintes trabalhos: SANTOS, G. M. O. A linguagem do reggae: um espaço de estereótipos e de preconceito lingüístico. In: RAMOS, C. de M. A.; ROCHA, M. de F. S.; BEZERRA, J. de R. (Org.). *A diversidade do português falado no Maranhão*; O Atlas lingüístico do Maranhão em foco. São Luís: Edufma, 2006, p. 68-79; JOGAS, M. G.; GOMES, N. dos S. *Adoniran Barbosa, o defensor involuntário do combate ao preconceito lingüístico*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/02.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2007; SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.



estereótipos ou para reduzir as suas dimensões.

Construída política e historicamente, essa concepção preconceituosa em relação à língua está tão fortemente impregnada na sociedade que, para muitos, quem “fala errado” não deve ser respeitado, muito menos ouvido; se o indivíduo não domina a língua padrão deve confinar-se no silêncio para evitar o cometimento de desvios gramaticais. Por outro lado, o próprio falante, absorvendo e internalizando o julgamento exterior coercitivo, acaba por assumir uma posição de inferioridade de não saber falar “bem”. Evocando Foucault (2004, p. 218), embora este não se referisse às manifestações preconceituosas de qualquer espécie, e, sim, às formas generalizadas de poder<sup>8</sup>, o controle que se exerce “sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais” é terrível, pois se infiltra na mente das pessoas por meio de sutilezas engenhosas, quebrando-lhes toda forma de resistência.

Essa problemática não poderia ter sido expressa de forma mais bem elaborada do que a fornecida por Foucault (p. 218) que, continuando, diz que apenas um olhar sobre as pessoas, “um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo”.

É justamente nesse olhar sobre o Outro que o controle se estabelece, e isso por um duplo viés: por um lado, o controle é exercido pelo olhar crítico, destruidor, o olhar de quem deseja definir, enquadrar e dominar; por outro lado, o olhar do próprio sujeito, que, internalizando a ótica do dominador, observa-se, vigia-se e termina por resignar-se e enquadrar-se segundo essa visão exterior. Nesse sentido, Foucault (*op. cit.*, p. 218) refere-se ao olho do poder como a “fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório”. Efetivamente, esse tipo de controle é uma fórmula maravilhosa, haja vista que o exercício de um controle quase total, sem a presença física de vigilantes, constitui-se em receita infalível e econômica para o sucesso dos interesses de quem deseja se manter no poder. Receita infalível e implacável, com cada indivíduo tornando-se o vigia de si próprio; na observância dos preceitos moralistas da sociedade em que vive, seu olhar pesará não sobre o outro, mas principalmente sobre si mesmo.

Um bom exemplo de prestígio de uma língua, atuante como elemento

---

<sup>8</sup> Considera-se no presente trabalho que as manifestações preconceituosas podem revestir-se de um desejo de exercer o poder em relação a outrem, diferente de si, amoldando-o.

marcador de distinções sociais, é o francês que foi adotado na região de Flandres na parte setentrional da Bélgica. Sabe-se que a história desse país foi marcada pelas demandas flamengas em prol de direitos que se concentravam nas mãos de elites francófonas, tanto em Flandres, quanto na região da Walônia, após a independência do país em 1830<sup>9</sup>. “As elites adotaram o francês por uma questão de prestígio; as massas empobrecidas se comunicavam por dialetos flamengos, aparentados ao holandês. À contradição social entre as classes se sobrepunha o desprezo lingüístico” (DEMANT, 2005, p. 354). Nesse cenário, “a administração e a vida pública eram conduzidas em francês [...]” e somente a adoção dessa língua “abria oportunidades de ascensão social aos flamengos” (DEMANT, *op. cit.*, p. 355).

Mas pode ocorrer também o prestígio de um dialeto em relação aos demais, dentro da própria língua, como foi o caso do francês parisiense que reinou absoluto a partir do apogeu econômico, político e social de Paris, em 1789, após a Revolução Francesa. Esse dialeto possuía tanto prestígio que passou a ser “um fator de grande influência nas atitudes e práticas lingüísticas da sociedade francesa” (LANGACKER, *op. cit.*, p. 62-63) e é inegável a influência que exerceu no mundo até meados do século XX.

Assim, como naquela época os franceses eram considerados uma classe superior, “os falantes ingleses que desejavam promoção social eram “naturalmente” levados a aprender o francês. O uso de palavras francesas em conversações inglesas tornou-se uma prática comum por causa do ar de prestígio que as acompanhava.” Na ordem inversa, os franceses não se sentiam pressionados a “dominar o inglês, o qual era, afinal, apenas a língua das massas”. (LANGACKER, *op. cit.* p. 189). Para este autor, a imitação de um determinado grupo está relacionada ao *status*, à posição de destaque que este agrupamento possui em relação à sociedade em geral. Note-se que, atualmente, essa situação mudou significativamente, sendo o inglês a língua mais prestigiada, em decorrência da importância político-econômica assumida, no início pela Inglaterra e, em seguida, pelos Estados Unidos.

Retomando o caso do Brasil e da língua portuguesa, Bagno (2004, p. 73) apresenta uma visão do preconceito lingüístico, que, embora seja, por vezes, alvo de críticas por seu caráter algo extremista, não pode ser desconsiderada por tratar-se

---

<sup>9</sup> Para maiores detalhes sobre a história da Bélgica e, sobretudo para maiores conhecimentos sobre a divisão lingüística e social que se instaurou nesse país, ver o artigo de P. Demant (2005, p. 344-383).

de um dos autores atuais que mais se dedicam à questão. Este autor apresenta um círculo vicioso que, em sua ótica, privilegia a propagação do preconceito. O círculo é composto por três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Segundo ele, o círculo vicioso funciona a partir da gramática, na qual os professores se baseiam para ensinar os falantes nativos a escrever e falar “corretamente” e essa prática incita a indústria e o comércio do livro didático a produzirem cada vez mais, reproduzindo sempre as mesmas concepções preconceituosas. Bagno (2004, p. 76-7) menciona ainda um quarto elemento, que ele denomina de “comandos paragramaticais”, a saber: “É todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-ROMS, ‘consultórios gramaticais’ [...]”. Para ele, “o que os *comandos paragramaticais* poderiam representar de utilidade para quem tem dúvidas na hora de falar ou escrever acaba se perdendo por trás da espessa neblina de preconceito que envolve essas manifestações da (multi)mídia”.

Esse círculo só vai ser quebrado, de acordo com Bagno (2004, p. 105-118) se, primeiro, houver um reconhecimento da crise no ensino de língua portuguesa e, segundo, uma mudança de atitude por parte dos falantes. No que se refere à crise, ele utiliza dados estatísticos para provar que o Brasil possui cerca de 20 milhões de analfabetos com idade superior a quinze anos de idade, sem mencionar os analfabetos funcionais; esses fatos se constituem, segundo o autor, numa prova do fracasso do ensino gramaticalista. Para corroborar com sua idéia de que a crise é uma coisa concreta, ele menciona que, de uma lista de 175 países elaborada pela ONU, nosso país está em 93<sup>o</sup> lugar em nível de escolarização, chegando a perder para países como a Etiópia e a Índia. Ainda em relação à crise, Bagno pensa que a norma culta é vista não como a língua utilizada pelo povo e até mesmo pelos intelectuais, mas como um *ideal* de uma língua pautada “nas opções estilísticas de grandes escritores do passado, nas regras sintáticas que mais se aproximem dos modelos da gramática latina” (p. 108). No que tange à mudança de atitude, o autor enfatiza que as pessoas precisam “parar de acreditar que ‘brasileiro não sabe português’, que ‘português é muito difícil’, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas ‘falam tudo errado’”, cada falante deve tomar consciência de que sabe usar a língua vernácula (p. 115).

Um dos elementos que pode contribuir para a chamada crise no ensino de língua materna, mencionada por Bagno (2004, p. 105), relaciona-se às aulas de

português propriamente, pois mesmo depois de tantos estudos e pesquisas comprovando a ineficácia do ensino puramente gramatical, muitas escolas e professores ainda continuam se apoiando em exercícios descontextualizados, em nada ampliando a capacidade comunicativa do aluno, transformando o aprendiz em um mero repetidor das velhas concepções acerca do estudo da língua, inclusive as preconceituosas.

A propósito, numa perspectiva histórica sobre o ensino voltado para aulas de gramática, Dutra (2004, p. 16) relata que a primeira gramática do mundo ocidental, escrita por Elio Antonio Nebrija, intitulada *Gramática castelhana*, foi publicada em 1492 com a intenção de “unificar a Península Ibérica num verdadeiro império espanhol”, o que revela o caráter político por trás de um ensino puramente gramatical. Assim, o Estado “substituiu as línguas vernáculas, por meio das quais o povo expressava sua identidade e suas culturas locais, por uma língua-padrão imposta, vinda de cima”. A partir dessa imposição é que o falante nativo perde o controle de seu próprio idioma e passa a precisar da figura do professor para “aprender” aquilo que ele já sabe (DUTRA, *op. cit.* p. 17).

Sob outra ótica, a respeito da imposição da língua-padrão, Bechara (2005, p. 14) assinala que atualmente,

por um exagero de interpretação de ‘liberdade’ e por um equívoco em supor que uma língua ou uma modalidade é imposta ao homem, chega-se ao abuso inverso de repudiar qualquer outra língua funcional, que não seja aquela coloquial, de uso espontâneo na comunicação cotidiana.

Nesse mesmo direcionamento, alguns autores, tais quais Castilho e Possenti, entre outros, já iniciaram pesquisas no intuito de dar lugar a cada modalidade da língua, já que um outro ponto que pode estar por trás do preconceito lingüístico é o tratamento uniforme dado às modalidades falada e escrita. Sabe-se que essas duas modalidades, apesar de pertencerem a um mesmo sistema, apresentam momentos em que se distanciam uma da outra, principalmente pelo contexto específico no qual cada uma é empregada. Todavia, para algumas pessoas, gramáticos e professores especialmente, a língua é encarada como se apresentasse apenas a modalidade escrita, e todo o rigor que se utiliza na escrita deve ser transferido para a fala, já que a escrita pressupõe maior correção gramatical. Em relação a isso, Saussure (1995, p. 34), explica que

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser

do segundo é representar o primeiro; o objeto lingüístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto.

Dessa forma, a escrita toma um lugar de maior prestígio, tendo em vista que geralmente obedece aos preceitos da língua padrão, dialeto de maior *status* na sociedade. Para explicar essa questão, Saussure (1995, p. 35-6) expõe quatro fatores fundamentais: primeiramente, a concretude da palavra escrita, tornando-se para nós um objeto passível de ser observado; por ser um objeto concreto, a imagem torna-se a opção para se estudar uma língua através dos tempos. Isso se justifica, de certa forma, por não haver, à época, a tradição de se estudar os sons da fala como algo concreto, como as gravações dos sons, por exemplo; não há registros orais de como o português era falado em outras épocas, a não ser a partir de estudos mais atuais; em segundo lugar, para a maioria das pessoas é mais fácil e duradouro gravar as imagens gráficas do que as acústicas; em terceiro, o que aumenta ainda mais o prestígio da escrita é a utilização da língua literária como exemplificação de norma culta, pois geralmente a norma padrão é mais observada pelos escritores, principalmente os clássicos. Observa-se, a esse respeito, que muitas gramáticas ainda hoje se apóiam na exemplificação da língua por meio de fragmentos textuais do século passado, enfatizando a língua dos escritores clássicos como “a correta”, esquecendo-se de que a língua utilizada por eles era eficiente na comunicação daquele contexto e, devido ao tempo decorrido, certamente hoje já não atende à comunicação dos falantes do português atual; são práticas dessa natureza que reforçam a idéia de que a língua é algo estático. O quarto fator apresentado por Saussure a respeito da supremacia da escrita refere-se à questão do desacordo entre língua e ortografia, isto é, a fala é diferente da escrita, tanto uma quanto a outra devem obedecer aos critérios próprios da situação lingüística.

Conforme Mattoso Câmara (1991, p. 19) “os professores partem da ilusão de que, ensinando [a escrita], estão ao mesmo tempo ensinando uma fala satisfatória”, daí a concepção de que a gramática normativa privilegia a arte de bem falar e escrever corretamente:

Há com isso uma tremenda ilusão. A língua escrita se manifesta em

condições muito diversas da língua oral. Por isso, tantos estudantes psiquicamente normais, que falam bem, e até com exuberância e eloquência, no intercâmbio de todos os dias, são desoladores quando se lhes põe um lápis ou uma caneta na mão. A fala se desdobra numa situação concreta, sob o estímulo de um falante ou vários falantes outros, bem individualizados. Uma e outra coisa desaparecem da língua escrita. Já aí se tem uma primeira e profunda diferença entre os dois tipos de comunicação lingüística (CÂMARA JÚNIOR, 1991, p. 19-20).

Com efeito, na escola antiga, segundo Bechara (2005, p. 14),

[...] o professor cometia o erro de entender como a língua aquela modalidade culta – literária ou não – refletida no código escrito ou na prática oral que lhe seguia o modelo, de todo repudiando aquele saber lingüístico aprendido em casa, intuitivamente, transferido de pais a filhos.

Atualmente, nota-se a preocupação dos pesquisadores em observar as particularidades da escrita e da fala, tanto que Castilho vem, há alguns anos e juntamente com outros estudiosos, publicando trabalhos que versam sobre a gramática do português falado<sup>10</sup>. As duas práticas – escrita e oralidade – andam juntas nas sociedades letradas, devendo esse fato servir de parâmetro para que não se justifique a posição superior de uma ou de outra, pois ambas são utilizadas em diferentes contextos e de acordo com as necessidades comunicativas do usuário. Para Fávero (2005, p. 69) “é preciso lembrar que estamos trabalhando com duas modalidades pertencentes ao mesmo sistema lingüístico: o sistema da língua portuguesa”. No mesmo sentido, para Marcuschi (2001, p. 16-7), não há que se atribuir à oralidade e à escrita uma dicotomia, mas enxergar nelas duas práticas sociais, visto que atualmente predomina

a posição de que se deve conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais.

[...]

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais [...]

Sendo assim, nota-se que tal como a escrita, a oralidade apresenta textos coerentes, mesmo sob o aparente caos que se observa ao comparar as duas

---

<sup>10</sup> A gramática do português falado é um grupo de estudos criado em 1988, pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho. Dentre os pesquisadores desse grupo, encontram-se nomes como os de Sírio Possenti, Rodolfo Ilari, Yonne de Freitas Leite, Ingedore Koch, Luiz Carlos Cagliari, e tantos outros.

práticas de maneira descontextualizada. O que se entende é que a imposição de uma língua-padrão, desta maneira, curva-se, segundo alguns<sup>11</sup>, aos interesses daqueles que querem continuar manipulando os indivíduos e se perpetuar no poder; explica-se isso pelo fato do ensino exclusivo da gramática não fazer do aluno um sujeito habilidoso, tanto no que se refere às formas de expressar-se, quanto no que se refere às formas de apreensão do mundo, ambas de fundamental importância para o posicionamento e reflexão crítica face às questões que se lhe apresentarem. A escravatura às meras correções gramaticais, sem um enfoque mais amplo, com a preocupação única da forma em detrimento do conteúdo, empobrece, evidentemente, as competências<sup>12</sup> dos sujeitos, fragilizando-os diante de uma sociedade altamente competitiva.

Dessa forma, os estudos mais recentes convergem para o fato que a escola não deve, evidentemente, abandonar o ensino da língua padrão; de fato, a idéia do abandono da língua padrão é bastante equivocada. Deve-se ensinar a norma culta como o dialeto que os alunos ainda não dominam, sendo esse, aliás, um dos motivos que os levam a freqüentar a escola. Segundo Possenti (2005, p. 19), o ser humano, em especial a criança, aprende qualquer dialeto, qualquer língua, desde que tenha, sistematicamente, contato com os mesmos. A norma culta será uma possibilidade a mais de comunicação, útil nas suas relações sociais, dentro das quais haverá momentos em que a língua padrão deverá ser utilizada, em especial no tocante aos textos escritos. Assim, “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, no mínimo, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico” (p. 17). Nessa perspectiva, o que deve ser feito é uma mudança em relação ao ensino da língua materna, é um questionamento sobre o que é ensinado e a quem. Pensar que as camadas populares não são capazes de aprender o dialeto padrão é permanecer em concepções preconceituosas e sem nenhum fundamento científico.

De outro modo, deve-se ter em mente que o ensino do padrão de uma língua só se constitui em violência se o professor ignora a existência de outras variedades, impondo a norma culta como a única existente na língua, e isso, como já se comentou anteriormente, não se constitui na realidade de nenhuma língua falada no

---

<sup>11</sup> Ver sobre esse assunto: POSSENTI, Sírio. O “político” nas gramáticas. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005; GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>12</sup> Esse termo é aqui utilizado em sentido amplo.

mundo. Possenti (2005, p. 18) explica que é um equívoco deixar de “perceber que os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com o domínio de outra forma de falar e de escrever, desde que se aceite que a mesma língua possa servir a mais de uma ideologia, a mais de uma função”. Portanto, o ideal seria a escola buscar desvencilhar-se de um ensino gramaticalista alienador, construído historicamente e que ignora a variabilidade inerente a todas as línguas. Bechara (2005, p. 54) afirma que a gramática escolar tem incorporado da Lingüística e mais precisamente da Sócio-Lingüística várias renovações, entre as quais

a certeza de que a língua comporta, além dos dialetos regionais (ou variedades diatópicas), os dialetos sociais (ou variedades diastráticas), de modo que não se pode pensar que a realização idiomática só se faça ou só se possa fazer na modalidade culta, postergando de todo a modalidade coloquial, a língua transmitida de pais a filhos. Fez-se, ainda, a diferença entre língua escrita e língua oral, e prestou-se atenção a que a língua literária se pauta eminentemente na utilização de recursos idiomáticos para fins estéticos.

Finalmente, ao falar-se em norma culta, deve-se ter em mente a coexistência de outras normas; deve-se, sobretudo, observar que a norma padrão não é melhor nem pior que as outras variedades, constituindo-se apenas em mais uma à disposição do usuário para ser utilizada de acordo com as exigências do contexto sócio-comunicativo. Os falantes precisam aprender a língua padrão a fim de empregá-la nos contextos que a exigem, principalmente o aluno, que precisará utilizá-la não só nas escolas e universidades, como também na sua vida profissional e social; o padrão de qualquer língua deve ser utilizado a favor do usuário e não como elemento de exclusão social.



## 1.2 Mudanças lingüísticas e formas estigmatizadas

A língua possui, conforme discutido no item 1.1, uma ampla diversidade de variantes; essa multiplicidade de opções de uso lingüístico abre espaço para a efetivação de mudanças no interior de um sistema. Sabe-se que as mudanças lingüísticas estão diretamente associadas ao fenômeno da variação, o que não significa dizer que toda variação lingüística implica sempre mudança, todavia qualquer mudança lingüística provém da variação (Cf. TARALLO, 1999, p. 63; WERINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 126). Nota-se que a maioria das variantes lingüísticas coexistentes num dado sistema são formas estigmatizadas no meio social, pois estão relacionadas, como já foi visto no item anterior, à posição que cada indivíduo ocupa dentro de uma comunidade.

Na visão de Langacker (1972, p. 185) “todas as línguas são produto de mudança e continuam a mudar durante todo o tempo em que são faladas”, mas como as mudanças “são bastante pequenas ou bastante gradativas a ponto de serem imperceptíveis”, não são percebidas de imediato, o que ocorrerá na comparação de longos períodos decorridos.

Tratando-se de um assunto tão complexo como a mudança lingüística, é natural o surgimento de muitas teorias para tentar explicar esse fenômeno da linguagem humana. Monteiro (2002, p. 110-120) apresenta, de forma resumida, “as hipóteses que tiveram uma certa repercussão”, dentre as quais a lei do menor esforço, a influência do substrato, a herança genética, a influência climática, os condicionamentos culturais, a mudança de geração, a hipótese funcional, a hipótese intralingüística, a teoria das ondas, a difusão lexical, a regularidade da mudança, a teoria da inovação ativa e a resistência à mudança. Percebe-se, em uníssono com o autor, dentre essas teorias, algumas fantasiosas, e outras, até certo ponto, sedutoras; o que acontece, do ponto de vista geral, é “que a falta de bases empíricas constitui um obstáculo sério para se aceitá-las” (*Id. ibid.*, p. 110).

Ao explicar como se processa a mudança, Labov (1976, p. 190, *apud* Calvet, 2004, p. 87) escreve que ela

[...] se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais.

De maneira análoga, Aitchison (1993, p. 159) escreve que a mudança lingüística começa quando sua difusão ocorre de pessoa para pessoa e “as alternativas encontram-se disponíveis na forma de falar de outras pessoas e são gradualmente copiadas e/ou alteradas para substituírem a pronúncia existente”. No que diz respeito às três etapas mencionadas por Labov, cabe dizer que elas estão associadas, retomando a discussão do item anterior, aos fatores internos e externos responsáveis pela ocorrência da mudança lingüística; partindo-se dessa premissa, as análises não podem basear-se em “explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa o quão bem construídas”, pois certamente “falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico.” (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006, p. 126).

No que tange aos aspectos puramente lingüísticos, as mudanças são perceptíveis em todos os níveis: lexical, semântico, sintático e fonológico; é no nível lexical que a mudança interna ocorre com mais freqüência e simplicidade, perdendo-se ou ganhando-se novas unidades lexicais, sem grandes complicações para o sistema lingüístico; a complexidade se dá nas mudanças de regras, porque tais mudanças não se limitam ao significado de um léxico, mas relacionam-se a classes inteiras de unidades lexicais, visto que as regras se aplicam a toda a estrutura, afetando o sistema sintático e o fonológico (LANGACKER, 1972, p. 191).

No que concerne os elementos extralingüísticos, a influência de outras línguas é uma das causas para a efetivação do processo de mudança. Os empréstimos são considerados muito comuns em todas as línguas, e tanto podem ser lexicais como sintáticos e fonológicos; no âmbito lexical, Langacker (*Op. cit.*, p. 185) utiliza como exemplo a palavra *patio* que foi incorporada ao inglês devido ao fato de alguns usuários terem entrado em contato com esta palavra do espanhol, atribuindo-lhe significado semelhante.

Tome-se como exemplo, em língua portuguesa, a palavra deletar<sup>13</sup>, um empréstimo da língua inglesa que mantém essencialmente o mesmo significado na passagem para o português. Cabe, contudo, ressaltar que as mudanças causadas por influência de língua estrangeira não resultam em formas estigmatizadas, pelo contrário, gozam de alto prestígio social, principalmente quando os itens “importados” pertencem a línguas cujos países têm certa relevância econômica.

Retomando Langacker, não se sabe ao certo o quanto os empréstimos sintáticos e fonológicos influenciam na sintaxe e na fonologia de uma língua, o que se sabe é que essa influência existe, ocorrendo em menor frequência do que os empréstimos lexicais. Como exemplo, o autor menciona algumas línguas da península dos Balkans, como o albanês e o búlgaro, que se assemelham sintaticamente pelo uso restrito de orações infinitivas. No que se refere ao empréstimo fonológico, Langacker apresenta como exemplo o fato de algumas línguas indígenas americanas apresentarem consoantes glotalizadas, e a explicação mais plausível “parece ser o fato de a glotalização ter-se difundido entre as tribos da área através do empréstimo” (*Op. cit.*, p. 186-187).

Conforme Mattoso Câmara (2000, p. 173), uma língua está sempre mudando, num processo contínuo e inevitável; essas mudanças começam a se efetivar a partir das “mudanças divergentes de uma língua, de região para região, num território dado”, as quais “servem de referência para se dividir a língua em dialetos”. Para esse autor, a divisão da língua em dialetos pode resultar em mudanças lingüísticas, tanto que “o romance lusitânico é uma divisão dialetal do romance da península ibérica, e, em seguida, o protoportuguês é uma nova língua em face de outras como o castelhano e o catalão, na mesma península e, igualmente, resultantes de conjuntos de mudanças no latim”.

De modo semelhante, Callou e Leite (2003, p. 98) explicam que as mudanças têm origem na “generalização de uma forma particular dentro de um determinado subgrupo de uma comunidade lingüística; sincronicamente, o uso de variantes em decorrência da idade constitui um indício de mudança lingüística”.

Segundo Dubois *et al* (2006, p. 423), a mudança “é sem dúvida o caráter mais importante da linguagem”, visto que nenhuma língua permanece uniforme no

---

<sup>13</sup> Do inglês *to delete+ar. vtd Inform.* Apagar, remover, cancelar, destruir (MICHAELIS, 1998, p. 649). É importante observar, porém, que a palavra *deletar* tem suas raízes no latim *delere* (apagar) e migrou do francês para o inglês no século XV. Com o advento da informática, a palavra é incorporada ao léxico português por meio da língua inglesa.

decorrer do tempo e dentro do espaço geográfico no qual é falada. Estudos lingüísticos dão conta de que “em duas épocas dadas, constata-se que uma palavra, ou uma parte de palavra, ou processo morfológico, não se apresentam da mesma forma”, corroborando com a tese do caráter mutante inerente a todas as línguas. Especificamente sobre mudança geográfica, esses autores consideram que a mesma pode ser verificada em toda parte, em todo lugar, desde que a atenção seja voltada para a língua falada, para a pronúncia das palavras, tendo-se em vista que as mudanças ocorrem primeiramente na modalidade oral, por ser a escrita mais conservadora e lenta na incorporação das mudanças. Além das mudanças geográficas, estes autores mencionam as mudanças fonéticas, as fonológicas, e as analógicas.

As mudanças fonéticas ou alterações fonéticas são “as modificações rápidas ou lentas que sofrem os sons de uma língua no decorrer de sua história” (DUBOIS *et al*, 2006, p. 423). Essas pequenas mudanças são transformações simples ocorridas no hábito de pronunciar certos fonemas, o que não acarreta uma transformação na estrutura dos vocábulos da língua.

Já as mudanças fônicas (fonológicas) alteram a “estrutura fonemática da língua pelo desaparecimento e/ou aparecimento de um ou mais fonemas” (DUBOIS *et al*, 2006, p. 423). Assim, sendo a estrutura inteira afetada, a produção de um determinado fonema não vai se restringir a um vocábulo, e sim a todo o léxico da língua. Para exemplificar a diferença entre mudanças fonéticas e fonológicas, os autores recorrem ao inglês e ao francês, ambos nas fases arcaica e moderna. Assim, “a passagem das vogais longas do inglês arcaico a ditongos (*stan* [sta:n] *stone* [stɔ:n]) no inglês moderno constitui uma mudança fonética”. Inversamente, “a passagem das africadas do francês arcaico [ts], [dz] a fricativas [s], [z] em francês moderno corresponde a uma mudança fônica, pois acarretou o desaparecimento de dois fonemas [ts] e [dz] e a homonímia de palavras como *cire*, ‘cera’, e *sire*, ‘senhor’” (*Op. cit.*, p. 423-424).

Quanto à mudança analógica, trata-se de uma transformação que não é regular e só ocorre em “certas situações a certas unidades dadas”, por exemplo, se um determinado falante da língua francesa esquecer “a regra particular dos plurais franceses em *-aux*” e usar a forma *les chevaux*, isso não significa que haverá uma generalização desse uso (DUBOIS *et al*, 2006, p. 423).

Segundo Mattoso Câmara (2000, p. 154), a partir do século XIX passou-se a usar a nomenclatura *leis fonéticas*<sup>14</sup> para referir-se às mudanças fonológicas; o termo surge tomando-se por base as ciências físicas. Este autor considera “impróprio o cotejo”, uma vez que as mudanças fonológicas só são percebidas “em determinada língua [...] e ainda assim em determinada época [...], restritas no tempo e no espaço”, o que se opõe frontalmente às leis da física, que são princípios gerais da natureza. Zauner (*Apud* Coutinho, 2005, p. 134), estabelece uma separação entre leis fonéticas e leis naturais; enquanto as leis fonéticas “estão condicionadas ao tempo e ao espaço”, nas quais as alterações nos fonemas se dão de igual modo quando se encontram em “idêntico meio e circunstância”, as leis naturais são “eternas e universais”.

Por sua vez, Coutinho (2005, p. 134) afirma que os antigos gramáticos não concordam com a expressão *leis fonéticas*, já que elas não explicam todos os fenômenos e, portanto, não têm o caráter de lei, sendo mais apropriado o termo “tendências”.

Câmara Júnior (*op. cit.*, p. 155) admite a denominação mudança fonética para designar mudança fonológica, todavia ele reconhece que há uma distinção entre as duas, aceitando que as mudanças fonológicas “são apresentadas como resultado de leis fonéticas”. Para ele, a causa dessas mudanças se deve a “certas condições lingüísticas e sociais que tornam as tendências articulatórias irresistíveis em dado momento e região”. Dessa forma, “certas tendências articulatórias do latim só se verificaram plenamente no latim imperial tardio, em virtude das condições lingüísticas e sociais das diversas regiões da România”. Finalizando, o autor afirma que “por outro lado, uma mudança fonética, uma vez realizada, pode provocar novas tendências articulatórias, dando-se assim mudanças em cadeia”.

Grosso modo, as leis fonéticas estão relacionadas às mudanças sofridas por um determinado fonema dentro de um vocábulo em posições específicas, resultando na transformação do som não só na palavra em questão, mas em todos os itens lexicais de uma língua em que as condições de pronúncia são idênticas. Para ilustrar, Câmara Júnior (2000, p. 155) afirma que “a ditongação do hiato final em

---

<sup>14</sup> Essas leis foram anunciadas pelos neogramáticos, segundo os quais a mudança lingüística tem por base “o princípio da regularidade da mudança fônica (*lei fonética*) e na aceitação do fato de que as condições que governam a mudança fônica são puramente fonéticas” (CALLOU; LEITE, 2003, p. 96).

vocábulos do tipo *palea*, por exemplo, resultou a tendência para a palatalização do /l/, donde port. *palha*”.

Como a presente pesquisa refere-se às variações na produção de dois fonemas específicos, /ʎ/ e /ɲ/, cabe ressaltar ainda que a lingüística histórica utiliza o termo *mudança de som* para referir-se às “mudanças no ‘SISTEMA DE SONS’ de uma ‘LÍNGUA’ durante um período de tempo” (CRYSTAL, 2000, p. 177, destaques do autor). Além disso, segundo o autor, os ambientes nos quais ocorrem os fonemas dentro da estrutura lingüística merecem atenção especial na análise das mudanças, pois eles geralmente restringem ou condicionam a mudança dos sons. Conforme mencionado no início deste item, são as variações que efetivam as mudanças, e se constatada a variação na produção de um fonema significa que pode haver, a partir daí, uma mudança no sistema fonológico de uma língua.

Sincronicamente, as mudanças acontecem sutilmente através das variantes que surgem e aos poucos substituem outras já existentes. De acordo com Lyons (1987, p. 159), a causa dessas mudanças está relacionada com a “variação sincrônica socialmente condicionada”, esclarecendo, todavia, que nem toda mudança lingüística deva ser, obrigatoriamente, encarada desta forma; Lyons pretende com isso enfatizar a importância dos fatores sociais nesses processos de mudança.

Segundo Monteiro (2004, p. 64-65), são consideradas inaceitáveis as construções “do tipo *nós veve, ele viu eu, eu se danei* etc.”, por fazerem parte do repertório lingüístico das pessoas analfabetas ou de baixo nível de escolaridade. Tais indivíduos são excluídos porque seus usos em relação à língua diferenciam-se dos usos daqueles que possuem uma situação social considerada superior e um nível de escolarização mais alto; todavia, à proporção que essas variantes passam a ser usadas por outros grupos, “o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente se a variante é aceita pela classe dominante” (*Id., ibid.*).

Ao tratar dos *Falares rurais brasileiros*, Santos (2004, p. 1) seleciona para análise alguns aspectos lingüísticos, por exemplo, a variante retroflexa /r/, a vocalização do /ʎ/, a troca de -l- por -r- , e ordenação dos constituintes nos sintagmas nominais. Conforme a autora, esses traços “são socialmente estigmatizados e marcadores da identidade rural” (*Op. cit.*, p. 4), todavia essas variações são realizadas “em muitas variedades não-padrão urbanas, no Brasil” (*Op.*

cit., p. 5). Veja-se apenas um dos fragmentos analisados por Santos: “Nóis lainvai coRtá mii pa mode fazê pamonha” (*Op. cit.*, p. 4); percebem-se aqui muitas variações, tais como ditongação (nóis); “ciclitização do locativo ‘lá’ e a prótese de ‘em’ ao verbo ‘ir’ ” (lainvai); falta de concordância verbo-sujeito (nóis vai); pronúncia de /r/ caipira (coRtá); vocalização de /ɫ/ (mii); “redução da expressão ‘por amor de’ para ‘pa mode’, incluindo a redução da preposição ‘para’ a ‘pa’; cancelamento do -r marcador de infinitivo verbal” (fazê, cortá).

Barrera e Maluf (2004, p. 43) citam alguns exemplos que, segundo elas, “caracterizam formas estigmatizadas do falar urbano”, formas essas decorrentes de variação lingüística nos aspectos fonológico, lexical e sintático. No tocante às variações fonológicas, as autoras chegaram às seguintes conclusões:

A vogal [o] é pronunciada como [u], no início das palavras. Exemplos: buné, tumati, cumeu. A terminação “am” [ãu] dos verbos na 3a. pessoa do plural, é pronunciada como [o]. Exemplos: Eles saíro, fizero, brigaro, ficaro, foro. A terminação nasal [em] é pronunciada como [i]. Exemplos: homi, onti. **Substituição de [lh] por [i]. Exemplos: trabaia, paiaço, oio, oreia, muié, agüia, moiadu, vermeio, veia, véio.** Substituição de [l] por [r]. Exemplos: armoço, pranta, bicicleta, com preto. Substituição do [r] por [l]. Exemplos: Tlem, tliste, tlês. Omissão do [d] no grupo consonantal [nd] das formas do gerúndio. Exemplos: correno, falano, chorano, pulano, fazeno, brincano, conversano, pegano. Prócope de um [a] em algumas palavras. Exemplos: gulha/güia, bacaxi, rancá, sustô, marelo, ranhá, cabô, inda. Prótese de um [a] em algumas palavras. Exemplos: atropeçô, alembrandu, avoar. Omissão do [r] em alguns grupos consonantais. Exemplos: pá (prá); tabalha (trabalha), ôto/ôta (outro/outra), quato (quatro). Contrações, aglutinações, abreviações e outras variações relacionadas ao contexto fonético e/ou aos aspectos prosódicos do ritmo geral da fala. Exemplos: ca/cas (com a/as), cu/cus (com o/os), cê (você), ni (em). Outras variações freqüentes: árvri/árvi, tamém, ingual. (Grifo nosso).

Apesar de se tratar de um estudo baseado em pesquisas com crianças da primeira série do ensino fundamental, pode-se dizer que os resultados e exemplos citados por Barrera e Maluf (*Id.*, *ibid.*) também são percebidos em pessoas adultas, especialmente na fala daquelas com pouca escolaridade. Note-se que as referidas pesquisadoras constataram a “substituição de [lh] por [i]” como variante estigmatizada. O termo lingüístico usado por Mattoso Câmara (2000, p. 149) para especificar esse tipo de permuta (/ɫ/ > /j/) é *iotização*.

Na história da formação do português é fácil perceber que as línguas românicas derivam dos diversos aspectos que o latim tomou, devendo-se levar em conta que as transformações não se iniciaram a partir do latim clássico, à época a

língua de maior prestígio, mas “do latim *vulgar* ou *coloquial*, língua viva e falada pelo povo romano e povos romanizados, conseqüentemente apresentando modalidades regionais e cambiantes sociais nas várias províncias e nas diversas classes” (CHAVES DE MELO, 2001, p. 65-67). Esse fato, por si só, constitui-se em excelente prova de que a atual norma padrão da língua portuguesa foi, outrora, considerada uma forma desprestigiada. Ainda de acordo com esse autor, importa dizer que em português há “vários fonemas palatais, estranhos todos ao latim e surgidos na fase românica, tais como *lh*, *j*, *nh*, *ch* e a africada *tch* (esta última hoje só em pronúncias dialetais)” (*Op. cit.*, p. 110).

No sistema fonológico do português atual têm-se os fonemas lateral palatal /*ʎ*/ e nasal palatal /*ɲ*/; seguindo as tendências naturais da língua, alguns falantes despalatalizam esses fonemas, ocorrendo variações, em decorrência aparecem formas do tipo: [colher > cuié], [pilha > pilia], [olhos > zóios], [minha > mia], [cavalinho > cavalin]<sup>15</sup>.

No meio social, essas despalatalizações são fortemente estigmatizadas, do mesmo modo que grande parte das variantes coexistentes numa dada língua, especialmente aquelas que fogem às expectativas da norma de maior prestígio, conforme mencionado no início deste item. Os estigmas e preconceitos relativos às variações regionais e populares “partem de estereótipos estabelecidos a partir da supervalorização da variante culta, relacionada às classes social e culturalmente dominantes e às regiões desenvolvidas do país” (ARAGÃO, 2006, p. 14).

Entretanto, ainda em relação ao fenômeno da despalatalização dos fonemas /*ʎ*/ e /*ɲ*/, convém registrar que alguns autores têm notado um movimento inverso ao da estigmatização. Dias<sup>16</sup>, por exemplo, em entrevista concedida à Revista Encontro Educação, relata o surgimento de /*ʎ*/ despalatalizado na fala de jovens e adolescentes da zona urbana de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e

---

<sup>15</sup> Cf., por exemplo, os seguintes trabalhos: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Configuração Geo-Social: marcas lingüísticas e identidade*. Palestra proferida no anfiteatro Garibaldi Brasil-UFAC, 2006; \_\_\_\_\_. A Despalatalização e lotização no Atlas Lingüístico da Paraíba. In: *4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia - Resumos*, Niterói, 1992; \_\_\_\_\_. A Despalatalização e Conseqüente lotização no Falar de Fortaleza. In: *XIV Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE*, 1996, Natal - Resumos, 1996; SANTOS, Gledson dos. Variação fonética em estudantes residentes em áreas rurais da Bahia. Artigo apresentado no *Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras da UFBA*, 2006. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/05/pdf/gsantos-sepesq.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2006.

<sup>16</sup> DIAS, Luiz Francisco. Entrevista concedida para a Revista Encontro Educação. Disponível em: <<http://www.revistaencontro.com.br/outubro05/educacao/capa.asp>>. Acesso em: 20 fev. 2008.



Goiânia. Isso mostra o caráter irregular e imprevisível dos fenômenos variacionais. No caso, tratam-se das gírias *véi/veio* e *paia*, significando um amigo próximo e algo entediante, respectivamente, formas estas aceitas e não-estigmatizadas pelas sociedades locais. De acordo com o autor, há 20 anos a tendência era de se estigmatizar as formas de falar consideradas muito específicas de alguns grupos, e assim, “jovens, pessoas do meio rural e estrangeiros eram sempre alvo de críticas”. Hoje, segundo ele, a tendência é a da integração, tendo em vista que a “língua não é algo fixo”, mas algo que “se materializa em gêneros pessoais diversos, em características de fala diferentes”.

Contudo, apesar das observações deste e de outros autores, no sentido de um processo de retirada do estigma que pairava sobre alguns fatos fonéticos, duas ponderações são cabíveis: em primeiro lugar, mesmo com a prática de algumas despalatalizações por parte de alguns falantes economicamente favorecidos, como jovens de classe média e alta, nota-se que ainda vigoram os preconceitos relativos a esse fenômeno, quando se trata de indivíduos de menor *status*; em segundo lugar, não se trata de uma prática generalizada da despalatalização do /*ʎ*/, ou seja, ela se restringe a alguns poucos vocábulos utilizados, pelos grupos de jovens, inclusive com significados diferentes dos originais. Assim, para generalizações acerca de um possível retrocesso do preconceito relacionado ao /*ʎ*/ despalatalizado ou a outras pronúncias estigmatizadas, parece prudente esperar maior espraiamento das ocorrências.

### 1.3 A língua como expressão de identidade

Os estudos sociolingüísticos evidenciam a relação intrínseca entre a língua e a identidade do falante, aliás, o objeto de estudo da sociolingüística são os padrões de comportamento lingüístico dentro de uma comunidade de fala, ou seja, tal ciência estuda o funcionamento da língua dentro da sociedade, partindo do pressuposto que há uma estreita ligação entre ela e a identidade de seus falantes. Notoriamente, a partir de estudos lingüísticos e socioculturais<sup>17</sup>, verificou-se que essa ligação exerce influência no fenômeno da variação lingüística, pois assim como a língua modifica a identidade, também a identidade em parte é responsável pelas modificações pelas quais a língua passa no decorrer do tempo ou de grupo para grupo. Segundo Hall (2005, p. 109) “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, e exatamente por isso precisamos compreendê-las como produzidas em lugares históricos e institucionais específicos”.

Pesquisas voltadas para a área social, ao se ocuparem do tema identidade, relacionam-no a um caráter flexível e móvel, o que indica a fluidez e penetração de características diversas daquelas que uma identidade já possui, conferindo-lhe uma incerteza constante, visto que nenhuma identidade configura-se como um produto certo e acabado, comparando-se dessa maneira com a língua.

Sobre a noção de identidade, Glissant (2005, p. 71) criou um novo conceito e o batizou de identidade-rizoma, baseado nas idéias de Deleuze e Guattari, segundo os quais, “do ponto de vista do funcionamento do pensamento”, há um pensamento da raiz e um pensamento do rizoma; a raiz mata tudo o que está ao redor dela, tornando-se única, enquanto o rizoma “é a raiz que vai ao encontro de outras raízes”; contudo, a característica básica do rizoma é a capacidade de poder ser uma raiz múltipla e desenvolver-se sem lesar as outras plantas. Estabelecendo uma analogia, Glissant associou essas reflexões ao princípio da identidade, classificando-as de acordo com as culturas, organizando-as em duas categorias - atávicas e compósitas.

Para este autor, a cultura do ocidente é uma cultura atávica, aquela que corresponde ao pensamento da raiz, pois enxerga o outro como inferior,

---

<sup>17</sup> Nesse sentido, no tocante aos estudos lingüísticos, ver Calvet (2004), Tarallo (1999), Labov (1966; 1972a; 1972b). Já no que se refere aos estudos culturais, veja-se Hall (2003; 2005), Glissant (2005), Moura (2005).

considerando correto apenas o seu modo de ver o mundo. Glissant opõe-se ao pensamento ocidental e seu conceito de identidade-rizoma tem por base o respeito e a aceitação do diferente; ele se associa à cultura compósita, segundo a qual se deve pensar a partir de uma identidade móvel, como algo que está sempre em modificação, fazendo-se e renovando-se continuamente.

Nessa ótica, deve-se ver o mundo através do todo (plural) e não através da parte (singular). Somente dessa maneira, o olhar sobre o outro será modificado, tentando aceitá-lo e não entendê-lo. Trata-se da aceitação da identidade múltipla, opondo-se frontalmente com a identidade-raiz, que, para entender o diferente, faz uma exclusão logo a princípio, visto que esse olhar busca afinidades ou não com a identidade de quem está olhando, resquícios da cultura ocidental unificante.

A partir da perspectiva da identidade-rizoma, a identidade não é única, é formada de várias outras identidades, que vão se revelando no cotidiano de cada indivíduo:

Um negro é tão negro quanto outro. Pode acontecer, entretanto, que um deles abrace a causa da afirmação da identidade negra, o outro se entregue à causa do direito à diferença de orientação sexual e outro, ainda, a luta sindical pela construção da democracia no âmbito do trabalho (MOURA, 2005, p. 89).

Assim como não se deve falar em língua homogênea, não é sensato, igualmente, falar em identidade fixa, porque a convivência com o outro nos faz incorporar muitos de seus traços identitários, e também ele (o diferente) vai absorver muitas de nossas características, logo uma identidade não pode anular a outra porque ambas se completam através de uma troca constante de olhares, buscando modelos para negá-los ou incorporá-los. Consoante Hall (2003, p. 86-87) identidade e diferença não se separam, pois “a identidade e a diferença estão inextrincavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra” porque são interdependentes. Nas lutas para se determinar as identidades e as diferenças encontram-se também as disputas travadas constantemente em busca de poder, porque na

[...] disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado

aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. **A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.** (SILVA, 2005, p. 81) (Grifo nosso).

Essas lutas pelo poder por meio da identidade são verificadas, por exemplo, na condição do sujeito que tem o domínio da norma culta, estabelecendo sua identidade como indivíduo escolarizado, intelectual, inteligente, enquanto aquele que utiliza outros registros e não domina a norma culta é caracterizado como não-inteligente, ignorante, corruptor da língua. Se o registro padrão goza de maior prestígio social, como já visto anteriormente, as pessoas que o utilizam são elevados a um determinado patamar; de outro modo, aqueles que não dominam o padrão da língua, são rebaixados e depreciados, mostrando-se claramente os conflitos pelo poder através da identidade.

Sobre identidade lingüística, Aragão (2006, p. 11) afirma que a “forma de falar é mais importante do que a maneira de se vestir e de se comportar, denotando, de forma imediata, a procedência regional ou social daquele falante, bem como sua visão de mundo”.

A observação da identidade através da língua não é algo recente, nem uma descoberta exclusiva dos estudiosos da linguagem, pois a Bíblia Sagrada, já no seu antigo testamento, menciona o episódio do *Chibôlet*<sup>18</sup>, ocasião em que os galaaditas sob o comando de Jefté venceram os efraimitas; a tática para vencerem a batalha foi a análise de um aspecto lingüístico como marca da etnia do falante. Os efraimitas não possuíam em seu sistema fonológico a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/, e, ao se depararem com palavras nas quais esse fonema estava presente, pronunciavam a fricativa alveolar desvozeada /s/. Dessa forma, quando os galaaditas pediam para as pessoas que passavam pelo Jordão, que pronunciassem a palavra *Chibôlet* e era pronunciado *Cibôlet*, a sentença era a morte, por se tratarem, muito provavelmente, de efraimitas. Tal fato acarretou a morte de quarenta e duas mil pessoas.

Em entrevista publicada no site do Projeto Memória de Leitura, sob o título “A língua é uma bandeira política”, o professor Kanavilil Rajagopalan diz que a

---

<sup>18</sup> Livro bíblico: Juízes (12:5-7).

identidade lingüística não pode ser vista apenas como uma questão lingüística, mas também sociológica e política. Segundo o autor,

[...] cada vez mais nós estamos tratando a língua como uma bandeira, mais do que um fato consumado. Antes que esse fenômeno de globalização começasse a ficar em evidência, ainda era muito comum pensar que a língua era um mero fato, você fala ou não uma língua e ponto final. Naquele tempo o monolingüismo era norma, vez por outra um diplomata tinha de aprender outra língua, ou um tradutor, mas nunca houve esse fenômeno que nós estamos presenciando, uma incursão de tantos idiomas e tantas culturas numa velocidade que ninguém controla mais. Nossas personalidades estão ficando cada vez mais complexas, você não é mais um ser pronto e acabado, nunca foi, aliás, e hoje, então, não há mais como provar isso, nós "estamos sendo" a toda hora, se isso faz sentido, se a gente pode esticar a língua portuguesa.<sup>19</sup>

A publicação dessa entrevista ocorreu no auge do controverso projeto de autoria do Deputado Aldo Rebelo<sup>20</sup> e sem dúvida, representou uma forma de contribuição para os debates acerca da relação identidade/ linguagem que, apesar de não serem novos, estes ganharam um novo impulso a partir de então, principalmente nas universidades brasileiras. Provavelmente, a intenção do Deputado era a de marcar uma identidade nacional, e com isso, ele pretendia realizar uma espécie de “defesa” da língua portuguesa, porém, conforme mencionado no item 1.2, não existe uma “contaminação” entre as línguas, o que ocorre, de fato, são as trocas de experiências entre falantes de uma e de outra língua, produzindo muitas vezes o inesperado, com novas possibilidades de usos lingüísticos. É sobre isso que versam muitos escritores e estudiosos tanto da linguagem quanto de áreas afins, quando, por exemplo, dedicam-se à velha e polêmica discussão sobre identidade, etnia, nação, ideologia.

Vale retomar, ainda a respeito do referido projeto, as palavras de Tomaz Tadeu da Silva (2005, p. 81). Segundo o autor, “o poder de definir a identidade [...] não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Contudo, não se pode esquecer que a língua não pode ser controlada, dominada ou mesmo ser exercida apenas por uma minoria

---

<sup>19</sup> RAJAGOPALAN, Kanavilil. *A língua é uma bandeira política*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Raja.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

<sup>20</sup> O Projeto de lei nº 1676/99 trouxe à tona inúmeros posicionamentos a respeito da “promoção, proteção, defesa e uso da língua portuguesa”. A maioria dos lingüistas, tanto os do campo teórico quanto os do aplicado, posicionaram-se contrários a esse projeto, já que a língua não é passível de lei alguma que a regule, é livre e, apesar dos vários esforços empregados visando compreendê-la e descrevê-la, ela é capaz de tomar formas antes nunca pensadas.

privilegiada, pois ela pertence a todos os falantes da comunidade, não importando qual é o *status* do falante e talvez este seja o seu caráter mais fascinante e intrigante.

Segundo Rajagopalan (2002, p. 41) não há como separar língua, identidade e sujeito, uma vez que a “identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela [...] o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua”, e além do mais, **“as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas.”** (Grifo nosso).

A língua expressa a identidade à medida que os seus fenômenos internos (mudanças fonéticas, por exemplo) possuem ligação com os elementos externos (sexo, idade, região). Nesse sentido, Cleide Emília Faye Pedrosa<sup>21</sup>, ao mencionar os conceitos básicos da Análise Crítica do Discurso, afirma que a identidade

**[...] tem a ver com a origem social, gênero, classe, atitudes, crenças de um falante, e é expressa a partir das formas lingüísticas e dos significados que esse falante seleciona,** passando-se à maneira como o produtor de um texto (editor) retextualiza a fala de um locutor, atribuindo-se uma identidade e outra para esse locutor. (Grifo nosso).

Destarte, pressupõe-se que estudar a fala de um grupo implica pensar em traços de sua identidade, haja vista a estreita relação que há entre esta e a língua. Por conseguinte, considerou-se pertinente, para o estudo em questão, tecer algumas considerações acerca da trajetória histórica da população de Rio Branco, destacando-se os elementos indicadores da identidade acreana, o que será feito mais adiante, especificamente no item 2.3.

De acordo com Santos (2006, p. 4-5) há alguns aspectos lingüísticos que são “estigmatizados e marcadores da identidade rural”, como é o caso, por exemplo, da vocalização do /Λ/; entretanto, a própria autora reconhece que essas variações não são realizadas apenas em localidades rurais, mas também em muitas áreas urbanas. Relacionado a esse ponto, acredita-se, neste ensaio que, se o Acre, há pouco mais de três décadas, tinha uma população predominantemente rural, é provável que muitos aspectos lingüísticos ligados a essa comunidade ainda exerçam influência na fala urbana dos dias atuais.

---

<sup>21</sup> PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>>. Acesso em: 20 set. 2007.

Todas as questões aqui levantadas podem constituir-se em ponto de partida para se pensar na intolerância do homem com o “diferente”. Sobre esse assunto, vale mencionar as palavras do educador Larossa (2002, p. 67-81) sobre multiculturalismo e respeito. De acordo com o autor, tais palavras adquiriram um sentido bastante simplificado nos dias atuais, tendo em vista que a sociedade perdeu seus verdadeiros significados, devendo-se, portanto, pensar em multiculturalismo e respeito de forma mais profunda, resgatando seus reais valores e sentidos.

Essa atitude de reflexão torna-se inegavelmente necessária para fomentar o verdadeiro sentido de respeito mútuo, porque uma sociedade multicultural deve saber lidar com as diferenças. No caso específico dos usos da língua, as variedades existentes dentro de um sistema lingüístico, como o português falado no Brasil, devem ser respeitadas.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A diversidade lingüística do Português Brasileiro (PB) faz com que inúmeros pesquisadores se dediquem a descrevê-lo por meio de diferentes teorias e metodologias; ainda assim, os esforços não têm sido suficientes para o alcance de tal objetivo, o que se explica não só por causa do caráter heterogêneo da língua, mas também pela diversidade cultural e geográfica do território brasileiro. Dessa forma, para a descrição do PB, os pesquisadores têm enveredado pelas várias subáreas da Lingüística, dentre elas: a Sociolingüística, a Lingüística Histórica, a Psicolingüística, a Neurolingüística, a Lingüística Textual etc. O que determina a escolha do modelo teórico são os enfoques dados aos estudos. Como a presente pesquisa tem por objetivo analisar a variação de /k/ e /ɲ/ no falar acreano, será norteadada pela Sociolingüística, pois seus pressupostos teóricos levam em conta a realidade heterogênea das línguas, ou seja, admitem que os sistemas lingüísticos possuem formas variantes num mesmo espaço de tempo.

As variantes lingüísticas existentes num determinado território fazem com que se criem certos preconceitos ou estereótipos a respeito do PB, desconsiderando-se ou ignorando-se a heterogeneidade da língua, conforme discutido no item 1.1 deste trabalho. De acordo com Mollica (2004, p. 13), os estudos sociolingüísticos, além de verificarem os fatores internos e externos da língua que determinam a variação, também auxiliam como forma de “destruir preconceitos lingüísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão lingüística natural e legítima”. Entende-se, desse modo, que os estudos sociolingüísticos desempenham um papel importante para as pesquisas sobre a língua em funcionamento na comunidade que a utiliza.

Após algumas explicações e definições acerca da questão em exame no item que segue, voltar-se-á no item 2.2 à Sociolingüística com vistas a evidenciar de forma mais clara o objeto de estudo desta subárea da Lingüística.



## 2.1 A despalatalização de /ʎ/ e de /ɲ/ no Português do Brasil

Ao se falar em despalatalização, torna-se necessário observar, em linhas gerais, os conceitos de fonema. Segundo Saussure (1995, p. 51) fonema é “a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra”, uma vez que só através de cadeias se pode analisar as seqüências, como acontece no conjunto *ta*, uma seqüência composta por “um fragmento de certa extensão mais outro fragmento”, o que não ocorre com *t*, pois é irreduzível, fora de contexto, e por isso será considerado *in abstracto*. Isso remete à idéia de signo, composto pela dicotomia significante e significado. O signo é a união do sentido e da imagem acústica. O sentido é a idéia ou representação mental que se tem, e a imagem acústica está associada a esse sentido. Assim, a palavra maçã, não é a maçã, mas a seqüência de fonemas que remete à idéia ou conceito de maçã. Portanto, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (*Op. cit.*, p. 80).

É Trubetzkoy, contudo, que “dá ao fonema sua definição mais estável, que será retomada em toda a fonologia moderna” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 127). Considerado um dos principais representantes da Escola de Praga (ou Círculo de Praga, como também é conhecido), Trubetzkoy dá início à noção de contraste funcional, notoriamente o conceito de **traços distintivos**, e a partir das idéias de Saussure, a Escola de Praga vê a urgência de se distinguir a fonética da fonologia, até então vocábulos utilizados para definir a ciência dos sons. Para os lingüistas dessa escola, a fonologia se ocupa das funções lingüísticas dos sons (dos fonemas propriamente ditos), enquanto a fonética se dedica a descrever a produção e as características dos sons da fala.

Com isso, o conceito de fonema também é reformulado, e o fonema passa a ser visto como a menor unidade distintiva do significante que está no plano da língua, noção já presente no Curso de Lingüística Geral (CLG); menor porque não tem como dividi-la em partes menores; distintiva porque cada unidade mínima representa uma diferenciação de significados intelectuais. Em português, por exemplo, o par mata e lata se opõe unicamente por causa da permuta de /m/ por /l/,

resultando em vocábulos totalmente distintos.

Atualmente, a definição é bastante semelhante à do Círculo de Praga. Câmara Júnior (2000, p. 118), por exemplo, define o fonema como o “conjunto das articulações dos órgãos fonadores cujo efeito acústico estrutura as formas lingüísticas e constitui numa enunciação o mínimo segmento distinto”. Segundo o lingüista há algumas articulações<sup>22</sup> que distinguem os fonemas entre si, tornando-se seus traços distintivos:

Assim, o fonema /t/ em português se define por 3 traços distintivos: 1) uma articulação da ponta da língua com a parte interna da arcada dentária superior (fonema dental), que o distingue por exemplo do /p/, cuja articulação é nos lábios; 2) uma interrupção momentânea da corrente de ar, determinada pela oclusão da cavidade bucal nesse ponto (consoante oclusiva), que o distingue por exemplo do /s/, onde não há essa oclusão; 3) um abrimento da glote, que impede a vibração das cordas vocais e que o distingue por exemplo do /d/, onde há essa vibração; daí, por comutação, *tia* : *pia* : *sai* : *dia*.

Dubois *et al.* (2006, p. 280), de maneira análoga, definem o fonema como “a menor unidade destituída de sentido, passível de delimitação na cadeia da fala”. E acrescentam que cada língua possui “um número limitado e restrito de fonemas (de vinte a cinquenta, conforme a língua) que se combinam sucessivamente, ao lado da cadeia da fala, para constituir os significantes das mensagens”. Isso significa que a partir de um número reduzido de fonemas os indivíduos produzem inúmeras possibilidades de vocábulos dentro de uma dada língua. Em língua portuguesa, por exemplo, tem-se 26 fonemas, um número bem reduzido, se pensarmos na quantidade de palavras existentes neste idioma, além daquelas que são inventadas (neologismos) e das que são incorporadas de outras línguas (estrangeirismos) constantemente.

Câmara Júnior (1985, p. 50) apresenta o quadro das consoantes portuguesas, do qual constam 19 segmentos consonantais, a saber:

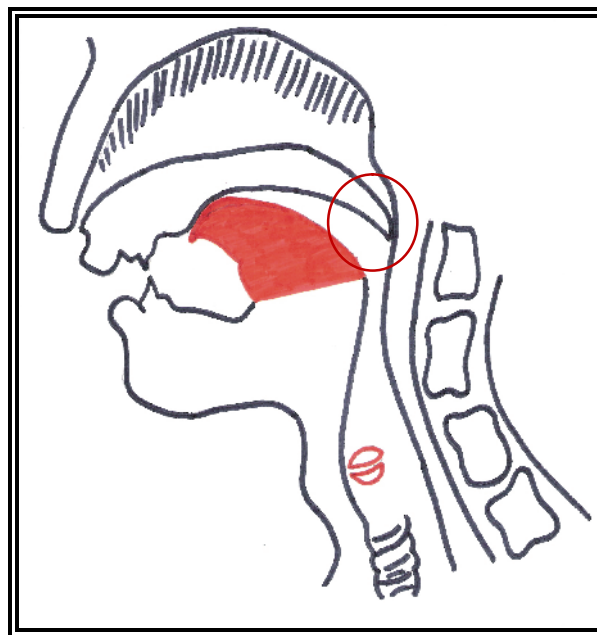
---

<sup>22</sup> O termo articulação refere-se aos “movimentos fisiológicos envolvidos na passagem do ar, modificando-a para produzir os vários tipos de sons da fala, usando os órgãos do aparelho fonador”; um fonema é de articulação primária quando é produzido “em um único ponto de articulação” (CRYSTAL, 2000, p. 31).

Oclusivas	/p/ /b/	/t/ /d/	/k/ /g/
Constritivas	/f/ /v/	/s/ /z/	/š/ /ž/
Nasais	/m/	/n/	/ /
Líquidas		/l/	//
		//	
		/r/	

Sabe-se que as consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios, levando-se em conta: a) *modo de articulação*; b) *zona de articulação*; c) *papel das pregas vocais*; d) *papel das cavidades bucal e nasal*. Classificar os fonemas em português, num primeiro momento, até pode parecer uma tarefa simples, contudo, a diversidade de nomenclaturas e a imprecisão com que esses termos são usados dificultam sobremaneira tal tarefa. De modo geral, o fonema /k/ é classificado como lateral palatal sonora e o fonema /ŋ/ como nasal palatal sonora.

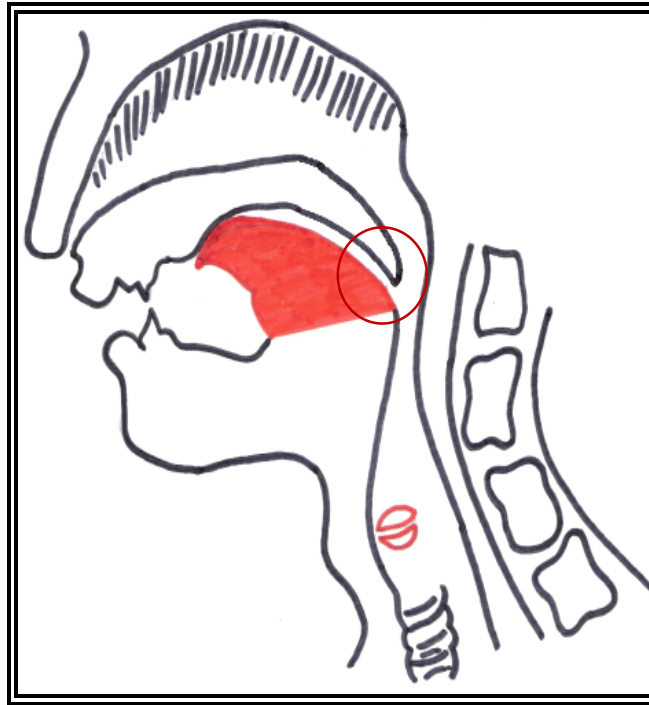
Na figura 1, tem-se, no croqui, a representação da articulação do fonema /k/.



**Figura 1** – Articulação do fonema /k/

Na articulação de /k/, o dorso da língua (articulador ativo) toca o palato médio (articulador passivo). O levantamento da úvula impede que o ar seja expelido pela cavidade nasal, saindo exclusivamente pelas laterais da boca (fonema oral). Na sua produção ocorre a vibração das cordas vocais (fonema sonoro).

A figura 2 traz a representação da articulação do fonema /ɲ/.



**Figura 2** – Articulação do fonema /ɲ/

Para a produção de /ɲ/, o dorso da língua (articulador ativo) toca o palato médio (articulador passivo). Como a úvula permanece em repouso, o ar expelido pelos pulmões passa pelas cavidades nasal e oral (fonema nasal). Na sua produção ocorre a vibração das pregas vocais (fonema sonoro).

A respeito desses dois fonemas, Cristófaró Silva (2003, p. 39-40) tece os seguintes comentários:

A consoante nasal palatal [ɲ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente um glide palatal nasalizado que é transcrito como [ɲ̃] ocorre no lugar da consoante nasal palatal para a maioria dos falantes do português brasileiro.

[...]

A consoante lateral palatal [ɺ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente uma lateral alveolar (ou dental) palatalizada que é transcrita por [ɺ̃] ocorre para a maioria dos falantes do português brasileiro. [...] Pode ocorrer a vocalização da lateral palatal e neste caso temos um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [i] que é transcrito como [y]: [maya].

Os sons palatais, segundo Cagliari (1974, p. 160), são difíceis de classificar, pois se trata de um fenômeno instável; além disso, faltam critérios para a classificação de tais fonemas, e os lingüistas não chegam a um consenso, pois levam em consideração diferentes nomenclaturas e pontos de articulação. As consoantes palatais “localizam-se na região palatal (prepalatal ou central), apresentam os maiores contatos línguo-palatais, exigem maior esforço articulatorio”; quanto aos articuladores “temos a ponta da língua abaixada para trás dos incisivos inferiores”, o que confere um timbre molhado a essas consoantes (*id. ib.*).

Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) (*apud* BECHARA, 2001, p. 69-70), os fonemas palatais da língua portuguesa são quatro: /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ɫ/; já Cristófaró Silva (2003, p. 37) classifica os dois primeiros como alveopalatais, e os últimos como palatais. De acordo com a autora, a diferença está no lugar de articulação. Importa ressaltar que, independentemente da classificação, há unanimidade quanto ao caráter palatal de /ɫ/ e /ɲ/.

É relevante para este trabalho considerar a distinção entre um fonema palatal e um palatalizado. O que caracteriza um fonema palatal é o lugar de articulação, sendo o articulador ativo a parte média da língua e o articulador passivo a parte final do palato duro (fonema de articulação primária).<sup>23</sup> Quanto a um fonema palatalizado, este é, segundo Mattoso Câmara (2000, p. 186), uma “mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, em virtude do desdobramento da parte média da língua no palato médio” (esse processo fonético faz parte das chamadas articulações secundárias<sup>24</sup>). Nessa mesma linha de pensamento, Cagliari (1974, p. 161) afirma que a palatalização é a tendência de consoantes não palatais se localizarem no centro da abóbada palatina, representando um estágio intermediário. Para Cristófaró Silva (2003, p. 35), a palatalização ocorre com o “levantamento da língua em direção à parte posterior do palato duro”; mais precisamente, a palatalização acontece quando “a língua direciona-se para uma posição anterior (mais para a frente da cavidade bucal) do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal”; dessa maneira,

---

<sup>23</sup> Ver os croquis apresentados nas páginas precedentes (figuras 1 e 2).

<sup>24</sup> Nas articulações secundárias, “os sons podem ser produzidos em dois pontos de articulação”, ambos contribuindo para a “nova” identidade do fonema, conforme ocorre nos processos de palatalização, velarização, faringalização, labialização (CRYSTAL, 2000, p. 31).

A consoante que apresenta a propriedade secundária de palatalização apresenta um efeito auditivo de seqüência de consoante seguida da vogal *i*. A palatalização geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores *i*, *e*, *é* (orais ou nasais). Ocorre mais freqüentemente com consoantes seguidas de *i* como em “aliado, kilo, guia”. Pode ocorrer também em consoantes seguidas da vogal *e* como em “letra, leva, tento” (CRISTÓFARO SILVA. *Op. cit.*, p. 35) (grifos da autora).

Após essa abordagem dos fonemas palatais e do que é a palatalização, torna-se mais fácil explicar o processo de despalatalização na língua portuguesa.

Cagliari (1974, p. 161) refere-se à despalatalização como uma etapa da evolução do som palatal, e afirma que o fenômeno se dá por meio do enfraquecimento do contato línguo-palatal. Bergo (1986, p. 70) define o termo como um “fenômeno fonético de caráter individual ou regional que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em conseqüência de não se apoiar devidamente a língua na abóbada palatina ao proferir aquele som”.

Na verdade, a definição de Bergo é restritiva, pois o fenômeno lingüístico em questão tem maior alcance, implicando também o que é denominado na literatura específica de “iotização”, e, ainda, a ocorrência do zero fonético [ø], ou seja, o apagamento completo da consoante. No primeiro caso, tem-se a produção [y] em palavras como pilha [pilya], trabalho [trabayø]. No segundo caso, o do zero fonético, há realizações como a verificada para a palavra milho [miø], muito comuns nas populações não escolarizadas e, com mais freqüência, não urbanas. Mattoso Câmara (2000, p. 149) descreve a iotização (fenômeno decorrente da despalatalização) como a mudança “de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode”. Para o autor, a despalatalização e conseqüente iotização pode ter recebido influência do português crioulo, uma vez que “nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /l<sup>i</sup>/ e /n<sup>i</sup>/; ex.: mulher > /muyé/, *Nhonhô* > *loiô*”.

Aragão (1992, p. 4) acrescenta que fenômenos lingüísticos como a despalatalização são mudanças que ocorrem obedecendo à “necessidade de rapidez e facilidade de articulação aliada ao relaxamento na articulação, ao descompromisso com o falar ‘correto’ e à falta de conhecimentos básicos da língua”. De outra parte, Jota (1981, p. 179) afirma que a despalatalização precede a palatalização, conforme ocorreu com o vocábulo *milia* (lat.) > *milya* > *mi a*. Aragão

(1996, p. 4) corrobora com a posição de Jota, pois, segundo a autora, a iotização antecede a palatalização na passagem do latim para o português:

Assim, em latim havia o iode, que se palataliza no português, como nos casos de *milia*>*milya*>*milha* ou *foelam*>*folha* ou *somnium*>*sonho*, sendo que /l + y/ deram /ʎ/ e /n + y/ deram /ɲ/. [...] no caso da despalatalização, que leva à iotização, o movimento se inverteu, ou seja, o /ʎ/ desdobra-se em /l + y/ e o /ɲ/ em /n + y/.

É na observação da fala espontânea que se nota uma significativa transformação dos fonemas palatais em um processo de despalatalização, o que se manifesta por diversas formas, entre elas a iotização. Aragão (1996, p. 7), por exemplo, lançando mão do *corpus* colhido na pesquisa *Dialetos Sociais Cearenses*, utilizou uma amostragem de 6 entrevistas, visando analisar a realização do /ʎ/ e do /ɲ/ no português falado em Fortaleza, tratando assim, da despalatalização, iotização e apagamento dos dois fonemas, correlacionando-os com os contextos lingüísticos em que foram produzidos. Por meio dos resultados obtidos, a autora percebeu que em certos contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação, esses fonemas “podem perder o traço palatal, passando a ser articulados como alveolares /l/ e /n/, como iode /y/ ou sofrer apagamento, desaparecendo”.

Dalpian e Mea (2002, p. 16), em seu relatório sobre a pesquisa *Do Latim ao Português: Estudos Fonéticos/Fonológicos*, descrevem os vários processos fonético-fonológicos que o português vem sofrendo até os dias atuais, dentre eles, a despalatalização, definida por eles como a “... transformação de um fonema palatal em um não-palatal”, que é um processo “muito comum nas linguagens populares do Brasil, tanto na zona rural quanto na urbana”. Para eles, o fenômeno também é conhecido como ieísmo: *telha* > *teia*, *trabalho* > *trabaio*, *velha* > *véia*, *mulher* > *mulé* e *muié*.

Os aspectos diacrônicos referentes a /ʎ/ e /ɲ/ ajudam a compreender como ocorreram algumas mudanças lingüísticas, notadamente o processo de despalatalização. Christino (2001, p. 48) aponta importantes fatores históricos da herança lingüística dos negros para o português brasileiro, com destaque para o fenômeno da despalatalização, sendo este um fator constituinte da fala popular do PB. Dessa forma, a autora elenca alguns autores que corroboraram tal assertiva:

A despalatalização surgiu, muitas vezes, nas listagens de traços de pronúncia provenientes dos africanos e de seus descendentes (cf. Marques 1933, Melo 1946).

Jaques Raymundo (1933) – que acreditava que o negro tivesse influído sobre a feição particular assumida pelo ‘foneticismo’ e pelo ritmo da ‘fala popular’ em nosso país – punha a despalatalizada ao lado da queda do l e do r finais [...].

Mendonça (1935[1933]) também concebeu a despalatalização e o suarabácti, presentes em nossa linguagem popular, como produtos do falar dos negros.

Em seus estudos históricos, Nascentes (1953, p. 49) comenta as razões de ordem etnográfica que resultaram na dificuldade da pronúncia do /ʎ/ pela classe inculta, e afirma que a “dita classe era composta em sua maioria de índios e africanos que não possuíam este fonema em suas línguas; tiveram de aprendê-lo, aprenderam estropiadamente e deste modo o transmitiram aos seus descendentes.”

Para Chaves de Melo (1981, p. 81), essa transformação pode ter decorrido por meio de uma influência românica ou africana. Mas, apesar de apontar as duas hipóteses, o autor dá preferência à segunda:

Sem embargo, porém de ser evolução românica a lh/y, sou inclinado a explicá-la, aqui no Brasil, por influência africana, uma vez que o fato ocorre de regra nas zonas mais africanizadas, sendo quase geral num ponto intensamente trabalhado dos negros, São João da Chapada, em Minas, segundo nos informa Aires da Mata Machado.

Sobre a hipótese da origem africana para a despalatalização, ressalte-se as considerações de Boléo (1943, p. 47), segundo o qual, no distrito de Ponta Delgado, na povoação de Arrifes, se usava esta pronúncia: “orvaio, carríe (carrilho, nome do carolo = interior da maçaroca, depois de tirados os grãos), ovêias, coêio, cestíias (cestilhas, instrumentos para caçar pássaros), abêia, borraio, joeieira, ajoiear (ajoelhar)”.

Aguilera (1999, p. 158) trata desse processo, apresentando o parecer de pesquisadores como Nascentes (1953), Penha (1972), Câmara Júnior (1979 e 1981), Elia (1979), Jota (1981) e Melo (1981). A autora constata não haver consenso quanto à nomeação do processo, pois enquanto alguns autores o consideram uma despalatalização, outros o conceituam como uma iotização. Para ela, o que ocorre é uma iotização ou uma semivocalização (e não uma vocalização, pois o yode é uma semivogal), descartando a possibilidade de uma despalatalização, pois o yode é palatal também. No decorrer de seu estudo, Aguilera afirma que esse processo é



“um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados”.

Conforme apontou Aguilera, a despalatalização presente nos falares rural e nos das camadas mais populares apresenta algumas marcas do passado, pois traz, em suas formas diversas, alguns traços da língua portuguesa em sua formação, os quais revelam resquícios de outras línguas, como as línguas indígenas e africanas, principalmente.

Para finalizar, uma explicação de cunho fonético tem sido, em paralelo com as explicações e teorias apresentadas acima, utilizada para explicar as causas dos fenômenos. Efetivamente, trata-se de um “afrouxamento” de articulação, o que na fonética é classicamente denominado “lei do menor esforço”, ou seja, uma articulação é substituída por outra que exige menos dos órgãos fonadores envolvidos. Simões (2006b, p. 72) define a lei do menor esforço como “o favorecimento da simplificação articulação” e Messias (1999, p. 72, 2007, p. 9) aborda o assunto como “estratégias para facilitar a tarefa” da articulação.

Conforme anunciado na página 55, retoma-se no item 2.2 a questão da escolha da Sociolinguística como arcabouço teórico-metodológico para a análise.

## 2.2 A Sociolingüística e seu objeto de estudo

Nos dias atuais, a Sociolingüística é amplamente conhecida como uma das ramificações da Lingüística que estuda a relação entre a língua e a sociedade; contudo, muito já se discutiu acerca dessa denominação para designar a ciência que estuda a língua no seu funcionamento social. Percebe-se que a discussão sobre isso teve início a partir do século XX, quando vários autores, ligados ou não à corrente estruturalista<sup>25</sup>, passaram a refletir sobre a relação língua e sociedade.

Nota-se que as discussões acerca da variação nos sistemas lingüísticos não são recentes, e para se estudar a variabilidade da língua havia a necessidade de se definir e sistematizar a sociolingüística, o que começa a se consolidar com os trabalhos pioneiros de Labov, dentre os quais o seu estudo sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts (TARALLO, 1999, p. 7). Nesse Trabalho, Labov explorou a hipótese do conflito entre o que denominou "orientação para o prestígio" e "orientação para a identidade", por meio da análise da variação sonora dos ditongos (ay) e (aw). O motivo da escolha dessa comunidade foi o fato de ser uma unidade auto-suficiente, separada do continente norte-americano por três milhas do Oceano Atlântico e, ao mesmo tempo, por apresentar uma complexidade social e geográfica bastante ampla, no sentido de prover um quadro para diferenciação de comportamento lingüístico. Destaca-se, ainda, o fato de Martha's Vineyard ter 320 anos de história de povoado contínuo e um registro longo de resistência lingüística, preservando, assim, muitas características arcaicas que eram provavelmente típicas do sudeste da Nova Inglaterra antes do século XVIII.

Os estudos de Labov tiveram como objetivo primeiro contribuir para o entendimento geral do mecanismo de mudança lingüística, através da reconstituição da recente história da mudança sonora na comunidade lingüística em questão, para a qual correlacionou o complexo padrão lingüístico com as diferenças decorrentes da estrutura social. De tal sorte, o lingüista conseguiu deixar bastante claro o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação lingüística, ao relacionar fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento

---

<sup>25</sup> Estruturalismo é um termo que foi introduzido na lingüística com a publicação do *Cours de linguistique générale* em 1916, obra póstuma de Saussure; trata-se de um movimento que se baseia nas noções saussurianas de estrutura e sistema.

lingüístico manifesto dos habitantes da Ilha, enfocando mais precisamente a pronúncia de determinados fones do inglês.

Labov concluiu, em 1964, a pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova Iorque, quando elaborou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas que ficou conhecido como Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação. Por ter sido o maior defensor da referida teoria, a mesma também ficou conhecida como Teoria da Sociolingüística Quantitativa Laboviana. Segundo Tarallo (1999, p. 7), “o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”, procurando sistematizar a “variação existente e própria da língua falada”.

Portanto, essa relação língua x sociedade é comprovada principalmente através dos estudos de William Labov, personagem de capital importância nos estudos recentes sobre a linguagem humana. Através de suas pesquisas sobre a variação lingüística, ele conseguiu sistematizar o “caos” que constitui a língua falada, comprovando que a fala é passível de ser analisada cientificamente.

Dessa forma, chega-se a uma conclusão sobre o objeto de estudo da sociolingüística. Embora pareça que ela se ocupa da língua falada, seu alvo é a diversidade da língua; não se despreza, no entanto, o fato de que é através da fala, observada, descrita e analisada em seu contexto social, que encontramos o *corpus* para a análise da variação. Isso não exclui totalmente a modalidade escrita, embora se tenha consciência de que é na fala que encontramos os discursos mais espontâneos e livres de regras gramaticais.

Assim, justifica-se a análise da despalatalização norteando-se pela Teoria da Sociolingüística Variacionista, segundo a qual, como vimos, a mudança é algo inerente à própria linguagem e não há força capaz de detê-la, isso porque para a sociolingüística a instabilidade da língua está relacionada à instabilidade social da comunidade falante.

De acordo com Luchesi e Araújo (2007, p. 2) as pesquisas desenvolvidas por Labov marcaram uma grande importância para o meio científico da linguagem, porque um

[...] estudo sociolingüístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema lingüístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Ao

formalizar esse cenário, a análise sociolingüística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (isto é, *sincronicamente*) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, *diacronicamente*).

A sociolingüística tem a heterogeneidade como foco, pois admite que formas diferentes possam coexistir, o que já foi amplamente discutido nos meios intelectuais. Como exemplos em nosso português, temos as realizações “canidato”, “as foia”, “nós vai”, “eu vi ela”, coexistindo com “candidato”, “as folhas”, “nós vamos”, “eu a vi”. Sabe-se que, mesmo com a presença de formas coexistentes, tem-se muito claro que há certa rivalidade entre elas, pois umas gozam de grande prestígio social e outras, não.

Desse modo, o objeto de estudo da sociolingüística é a variação, e esta é “passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2004, p. 10). Portanto, se a sociolingüística estuda a linguagem em seu funcionamento social e focaliza a variação, notoriamente no âmbito da fala, seus princípios teóricos e metodológicos aplicam-se perfeitamente à análise e observação de fatores lingüísticos e extralingüísticos que influenciam na produção dos fonemas /k/ e /ɲ/ na cidade de Rio Branco.

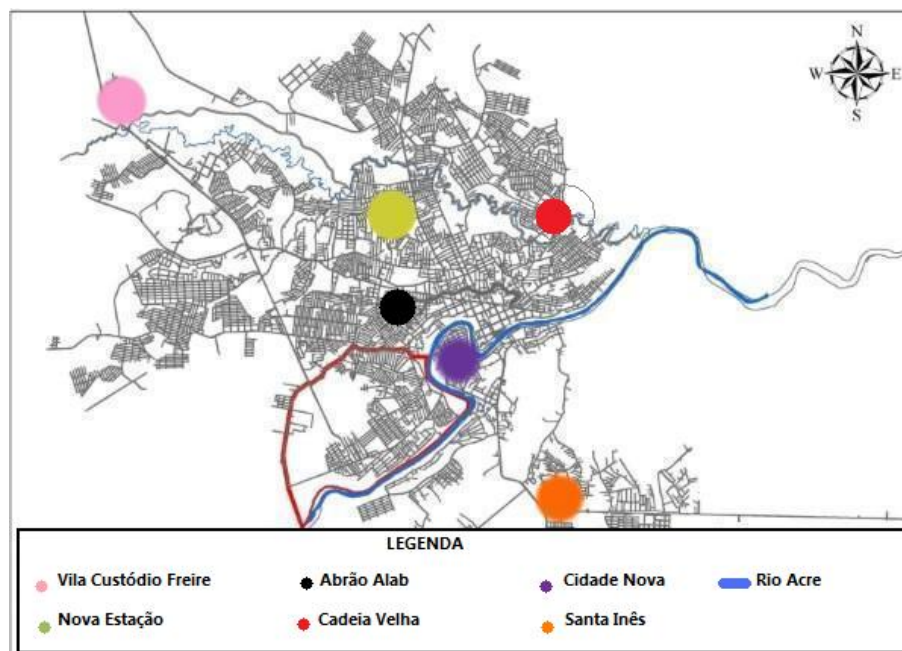
## 2.3 Os procedimentos metodológicos

Para analisar a variação dos dois fonemas acima mencionados, foram feitas gravações com o auxílio de um moderno gravador digital marca Olympus, modelo WS-200S, que além de ter alta capacidade de armazenamento de gravação, ainda permite a fácil transmissão dos dados para o computador através de cabo USB. Esse equipamento possui microfone estéreo embutido, facilitando a captação dos dados e a memória interna é de 128MB. Como medidas de segurança, foram adotados os critérios para a coleta de dados em campo estabelecidos pela equipe do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), a saber:

- gravações com gravadores digitais ou com minidisc;
- gravação simultânea em fitas cassetes;
- presença de, pelo menos, dois ajudantes para o entrevistador no decorrer de cada entrevista.

As informações enviadas para o computador foram analisadas através do pacote de programas VARBRUL (versão 2001), também conhecido por GOLDVARB, um *software* desenvolvido por Cedergren e Sankoff no início da década de 70 que permite a análise probabilística, realizando com rapidez e precisão o cruzamento de dados, além de facilitar a geração de gráficos a partir dos dados catalogados.

As entrevistas foram realizadas, inicialmente, em 4 (quatro) localidades de Rio Branco: Vila Custódio Freire, Nova Estação, Cidade Nova e Santa Inês, selecionadas por sorteio. A seleção dos lugares obedeceu ao seguinte critério: 2 (dois) bairros no Primeiro Distrito e 2 (dois) no Segundo, tendo-se em vista que a cidade é cortada pelo Rio Acre, que se torna o divisor natural entre os dois distritos. Em virtude de dificuldades para encontrar determinados perfis em alguns desses bairros, efetuou-se um segundo sorteio que contemplou a Cadeia Velha e o Abraão Alab, ambos no primeiro distrito.



**Figura 3** – Mapa de Rio Branco (Fonte: Prefeitura Municipal de Rio Branco – Setor de Georreferenciamento), com adaptações.

Para a obtenção dos dados para análise, aplicou-se um Questionário Fonético-Lexical (QFL<sup>26</sup>) baseado no que foi elaborado por Soares (2002, p. 78-80), com algumas mudanças para adaptação à nova pesquisa e ao contexto acreano. Por exemplo, optou-se por trocar a pergunta de nº 17, que era originalmente “Qual o mês de férias e de praia na cidade?”, por “Qual é o mês que vem antes de agosto?”, com o intuito de se obter como resposta a palavra “julho”. Justifica-se essa permuta pelo fato do Acre não ser um estado litorâneo.

O QFL é composto de 58 (cinquenta e oito) perguntas de fácil entendimento, elaboradas para dar margem a respostas simples e objetivas, sendo 33 para as realizações de /k/ e 25 para as de /ɲ/.

Por outro lado, não se descartou a narrativa, considerada “a mina de ouro” para os sociolinguistas, pois prioriza a narração e experiência pessoal do entrevistado, que deixa de se preocupar em *como* dizer e passa a pensar no *que* dizer, favorecendo a gravação da fala natural do entrevistado (TARALLO, 1999, p. 23). Todavia, como as ocorrências de palavras com os fonemas em estudo eram poucas, o QFL foi o principal instrumento para a criação do *corpus*; verificada essa dificuldade inicial, optou-se por realizar apenas 2 (duas) narrativas por bairro, sendo

<sup>26</sup> O QFL consta nos anexos.

um homem e uma mulher, resultando em 8 (oito) narrativas para análise da fala espontânea e posterior comparação com as ocorrências do rol de perguntas.

Para a composição da amostra, levaram-se em conta elementos lingüísticos e extralingüísticos, os primeiros compreendendo o contexto fonético precedente, o contexto fonético subseqüente, a tonicidade da sílaba, e, ainda, a classe das palavras; e os segundos abrangendo o gênero, a faixa etária e a escolaridade.

Em cada bairro, pretendia-se realizar 18 entrevistas, sendo 9 homens e 9 mulheres, subdivididos em três faixas etárias: faixa a – FA) 18-35 anos ; faixa b - FB) 36-53 anos; e faixa c - FC) a partir de 54 anos. Essa distribuição é bem visualizada no organograma da figura 4.

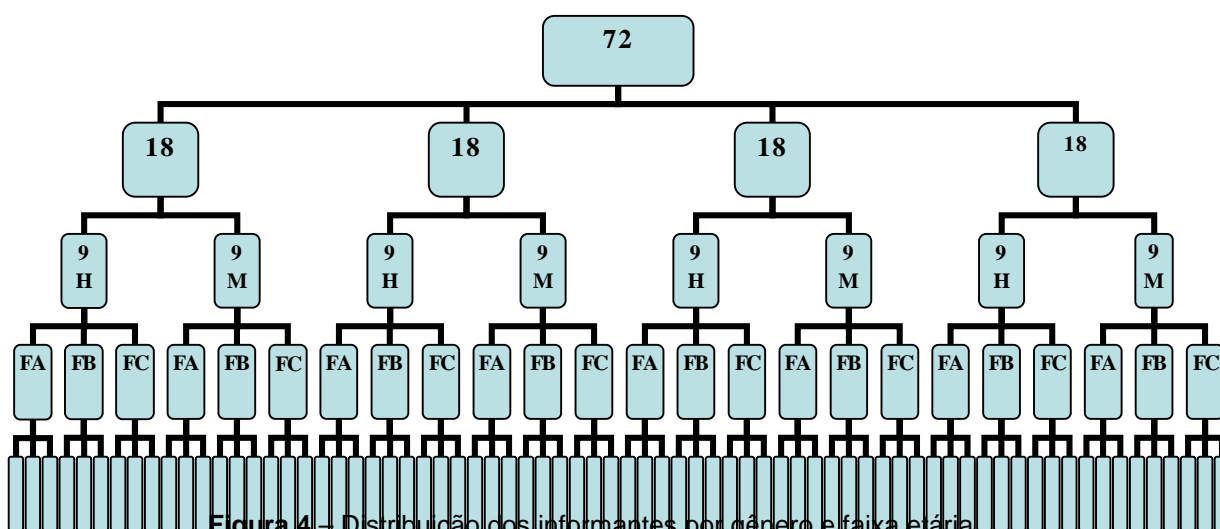
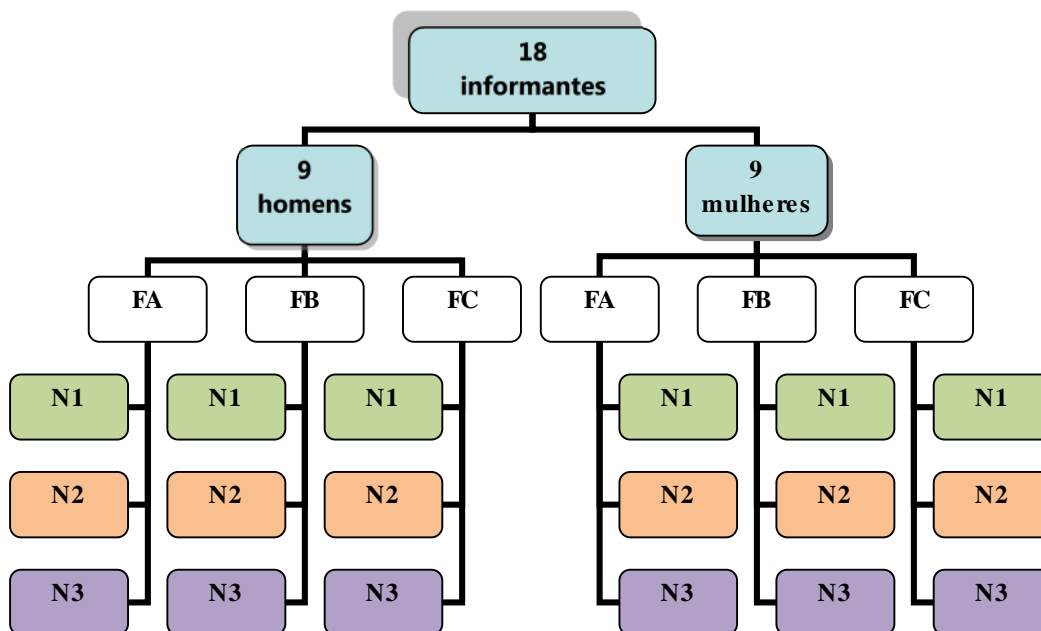


Figura 4 – Distribuição dos informantes por gênero e faixa etária.

No total, foram entrevistadas 72 pessoas cujas produções de /k/ e /ɲ/ serviram de *corpus* para a análise. São 36 homens e 36 mulheres, e 24 informantes (homens e mulheres) por faixa etária.

Além da idade, foram levados em consideração os níveis de escolaridade, a saber: 1) baixa ou nenhuma escolarização (até a 4<sup>a</sup>. série do ensino fundamental) (N1); 2) ensino fundamental e médio (da 5<sup>a</sup>. série ao ensino médio) (N2); 3) nível superior (qualquer graduação, concluída ou em andamento) (N3). Assim, acrescentando o fator nível de escolaridade aos fatores gênero e faixa etária já presentes no organograma da figura 4, construiu-se um novo organograma (figura 5), representativo de cada localidade pesquisada em que foram encontrados todos os perfis pré-estabelecidos, a saber, Nova Estação e Cidade Nova.



**Figura 5** – Distribuição dos informantes por gênero, faixa etária e nível de escolaridade

Dessa maneira, obtém-se boa visualização dos dados até aqui apresentados. Desta feita, a amostra é por localidade e pode-se observar que para cada um dos dois grupos (homens e mulheres) distribuem-se, nas três faixas etárias, os informantes por nível de escolaridade, à razão de 1 representante de cada nível para cada faixa. Outra possível leitura do organograma leva ao entendimento de que os informantes foram dispostos numa ordem binária: dois do nível 1, um homem e uma mulher, na faixa etária A; dois do nível 1, um homem e uma mulher, na faixa etária B; e assim por diante.

Em termos de número total, por nível de escolaridade, são 24 informantes<sup>27</sup>.

Esses dois organogramas serviram de guia e de “termômetro” durante toda a fase da coleta de dados.

Para calcular o número total das palavras pertencentes ao *corpus*, deve-se multiplicar o número de perguntas do QFL, 58, pelo número de informantes, 72. Dessa operação resultaria o total de 4.176 respostas, o que significa 4.176 produções com /ʎ/ ou /ɲ/. Em separado, seriam 1.800 produções contendo /ɲ/ e 2.376 contendo /ʎ/. No entanto, houve casos de algumas perguntas não serem respondidas com a palavra que se esperava, o que reduziu o *corpus* a 3.954

<sup>27</sup> Por exemplo, 6 informantes N1 x 4 localidades = 24.



produções, 1.730 com /ɲ/ e 2.224 com /ʎ/. Foram 222 respostas diferentes das esperadas, entre elas, a título de exemplo, a palavra “meia” para a pergunta n. 5 – Tipo de tecido de algodão, mole e delicado? – no lugar de “malha”.

Cada gravação feita a partir da aplicação do QFL durou, em média, 10 minutos, o que dá um total de 720 minutos (12 horas) de gravação. Além disso, há ainda as gravações das narrativas, com uma média de 15 minutos, cada, num total de 120 minutos (2 horas)<sup>28</sup>.

No que concerne às transcrições grafemática e fonética das respostas e das narrativas, fez-se necessário ouvir os registros por, no mínimo, três vezes, perfazendo assim um total de 2.520 minutos (42 horas) dispensadas apenas para o trabalho de transcrição.

Com relação à transcrição fonética, utilizou-se a fonte IPAkiel e o Alfabeto Fonético Internacional (IPA<sup>29</sup>). A título de exemplo, apresentam-se as transcrições grafemáticas e fonéticas de 10 produções de 4 informantes. Nos anexos encontram-se 2 exemplos completos referentes a 1 informante do sexo masculino e outro do sexo feminino.

VOCÁBULOS	REALIZAÇÕES			
	Informante n. 26 (homem)	Informante n. 51 (mulher)	Informante n. 58 (homem)	Informante n. 72 (mulher)
Joelho	joelhu [ʒo eʎu]	juelhu [ʒu eʎu]	jueio [ʒu ejo]	juelhu [ʒu eʎu]
chocalho	chocalhu [ʃo kaʎu]	chucalhu [ʃu kaʎu]	chucai [ʃu kaj]	chucalhu [ʃu kaʎu]
Alho	alhio [aʎju]	alhu [aʎu]	alio [aljʊ]	alio [aljʊ]
Retalho	retalio [re talju]	retalio [re talju]	retalio [re talju]	retalhu [re taʎu]
Baralho	baralhu [ba raʎu]	baralio [ba ralju]	baralhu [ba raʎu]	baralio [ba ralju]
banheiro	bãieru [bã jerʊ]	banheiru [bã perʊ]	bãieru [bã jerʊ]	bãeru [bã erʊ]
dinheiro	dĩeru [dʒĩ erʊ]	dinheiru [dʒĩ perʊ]	dĩeru [dʒĩ erʊ]	dĩeru [dʒĩ erʊ]
Sonho	sonhu [sõɲu]	sõnius [sõɲju]	sõiãnu [sõjãɲu]	sõnio [sõɲju]
estranho(a)	estranhu [es trãɲu]	istrãnio [is trãɲju]	istrãio [is trãju]	istrãia [iʃ trãje]
Fucinho	Fucin [fu çĩ]	fuçiu [fu çiu]	fucin [fu çĩ]	fuçiu [fu çiu]

<sup>28</sup> 8 narrativas x 15 minutos = 120 minutos (2 horas).

<sup>29</sup> *Internacional Phonetic Alphabet.*

Em relação à narrativa, a estratégia foi dizer ao entrevistado que ele deveria falar sobre o seu bairro, abordando itens como formação do local, saneamento básico, escolas, postos médicos etc. Duas transcrições fonéticas, na íntegra, constam dos Anexos, conforme anunciado na parte introdutória deste trabalho. As frases transcritas a seguir foram ditas por um homem de 55 anos de idade, morador do bairro Cidade Nova.

1. [...] na época do governo do Danfã [dã tʃĩɐ] foi muito difícil pra gente [...]
2. [...] pra todos os seringueiro que morava, viviam da castãia [kas tãjɐ], do extrativismo, ficou difícil [...]
3. [...] A minhia [mĩnjɐ] irmã mais velha [veʎɐ] trabalhava [traba ʎavɐ] de funcionária doméstica [...]
4. [...] conseguimos um terreno aqui na bêra do ri, fizemo uma cašia [ka žĩɐ] cuberta de palha [paʎɐ] [...]
5. [...] trabalhei [traba ʎjej] muito na pista do aeroporto [...]
6. [...] morano na Cidade Nova esse tempo todin [to dʒĩ] [...]

Conforme mencionado anteriormente, a narrativa é muito importante para o registro da fala espontânea, contudo, observou-se, durante a realização da pesquisa, que as ocorrências de palavras com /ʎ/ e /ɲ/ não seriam suficientes para um estudo satisfatório. A narrativa deste informante, por exemplo, contém 2.264 palavras, das quais apenas 23 apresentam os fonemas ora sob análise, o que representa pouco mais que 1% do total de vocábulos. Esse fato justifica a utilização do QFL em detrimento das narrativas. No entanto, as narrativas, embora com muito menor número de ocorrências, foram utilizadas como parâmetro de validação dos dados encontrados naquele questionário.

Muito embora as narrativas tenham sido relativamente pobres em termos de frequência das variantes esperadas, informantes como este foram de grande valia para a pesquisa, uma vez que, além de contribuir para a constituição do *corpus* da fala espontânea, forneceram elementos para a compreensão dos aspectos sociais de suas comunidades. No caso, o informante foi presidente da Associação de Moradores por diversas vezes, o que lhe conferiu grandes conhecimentos acerca da situação do bairro.

Quanto aos entraves da pesquisa, inicialmente constatou-se a dificuldade em encontrar informantes com perfil para preencher a faixa A (18-35 anos) com escolarização nível 1 (0-4ª série), pois, hoje em dia, dificilmente são encontradas pessoas jovens analfabetas ou com baixa escolarização. Similarmente, também foi difícil encontrar pessoas que se encaixassem na faixa C (a partir de 54 anos), com nível de escolaridade 3 (superior completo ou em andamento), uma vez que o acesso ao ensino superior só começou a crescer, no Estado do Acre, a partir das duas últimas décadas. Na Vila Custódio Freire e no bairro Santa Inês<sup>30</sup> não foi possível encontrar um informante (homem) que se encontrasse na FC e no N3. A solução foi selecionar outros bairros de Rio Branco, por sorteio e também de forma aleatória, para entrevistar pessoas que se adequassem ao perfil. Os bairros acrescentados foram Cadeia Velha e Abraão Alab.

É importante ressaltar que, além dos fatores gênero, idade e escolaridade, os informantes selecionados são acreanos, ou chegaram ao Acre, especificamente a Rio Branco, até os cinco anos de idade, uma vez que, segundo Tarallo (1999, p. 28-30), esta é a idade máxima para um indivíduo se integrar na comunidade falante e desta compartilhar os traços lingüísticos.

---

<sup>30</sup> Ver mapa da figura 3 no item 2.3.

## 2.4 O *locus* da pesquisa

A composição da amostra foi feita na cidade de Rio Branco, fato que justifica um breve histórico da capital acreana. Por questões de contextualização, é necessário fornecer, também, algumas informações sobre o estado na qual essa cidade está situada. Destarte, o Acre é um estado brasileiro localizado na Região Norte, ocupando uma extensão territorial de 164.221,36 Km<sup>2</sup>, o que corresponde a 3,2% da Amazônia brasileira, 1,92% do território nacional e 4,26% da região na qual se localiza<sup>31</sup>. Ele faz fronteira com os Estados do Amazonas e de Rondônia e com os países Bolívia e Peru. Rio Branco, que ocupa uma área de 8.831 Km<sup>2</sup>, é o município mais populoso do Acre, com uma população estimada em 314.127.

O estado do Acre foi muito importante para aquecer a economia do país no final do século XIX e início do século XX visto que, nesse período, a borracha foi considerada uma importante matéria-prima e países do mundo inteiro, principalmente os mais desenvolvidos industrialmente, passaram a importá-la; segundo Costa (2005a, p. 38) “a produção gumífera acreana era significativa no cenário da economia nacional, atingindo, em 1909, 29,7% das exportações e 40,13%, em 1910”.

Com o interesse despertado pela extração da borracha, os olhares se voltaram para a Amazônia, atraindo seringalistas e comerciantes para se instalar na região; além dos “patrões” vieram muitos nordestinos, fugindo da seca e atraídos pelo “El-dorado” amazônico, pessoas que sonhavam em conquistar melhores condições de vida ou até mesmo grandes fortunas.

Inicialmente, o povoamento da Amazônia ocorreu no Primeiro Surto da Borracha (da segunda metade do século XIX até 1913), que atraiu pessoas oriundas sobretudo do nordeste, mais precisamente do Piauí, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Ceará, de Alagoas e de Pernambuco. Todavia, foi, notoriamente do Ceará o maior índice de imigração. Conforme Costa (2005b, p. 95) a entrada de cearenses na Amazônia explica-se, em parte, “pelo fenômeno climatérico assolador, que secava os rios, despovoava os lares, ermava os campos, transformava as campinas verdejantes em nuas e áridas estepes da morte”; de outro

---

<sup>31</sup> ACRE. Governo do Estado do Acre. Disponível em: <<http://www.ac.gov.br>>. Acesso em: 8 set. 2008.

modo, esses processos de imigração para a região amazônica eram incentivados pelo “sucesso dos primeiros cearenses que se internaram e puderam voltar prósperos ou se firmaram na região como proprietários eventuais de latifúndios borracheiros” (COSTA, *op. cit.*, p. 97).

Após o segundo surto da borracha, que coincidiu com a Segunda Guerra Mundial, além de nordestinos, migraram para o Acre pessoas do sul do país e alguns estrangeiros, como sírios, libaneses e turcos (SOUZA, 2005, p. 69). Foi nesse período que os seringueiros foram denominados “soldados da borracha”, porque optaram em ir para a batalha da borracha em vez de ir para a guerra.

Percebe-se que na formação da identidade do povo acreano há um forte componente cearense. Uma característica do falar cearense que pode ser observada na fala dos acreanos é a pronúncia aberta do “e” e do “o” pretônicos,<sup>32</sup> conforme ocorre em vocábulos como: elefante, secretária; Bolívia, coração etc. Há também algumas expressões tipicamente nordestinas, como “vou me abufelar contigo”, indicando agarramento, carinho; “arre, égua!”, utilizada para expressar emoção, raiva, espanto ou exagero. Aragão (2001, p. 57-58), ao analisar oito atlas lingüísticos do Nordeste brasileiro (Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão), cita alguns exemplos de vocábulos encontrados nesses estados.

**Abestado** – abobalhado, bobo, otário, idiota (CE, PI); [...] **Baixa da égua** – lugar imaginário, incerto, duvidoso, ‘longe que só a porra’, não sabido (AL, PB, RN, CE, PI); [...] **Gastura** – indisposição estomacal, enjôo, náuseas, sensação de fome sensação desagradável produzida pelo tato, audição ou ao sabor (BA, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA).

Essas palavras também fazem parte do léxico acreano embora, hodiernamente, essas características lingüísticas pareçam estar sendo atenuadas por influência da mídia e das levas migratórias mais recentes, vindas principalmente do sul do país. Contudo, elas ainda são muito presentes na fala dos acreanos, principalmente nas gerações mais antigas.

Até o final da década de 60, a população da zona rural era predominante no estado do Acre; somente a partir de 1970 houve um “forte crescimento da população urbana e redução no ritmo de crescimento da população rural” (ACRE, 2000, p. 74). O êxodo rural foi ocasionado pelo declínio da borracha a partir da década de 70, e

---

<sup>32</sup> Sabe-se que essa característica não é restrita aos falares cearenses.

as cidades cresceram bastante a partir dessa época, principalmente Rio Branco. Como a cidade não estava preparada para receber um fluxo migratório tão intenso, foi crescendo de maneira desordenada, por meio de invasões. Isso acarretou muitos problemas, vários deles enfrentados até hoje por diversos bairros, como a falta de saneamento e infra-estrutura básica necessária para se ter o mínimo de higiene e saúde.

Os transtornos causados pelo crescimento desordenado são visivelmente percebidos nas localidades envolvidas na pesquisa. A Vila Custódio Freire, de acordo com os próprios moradores, teve início onde funcionava o antigo lixão de Rio Branco, o que ocasiona até os dias atuais vários problemas de saúde naquela comunidade. Apesar de já existir há mais de três décadas, a vila ainda não conta com um posto de saúde e não possui água encanada; tampouco há fossas e sistema de esgoto. Trata-se de uma situação de risco constante haja vista que a população é carente e não tem condições de comprar água diariamente, obrigando-se a cavar poços em áreas inadequadas devido à contaminação do solo.

De acordo com o Presidente da Associação de Moradores da Custódio Freire, várias manifestações foram realizadas para as autoridades tomarem ciência, no entanto, todos os esforços foram em vão. A distância para o centro da cidade é de aproximadamente 15 km, o que o torna um dos lugares mais distantes da cidade. É a última localidade urbana no sentido da BR 364 Rio Branco/Sena Madureira. A Escola Estadual Aracy Cerqueira, é a única instituição de ensino, atendendo o ensino fundamental (1<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>). Dessa forma, para cursar o ensino médio os alunos precisam se deslocar para outros locais, como Conjunto Universitário, Conjunto Tucumã, Centro da cidade etc.

Verificou-se através das conversas informais antes das gravações que a maioria das pessoas residentes na Vila Custódio Freire são provenientes da zona rural; aliás, o local está cercado por fazendas, chácaras e pequenos pólos de assentamento, bem como de produção agrícola. De fato, são facilmente observáveis hábitos essencialmente rurais, tal qual o uso do cavalo como meio de transporte. Ressalte-se que a escola do bairro, Aracy Cerqueira, é considerada pela Secretaria de Estado de Educação do Acre como sendo de zona rural.

A Nova Estação, outra localidade enfocada pela pesquisa, surgiu de uma invasão em 1985, mais precisamente em 12 de outubro, de acordo com um dos moradores mais antigos. Este morador exerceu por diversas vezes o cargo de

secretário da associação de moradores e informou que, hoje, 23 anos depois, a comunidade quase não avançou em termos de melhoria habitacional, porque ainda não há um posto de saúde para atender os habitantes sendo que estes procuram auxílio médico no centro de saúde Barral y Barral, na Estação Experimental. No que diz respeito à escolarização, pode-se dizer que houve um significativo progresso, pois há três escolas: 1. Escola Municipal São Francisco de Assis I (Educação Infantil a 4ª série); 2. Escola Municipal Ione Portela da Costa Casas (Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série); 3. Escola Estadual Maria Chalub Leite (Educação Infantil a 8ª série do Ensino Fundamental).

Quanto à infra-estrutura, de modo geral, a Nova Estação possui esgoto apenas nas ruas principais: São Sebastião, Belém e Formosa; o asfaltamento também é raro, havendo nas ruas anteriormente citadas, acrescentando-se apenas mais uma, a Rua São Luís. O lixo é recolhido normalmente, três vezes por semana; a água utilizada é, em grande parte, de poços e cacimbas, tanto para o banho e lavagem de roupas quanto para o cozimento dos alimentos e bebida, já que a água encanada existe, mas dificilmente a rede é abastecida.

A história da Cidade Nova, terceira localidade em que o QFL foi aplicado, se confunde com a própria história de Rio Branco. É um bairro situado às margens do Rio Acre e representa um núcleo inicial de povoação desta capital. De acordo com um informante, a história o bairro assim se configura:

[...] naquela época que tava na invasão dos seringais [...] tava todo mundo sendo expulso, né, os fazendero comprava as terra tudinhu [tu dʒĩnu], cê tinha [tĩna] que... inchar as cidade, mesmo, né, era questão de todo o Brasil tava assim, né, mas aqui na nossa... no nosso Acre aqui foi uma porrada muito grande que a gente pegou, quem tava no seringal ãia [tĩia] que... “ôta” opção era vim pa cidade, né, poque o patrão vendia o seringal todin [to dʒĩ], ãia [tĩia] que formar fazenda e pronto [...].<sup>33</sup>

Na maneira simples do informante se expressar há uma forte análise social do que acontecia à época, pois ele compreende os motivos que o levaram a sair, ainda criança com sua família, para o centro urbano. A formação da Cidade Nova coincide justamente com o grande êxodo rural ocasionado pelo declínio da borracha a partir de 1960, pois as populações residentes nos seringais se viram obrigadas a procurar novos meios de subsistência e a única “opção” era vir para a cidade. Assim, o

---

<sup>33</sup> Observem-se as articulações palatais do fonema /ɲ/ nas palavras “tudinho” e “tinha”, a articulação despalatalizada na palavra “tinha”, bem como o apagamento do fonema e conseqüente redução silábica em todim.

crescimento de Rio Branco,

[...] que já vinha alimentando-se do deslocamento populacional desde a década de 1960, foi nutrido tanto pelas populações expropriadas dos seringais quanto pelas populações que, em face às condições difíceis vividas nos seringais, precisavam se deslocar de lá para sobreviver. (LIMA, 2006, p. 43).

Conforme alguns moradores mais antigos, a Cidade Nova começou a existir a partir da década de 1970, portanto, há quase 40 anos. Apesar de ser um bairro próximo ao centro da cidade, ainda faltam muitas benfeitorias. Conforme um ex-presidente da Associação de Moradores, somente em 1988, foram feitos os primeiros bueiros; anteriormente a esse ano, os esgotos corriam a céu aberto. A água é encanada e a rede é abastecida regularmente. A maioria das ruas é asfaltada ou calçada com tijolos, sendo poucas as que ainda permanecem sem calçamento algum.

Além do Terminal Rodoviário de Rio Branco estar localizado nesta área, a comunidade conta também com quatro escolas para as suas crianças, a saber: 1. Escola Municipal Ana Turan (Educação Infantil); 2. Escola Municipal Willy Viana das Neves (Educação Infantil); 3. Escola Municipal Madre Hildebranda da Pra (Ensino Fundamental – 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. série); 4. Luíza Carneiro Dantas (Ensino Fundamental – 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. série).

Muitos são os problemas enfrentados pelos moradores e a violência ainda é alta, apesar de ter sido reduzido nos últimos anos. Outro problema enfrentado pelas pessoas residentes na Cidade Nova é o alagamento, tendo em vista a proximidade com o Rio Acre (ver figura 3 no item 2.3); nos períodos em que o rio fica cheio, é grande o sofrimento para algumas famílias que chegam a ficar desabrigadas.

No tocante ao bairro Santa Inês, trata-se de uma localidade bastante nova, com início, segundo os moradores mais antigos, em 13 de junho de 1992, possuindo, portanto, apenas 16 anos. A infra-estrutura não difere das dos demais locais selecionados para compor a amostra: a maioria das ruas não é asfaltada, nem todos têm acesso a água encanada e a rede de esgoto é muito precária. Há três estabelecimentos de ensino: Escola Estadual Antônia Fernandes de Freitas, oferecendo de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental; Escola Municipal Clarisse Fecury, que oferta de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental; Escola Municipal Chico Mendes, que oferece da Educação Infantil a 4<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental.

A comunidade desse bairro é simples, muitos são desempregados, e os filhos



desses moradores passam muitas horas na ociosidade. O atual presidente, contudo, desenvolve um projeto importante, uma escolinha de futebol, atividade que tira essas crianças da rua, proporcionando-lhes lazer e esporte, bem como ocupação por mais horas durante o dia.

Como foi afirmado na página 74, houve alguns entraves no decorrer da coleta de dados, entre os quais o fato de não se encontrar pessoas com os perfis adequados nos primeiros bairros selecionados. Por conseguinte, houve a necessidade de completar o número de informantes estabelecidos nos objetivos com indivíduos de outros bairros, com dois homens e uma mulher do bairro Abraão Alab e três homens e duas mulheres da Cadeia Velha.

O Abraão Alab, segundo entrevista concedida pelo terceiro morador do bairro, por ordem de chegada e de antigüidade, foi fundado pelo prefeito da cidade de Rio Branco, Senhor Raimundo Melo, em 1967. Consta que foi o segundo bairro planejado de Rio Branco, sendo todo pavimentado e possuindo sistemas de distribuição de água, sistema de esgoto, energia elétrica e telefone. Há duas escolas, uma municipal, Diogo Feijó, de ensino fundamental (5ª a 8ª série) e a outra particular, Colégio Meta, também com ensino fundamental de 5ª a 8ª série e, ainda, com o ensino médio.

A Cadeia Velha, conforme informações fornecidas por um antigo morador do bairro é um dos primeiros bairros da cidade. Era um seringal que depois se tornou fazenda, daí surgindo o bairro, de forma que não foi planejado. Todo ele é asfaltado e sua principal avenida é a Epaminondas Jácome em que se concentram órgãos públicos e grande comércio. Conta com sistema de distribuição de água, com sistema de esgoto, energia elétrica, telefone; como está situado às margens do Rio Acre, possui um porto fluvial. Há uma escola profissionalizante, o SENAI e o bairro está situado próximo a localidades com escolas de nível fundamental e médio como o bairro do Aviário, da Cerâmica e o centro de Rio Branco.

De maneira geral, note-se que a população da amostra, assim como a de Rio Branco e a de todo Estado do Acre, há poucas décadas era predominantemente rural. Nesse sentido, Lima (*op. cit.*, p. 45-46), ao traçar um panorama histórico a partir dos Censos do IBGE, percebeu que na capital, Rio Branco, havia 4.945 habitantes na zona urbana e 11.093 na zona rural na década de 1940; as constantes migrações inverteram totalmente a situação: em 2000 a concentração de pessoas na zona rural ficou em apenas 26.761, enquanto na urbana havia 226.298 habitantes.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

O fenômeno da despalatalização tem condicionamentos lingüísticos internos ao vocábulo e extralingüísticos, estes últimos relacionados ao sexo, à idade e à escolaridade dos falantes.<sup>34</sup> No que se refere aos condicionamentos lingüísticos, consideraram-se os segmentos fonéticos precedente e subsequente, a tonicidade da sílaba e a classe gramatical da palavra.

Por questões metodológicas, faz-se aqui a retomada das hipóteses apresentadas na parte introdutória deste trabalho. Assim, para os dois primeiros grupos de fatores, o segmento fonético precedente e o segmento fonético subsequente, adotou-se o mesmo pressuposto de Soares (2002, p. 42) para seus dados: “os fenômenos de variação decorrem de assimilação devido à contigüidade de segmentos semelhantes do ponto de vista fonético”. Além disso, creditaram-se essas ocorrências ao menor esforço articulatório desprendido nas realizações despalatalizadas.

Para o terceiro grupo, tonicidade da sílaba, postulou-se a ação da posição não tônica para as realizações despalatalizadas. Assim, estimou-se que o maior número de despalatalização ocorreria fora da posição tônica, por sua natureza mais forte; a posição átona, mais fraca é, do ponto de vista articulatório, mais favorável à transformação, à redução e mesmo ao apagamento dos segmentos.<sup>35</sup> Vendo-se de outra maneira, esperou-se que as articulações palatais e palatalizadas ocorressem sob a influência da sílaba tônica.

Para o quarto grupo, classe de palavras, consideraram-se as categorias verbos, adjetivos e substantivos, não se aventando hipóteses, mas, buscando verificar se as variantes poderiam ser implementadas por meio do componente morfológico.

---

<sup>34</sup> Evidentemente, há outros condicionantes extralingüísticos. Soares (2002), por exemplo, analisou também a renda de seus informantes.

<sup>35</sup> MESSIAS, Lindinalva (1999) encontrou nos dados de sua tese diversas evidências do enfraquecimento dos sons em posição átona, sobretudo em final absoluta.

No concernente aos condicionamentos extralingüísticos, três fatores foram observados conforme mencionado acima, o sexo, a idade e a escolaridade dos falantes. De forma similar à de outros estudos, acreditou-se que os dois últimos fatores deteriam o maior grau de influência para as realizações palatais ou palatalizadas, pela inserção dos jovens no mercado de trabalho e na escola. Quanto ao sexo, alguns estudos indicam a preferência das mulheres pelas variantes de maior prestígio, contudo, preferiu-se, neste trabalho, creditar as maiores distâncias entre os números e percentuais à idade e escolaridade.

A análise estatística dos dados foi feita por meio do pacote de programas VARBRUL (versão 2001), também conhecido por GOLDVARD 2001, o qual é uma adaptação para se trabalhar em ambiente *Windows*. Para que os dados pudessem ser processados, foram criadas células para especificar as variáveis lingüísticas e sociais, já citados neste texto: contextos fonéticos antecedente e subsequente, classe de palavra, tonicidade da sílaba em que se encontra a variante, sexo, faixa etária e escolaridade dos informantes. Uma das novidades desta versão do VARBRUL é a possibilidade de se copiar os códigos diretamente de um arquivo do *Word* para um arquivo com extensão .tkn<sup>36</sup>. Nas versões anteriores, os códigos armazenados em arquivo .doc deveriam ser digitados novamente em um arquivo .tkn, o que demandava muito mais tempo.

Para a leitura computacional dos dados, a primeira tarefa foi a codificação de todas as palavras a serem analisadas, ou seja, necessitou-se criar códigos específicos para cada vocábulo. O programa gera, após a codificação dos dados, freqüências absolutas e relativas de ocorrência da variável para cada grupo de fatores. Por meio das freqüências o VARBRUL oferece tabelas mostrando os grupos de fatores que possuem problemas a serem corrigidos antes de gerarem os pesos relativos; um desses problemas pode ser a falta de dados em algum fator (*knockouts*<sup>37</sup>). Quando isso ocorre, o problema deve ser resolvido através da combinação ou supressão de fatores, tendo-se em vista que o peso relativo só pode ser calculado se não houver a presença de *knockouts*.

---

<sup>36</sup> Extensão de arquivo criada pelo VARBRUL para especificar um arquivo de dados; com base nesse arquivo são gerados os percentuais, os pesos relativos, a freqüência das variantes e o cruzamento de grupos lingüísticos e sociais.

<sup>37</sup> Ocorre quando o programa detecta a presença de fatores com freqüência zero, ou seja, não aponta variação diante de um determinado fator.

Os pesos relativos são gerados de duas formas: *step up*<sup>38</sup> e *step down*<sup>39</sup>, e após esses processos o programa aponta qual foi a melhor rodada<sup>40</sup> de ambos os procedimentos. Para realizar os cálculos dos pesos, o VARBRUL faz um teste de verossimilhança (*loglikelihood*), e através desta verificação o *software* estabelece os níveis de significância (*significance*<sup>41</sup>) dos grupos em apreciação.

O primeiro grupo de fatores deve, obrigatoriamente, ser o grupo da variável dependente, ou seja, que fenômeno se quer observar; no caso, criou-se o código P para as palavras com permanência da lateral palatal /ʎ/ e da nasal palatal /ɲ/ e, e o código D para as palavras que passaram por despalatalização. Os demais grupos, que envolvem os fatores lingüísticos e extralingüísticos, referem-se às variáveis independentes.

Antes das primeiras análises computacionais, foram realizados os *checktokens*, um recurso do VARBRUL para verificar e corrigir erros na codificação dos dados. Corrigidas as informações, os primeiros resultados obtidos mostraram os dados mais gerais, sem cruzamento de informações.

O gráfico n. 1 ilustra a incidência da variável dependente (palatalização e despalatalização) verificada num total de 3.954 palavras contendo /ʎ/ e /ɲ/, coletadas a partir da aplicação do QFL, sendo que 1.384 sofreram alguma transformação. Dessa totalidade, 2.224 produções apresentaram realizações de /ʎ/ e 1.730 de /ɲ/.

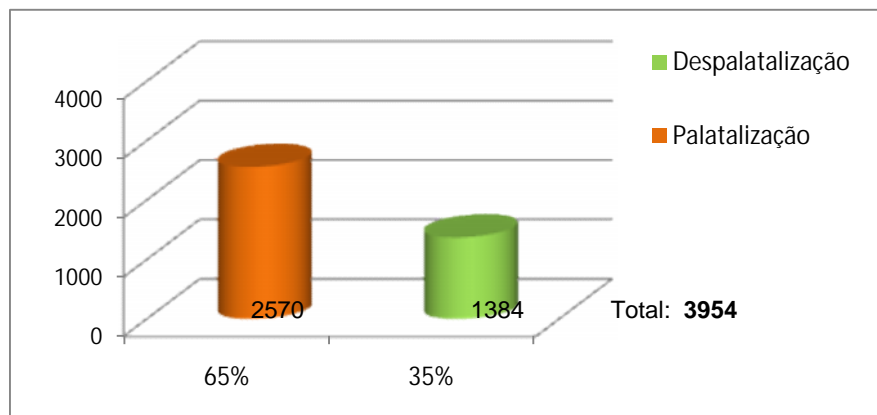
---

<sup>38</sup> Trata-se do processamento que escolhe os grupos estatisticamente relevantes na explicação da variação, por meio de um processo crescente.

<sup>39</sup> No *step down* são calculados os pesos de todos os grupos de fatores em conjunto, de forma a eliminar, um a um, os grupos que não apresentam significância estatística.

<sup>40</sup> A melhor rodada é selecionada pelo programa por meio da combinação dos grupos considerados mais relevantes para a aplicação da regra variável, descartando os grupos considerados irrelevantes.

<sup>41</sup> Os níveis de significância (*significance*) medem a probabilidade de aplicação ou não da regra, ou seja, até que ponto os dados são confiáveis. A medida determinada como limite de tolerância para a confiabilidade de uma determinada variável independente é de **0.050**, o que for superior a isso é considerado não confiável.



**Gráfico 1:** Os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ na fala urbana riobranquense

Após essa apresentação de aspecto geral, nos próximos itens serão vistos, detalhadamente, a influência dos fatores lingüísticos e sociais relativos a cada um dos fonemas em estudo.

### 3.1 Análise de /ʎ/

Como já foi mencionado, no *corpus* coletado, foram encontrados, inicialmente, 2.224 produções com as variantes do fonema /ʎ/. Essas variantes são: lateral palatal [ʎ]; lateral palatal seguida de semivogal [ʎj]; lateral alveolar seguida de semivogal [lʎj]; lateral alveolar [l]; iotização [j]; apagamento [∅].

Variante	Exemplos	Transcrição fonética
[ʎ]	joelho, retalho, calha	[ju eʎo], [ʎe taʎo], [kaʎe]
[ʎj]	cartilha, pilha, barulho	[kah tʃiʎjə], [piʎjə], [ba ruʎjʊ]
[lʎj]	pilha, telha, agulha	[piʎjə], [teʎjə], [a guʎja]
[l]	bilhete, trabalho, barulho	[bi letʃi], [tra baʎo], [ba ruʎo]
[j]	galho, folhas, colher	[gaʎ], [foʎə], [ku jə]
[∅]	abelha	[a bea]

O gráfico n. 2 ilustra a freqüência das variantes da lateral palatal registradas no *corpus*.

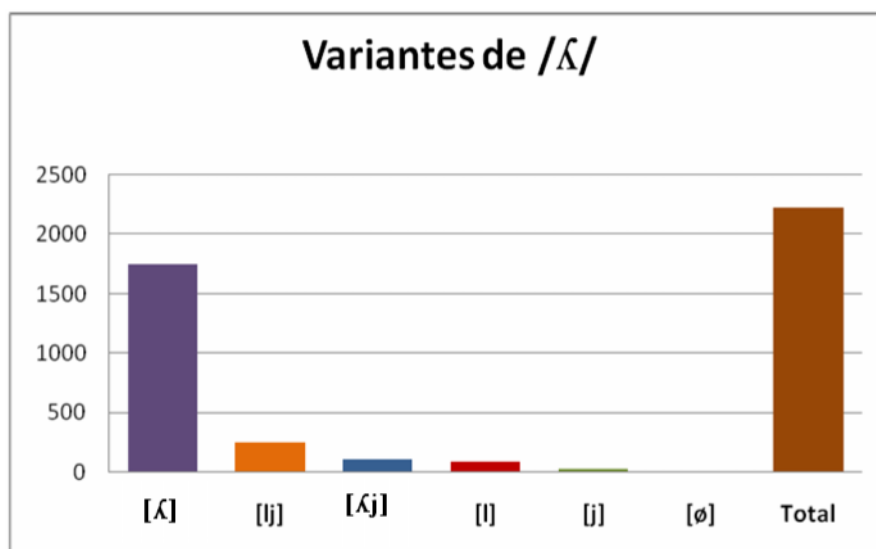


Gráfico 2: freqüências das variantes de /ʎ/

A variante [ʎ], considerada de maior prestígio social, apresentou o mais alto índice de ocorrências (1.750 realizações, 78.7% do total). Em ordem decrescente, seguiram-se as variantes: [lj] (253 realizações, 11.4.% do total); [ʎj] (111 realizações, 5% do total); [l] (87 realizações, 3.9% do total); [j] (22 realizações, 1% do total); [ø] (1 realização, 0% do total). Estas variantes, que se afastam da realização /ʎ/, representam, juntas, 21.3% das 2.224 produções.

Tais variantes foram amalgamadas da seguinte forma: a lateral palatal [ʎ] com a lateral palatal seguida de semivogal [ʎj], pela proximidade e permanência do caráter palatal; a lateral [l] com a lateral seguida de semivogal [lj]; a variante iotizada [j] com o apagamento. Esses agrupamentos foram necessários devido a presença de *knockouts* na primeira rodada dos dados no VARBRUL. Tais ajustes diminuíram o *corpus* para 1764 produções. Desse modo, as variantes reduziram-se a três, [ʎ], [lj] e [j], e as análises posteriores foram feitas com base nas junções especificadas anteriormente.

### 3.1.1 Fatores lingüísticos intervenientes na produção de /ʎ/

#### 3.1.1.1 Contexto antecedente

Os resultados iniciais apontaram a existência de quatro *knockouts* no grupo de fatores lingüísticos referentes ao contexto antecedente de /ʎ/, o que exigiu a supressão dos mesmos. Desse modo, foram retirados do contexto antecedente os segmentos [i] e [í]. O contexto [o] foi agrupado com [ɔ], tendo-se em vista que diante do primeiro segmento vocálico não ocorreu nenhuma variante [lj]. Essa reorganização dos dados possibilitou as rodadas para se obter os resultados, bem como o *input*<sup>42</sup>.

Os fatores lingüísticos do contexto antecedente que favoreceram as variantes do fonema em discussão seguem apresentados na tabela n. 1. Exemplos de palavras com /ʎ/ nesse contexto, constantes do *corpus*, são: malha, telha, folha, molhada, mulher.

Contexto antecedente			Variantes					
			[ʎ]		[lj]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	
[a]	666	37.8%	559	.441	94	.551	13	.625
[e]	340	19.3%	306	.575	32	.438	2	.332
[o, ɔ]	389	22.1%	354	.603	30	.385	5	.522
[u]	369	20.9%	307	.428	59	.587	3	.408
1764	TOTAL		1526	--	215	--	23	--

**Tabela 1:** contexto antecedente de /ʎ/

De forma geral, pode-se afirmar que todas as variantes estão ligadas aos quatro grupos, mas em termos de índices probabilísticos, tem-se o seguinte quadro:

<sup>42</sup> O *input* gera a frequência das variantes e relaciona-se diretamente ao valor atribuído ao grau de *significance* do grupo de fatores.

- [ʎ] é mais favorecido pelas vogais médias posteriores [o, ɔ] (.603). Em seguida, por ordem decrescente, aparecem: vogal média-alta anterior [e] (.575); vogal baixa [a] (.441) e vogal alta posterior [u] (.428);
- [lj] é favorecida em primeiro lugar pela vogal alta posterior [u] (.587), seguida da vogal baixa [a] (.551), da vogal média-alta anterior [e] (.438) e, por último, das médias posteriores [o, ɔ] (.385);
- [j] é favorecida pela vogal baixa [a] (.625), o maior índice da tabela. Em seguida aparecem: as médias posteriores (.522); a média alta posterior (.408) e a média alta anterior (.332).

Trazendo para a discussão dados de outros estudiosos do assunto, acerca da variante [j] tem-se as seguintes informações:

- nos resultados de Madureira (1987), entre os segmentos antecedentes o segmento [a] é o mais favorável a essa variante, sendo as posteriores irrelevantes;
- nos estudos de Brandão (1996), o ambiente mais favorável é o da vogal baixa;
- no trabalho de Silva e Moreira (1997), são apontados como favoráveis a vogal baixa, a média-baixa anterior e as médias posteriores (alta e baixa);
- na dissertação de Soares (2002), a vogal baixa tem peso mais favorável para [j].

Nota-se a constante da vogal baixa como elemento favorecedor à iotização, o que também ocorreu nos dados aqui apresentados. Essa coincidência de resultados ocorreu também com os resultados de Silva e Moreira quando eles apontam as médias posteriores entre os segmentos favoráveis a [j].

Quanto à relevância do contexto antecedente, observe-se:

- [ʎ], *significance* 0.000, *input* 0.869;
- [lj], *significance* 0.001, *input* 0.118;
- [j], *significance* 0.226, *input* 0.012.



O grupo lingüístico em apreço é altamente significativo quanto às variantes [ʎ] e [lj], tendo-se em conta que ambas apresentam alto índice de relevância. Todavia, observe-se que para a variante [j] a freqüência é baixa (0.012), o que não dá segurança para a aplicação da regra para esta variante neste contexto lingüístico, pois o grau de significância mostrou-se bastante negativo (0.226). Esses dados, no entanto, analisam as variantes separadamente, e esse fato não descarta a importância do grupo, que, nas rodadas em conjunto com os outros grupos (*step up* e *step down*), pode se mostrar significativo.

Em relação à hipótese postulada para este grupo, lembre-se que apostou-se na influência exercida por segmentos semelhantes contíguos. Quanto ao segmento [ũ], seu caráter velar não parece justificar o alto índice da realização [ɲj], todavia, é possível tentar uma explicação articulatória, pensando na dificuldade da pronúncia de [ɲ] que exige mais energia articulatória. Na busca de estratégias, o órgão articulador ativo procura um ponto de apoio mais fácil, concretizado pelo toque da ponta da língua nos alvéolos, seguido de um segmento produzido também na parte anterior do trato bucal [j].

No que se refere ao segmento [i], sua natureza é palatal e num movimento assimilatório de posterioridade, ou seja, exercendo influência sobre o segmento seguinte, transfere-lhe uma ou várias de suas características. Em ambiente totalmente palatal, [i] seguido de [ɲ], a tendência é que o traço palatal seja mantido por meio da manutenção de [ɲ] ou da iotização, em detrimento da variante [ɲj] que contém um segmento não palatal.

### 3.1.1.2 Contexto subsequente

No que concerne ao contexto subsequente, ocorreram os seguintes *knockouts*: inexistência de [o] e [e] após a variante [j]; de [ẽ] após a variante [lj]. Dessa forma, [o] foi eliminado, [ẽ] e [a] foram amalgamados em um só grupo, assim como [ɛ] e [e]. A tabela n. 2 contém esses contextos e as variantes correspondentes. Como exemplos de palavras contendo /ʎ/ nessas posições têm-se: folha, trabalhando, trabalhar, colher, bilhete, alho, serralheiro.

Contexto subsequente	Variantes							
	Freq.	Perc.	[ɺ]		[l̥j]		[j]	
			Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
[ɐ]	481	27.3%	409	.444	67	.576	5	.446
[ẽ, a]	233	13.2%	226	.819	4	.128	3	.500
[e, e]	146	8.3%	123	.429	21	.585	2	.515
[u]	854	48.4%	729	.451	113	.562	12	.522
Ditongo	50	2.8%	39	.333	10	.677	1	.609
	1764	TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 2:** contexto subsequente de /ɺ/

Os dados da tabela 2 indicam que o favorecimento da permanência de [ɺ] está relacionado às vogais baixas oral e nasal, com um alto índice de probabilidade (.819). A vogal alta posterior, as médias anteriores e a baixa em posição átona atuam de forma mediana com pesos de .451, .444 e .429 respectivamente. Comparativamente, o ditongo tem um peso negativo (.333). Considerando a natureza das vogais em relação à altura, é a vogal baixa o elemento determinante para essa variação.

Os resultados concernentes a [l̥j] apontam para o ditongo, com peso relativo .677, como o maior elemento favorecedor desta realização o que vai ao encontro do resultado obtido por Soares (2002). Para esta autora, “o ditongo, cuja vogal é a média anterior ou posterior oral ou nasal, aparece como um elemento favorável”.<sup>43</sup> O único contexto que desfavorece [l̥j] é o da vogal baixa oral ou nasal (.128) haja vista que mesmo a vogal baixa em posição átona final se constitui em elemento favorável à variante com o peso relativo .576.

O ditongo também é o segmento subsequente que mais favorece a variante [j] com o peso relativo .609. Note-se, contudo, que sua frequência é muito baixa na amostra. A vogal alta posterior apresenta um índice bastante expressivo (.522) com um número de frequência maior. Os demais contextos também são favoráveis à variante em questão, o que impossibilita o relacionamento desta com as

<sup>43</sup> Nos dados referentes a este trabalho, houve a ocorrência de um só ditongo (50 produções). A vogal é a média anterior.

características dos elementos vocálicos.

De modo semelhante ao que ocorre em relação aos segmentos antecedentes, não é possível a identificação total do efeito das vogais subseqüentes, quanto à altura e à localização anterior e posterior, para a realização das variantes da lateral palatal.

No tocante à significância deste contexto para a regra variável, o programa forneceu os seguintes dados:

- [ɫ], *significance* 0.000, *input* 0.877;
- [lj], *significance* 0.000, *input* 0.106;
- [j], *significance* 0.971, *input* 0.013.

Assim como aconteceu no contexto antecedente, este grupo de fatores lingüísticos também é relevante, principalmente para as variantes [ɫ] e [lj], visto que as duas apresentaram alto valor de *significance* (0.000). Ainda de forma análoga ao grupo analisado anteriormente, a variante [j], devido à sua pouca freqüência (*input* 0.013), não se mostrou confiável com valor altamente negativo, *significance* 0.971.

### 3.1.1.3 Tonicidade da sílaba

Quanto ao fator tonicidade da sílaba em que se encontra /ɫ/, os dados estão reunidos na tabela 3. Como houve *knockout*, foram colocadas em um só grupo as sílabas pretônicas e postônicas. Apresenta-se como exemplo do primeiro grupo a palavra telhado, e do segundo, bilheteria e espelho.

Tonicidade da sílaba			Variantes					
			[ɫ]		[lj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
Tônica	444	25.2%	402	.603	35	.378	7	.551
Pretônica + Postônica	1320	74.8%	1124	.465	180	.542	16	.483
	1764	TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 3:** tonicidade da sílaba referente a /ɫ/

A tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento revelou-se importante mas não tanto quanto se esperava. Há, como previsto, uma tendência à permanência de [ɫ] na posição tônica (peso relativo .603). Nas produções despalatalizadas, os índices caem para .551 na iotização e .378 na variante [lj]. Contudo, as freqüências destas duas últimas categorias são sensivelmente inferiores à da primeira.

No bloco das não tônicas, persiste a tendência à manutenção de [ɫ], com índice probabilístico .465, considerando-se que, na variante [lj], embora o índice seja mais elevado (.542), a freqüência (180) é bem menor do que a de [ɫ] (1.124).

Quanto à iotização, o índice também foi alto, (.483), mas como neste caso as freqüências são baixas (*input* 0.013), o grau de *significance* ficou em .590. As outras duas variantes apresentaram os dados a seguir:

- [ɫ], *significance* 0.003, *input* 0.865;
- [lj], *significance* 0.000, *input* 0.121.

Da mesma forma que aconteceu com os grupos de fatores antecedente e subsequente, de maneira isolada, o programa detectou que a tonicidade da sílaba mostrou-se relevante para [ɫ] e [lj], e irrelevante para [j].

### 3.1.1.4 Classe de palavra

O grupo referente à classe de palavras também sofreu algumas amalgamações, visto a presença de dois *knockouts*, um na classe dos verbos e outro na dos adjetivos. As duas ocorrências com efeito zero foram detectadas na variante [lj]. Como solução, verbos e adjetivos foram amalgamados numa só classe, conforme se observa na tabela n. 4. Alguns exemplos de palavras do *corpus* são: ferrolho, trabalhar, molhada.

Classe de palavra			Variantes					
			[ʎ]		[lj]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	
Subst.	1647	85.7%	1418	.448	208	.494	21	.527
Verbo/ adj.	117	6.6%	108	.399	7	.416	2	.125
	1764	TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 4:** classe de palavra referente a /ʎ/

Nota-se que o substantivo tem efeito favorável para as três variantes (.448, .494, .527). Por outro lado, verbos e adjetivos atuam com mais força para a realização de [lj] e de [ʎ], influenciando desfavoravelmente quando se trata de [j]. Esses resultados diferem dos de Silva e Moreira (1997), que registram o favorecimento da variante semivocalizada pelo substantivo, em oposição a adjetivos e verbos.

Por outro lado, tal qual o *corpus* analisado por Soares, este ora em exame contém um número de substantivos bem superior ao de verbos e adjetivos, 1.647 e 117, respectivamente. É, também, ainda coincidindo com os dados de Soares, na classe dos substantivos que a variante [ʎ] tem maior ocorrência (1.418) e pesos relativos mais altos (.448), opondo-se aos resultados registrados para os verbos, em relação às outras variantes.

Ressalte-se que a maior quantidade de substantivos em detrimento de verbos e adjetivos deve-se à estruturação das perguntas do QFL, que propiciam respostas contendo substantivos. Ademais, mesmo em contextos que deveriam aparecer

verbos, a tendência dos informantes era transformá-los em nomes, como ocorreu, por exemplo, com a pergunta n. 2 “A atividade que uma pessoa faz para ganhar dinheiro honestamente?”, que deveria resultar na resposta *trabalhar*, geralmente se obtinha *trabalho*.

No tocante à relevância do grupo classe de palavras, note-se:

- [λ], *significance* 0.002, *input* 0.798;
- [lj], *significance* 0.000, *input* 0.156;
- [j], *significance* 0.199, *input* 0.050.

Mesmo com a baixa frequência de verbos e adjetivos para [lj], 7 realizações, e [j], 2 realizações, o VARBRUL calculou que apenas esta última variante não apresenta valor positivo quanto à significância para a regra variável, com *input* 0.050, e *significance* 0.199. Para [λ] e [lj], a classe gramatical revelou-se significativa. Contudo, a pouca quantidade de dados em duas variantes pode modificar a importância deste grupo.

### **3.1.2 Fatores sociais**

Como já anunciado na introdução e no início deste capítulo, três fatores sociais foram analisados, a faixa etária, a escolaridade e o sexo dos informantes. Visto tratar-se de, no máximo três variáveis, não houve necessidade de agrupamentos para nenhum dos três casos.

#### **3.1.2.1 Faixa etária**

No que concerne à faixa etária, os dados foram reunidos na tabela 5.

Fator social – Faixa etária			Variantes					
			[ɫ]		[lj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
FA	597	33.8%	540	.589	54	.422	3	.326
FB	591	33.5%	490	.424	86	.556	15	.713
FC	576	32.7%	496	.485	75	.524	5	.455
1764		TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 5:** faixa etária – fator social referente a /ɫ/

Os falantes da faixa etária mais jovem atuam como fator mais favorável à conservação de [ɫ] e [lj] com pesos relativos .589, e .422, respectivamente. Na segunda faixa os maiores pesos relativos estão concentrados nas variantes [lj] (.556) e [j] (.713), mas não se pode ignorar que, nestes casos, as freqüências são baixas. Surpreendentemente, a faixa C mostra um índice bastante razoável de manutenção da variante [ɫ] (.485). Ainda que o maior índice desta faixa tenha ocorrido em [lj], .524, a freqüência de [ɫ] é muito mais expressiva do que a de [lj]. Esses dados não correspondem às expectativas iniciais deste trabalho visto esperar-se que, na faixa C, o maior peso relativo, bem como o maior número de freqüência estivessem na realização iotizada ou apagamento, tal qual nos estudos de Madureira (1987), Silva e Moreira (1997) e Soares (2002).

Por outro lado, a preferência dos mais jovens por [ɫ] e [lj] vão no mesmo sentido dos resultados obtidos nos estudos acima mencionados.

Para o grupo social faixa etária, a importância desse grupo pode ser observada pelos seguintes dados:

- [ɫ], *significance* 0.001, *input* 0.868;
- [lj], *significance* 0.010, *input* 0.120;
- [j], *significance* 0.008, *input* 0.010.

A relevância deste fator social manifestou-se positiva para as três variantes: em ordem decrescente de importância observa-se que [ɫ] é o mais significativo, seguido de [j], e por último, [lj]. Mesmo considerando a baixa freqüência de [j], desta feita foi mais relevante para a aplicação da regra do que [lj].

### 3.1.2.2 Escolaridade

No que se refere ao grau de escolaridade, fator social que tem sido considerado o que mais influencia na ocorrência das variantes,<sup>44</sup> apresenta-se a tabela n. 6, contendo dados relativos às três faixas: o nível 1 refere-se à escolarização até a 4ª série do Fundamental; o nível 2, da 5ª série até o ensino médio e o nível 3, concerne à escolarização superior completa ou incompleta.

Fator social - Escolaridade			Variantes					
			[ɫ]		[lj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
Nível 1	587	33.3%	488	.431	85	.551	14	.743
Nível 2	602	34.1%	525	.511	69	.485	8	.615
Nível 3	575	32.5%	513	.559	61	.463	1	.171
	1764	TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 6:** escolaridade – fator social referente a /ɫ/

O pressuposto de que o nível de escolaridade é significativo para as variantes foi confirmado nos números apresentados pela tabela acima, em que o nível 1 apresenta o menor índice (.431) para a variante [ɫ], considerada como pertencente à norma culta. Nessa faixa o índice é aumentado para a forma [lj] (.551) e culmina no maior índice (.743) da tabela para a variante [j], iotização ou apagamento. Esses resultados, bastante previsíveis, se assemelham aos obtidos por Soares (2002, p. 48-49) já citada nesta dissertação.

O grau de escolaridade referente ao nível 2 favorece a produção da variante culta (índice .511) e sobretudo a iotização (índice .615), o que também foi observado por Soares em seus dados. O alto índice da iotização (ou apagamento) nesse nível não corresponde às hipóteses iniciais postuladas neste trabalho; esperavam-se menos produções iotizadas e mais produções com [ɫ].

<sup>44</sup> Reveja-se o item 1.1 em que se fala do preconceito lingüístico nas escolas.



O terceiro e último nível, o superior completo ou incompleto, apresenta, como era de se esperar, um baixo peso (.171) para a terceira variante (iotização ou apagamento) e um peso relativamente alto (.559) para a primeira ([ɣ]). De certa forma, esses resultados também não correspondem aos pressupostos do início da pesquisa em que se previa um índice bem mais alto para [ɣ].

Por fim, cabe um comentário sobre a concentração de peso bastante expressiva em torno da variante [lj] (.551, .485, .463) nos três níveis, respectivamente, o que contraria frontalmente as hipóteses do trabalho que previam realizações polarizadas na primeira e na segunda variante.

De todo modo, confirma-se pelos dados da tabela n. 6 que pessoas mais escolarizadas utilizam com mais freqüência [ɣ] e [lj] ao passo que as menos escolarizadas preferem a iotização ou apagamento.

Do ponto de vista da influência da escolaridade para a regra variável, foram gerados os seguintes resultados:

- [ɣ], *significance* 0.009, *input* 0.867;
- [lj], *significance* 0.112, *input* 0.121;
- [j], *significance* 0.002, *input* 0.008.

As variantes [j] e [ɣ] alcançaram maior significância, enquanto [lj], embora tenha uma freqüência razoável, mostrou-se menos relevante (0.112). Contudo, acredita-se que este fator social seja um dos mais representativos, o que pode se confirmar ou não nas rodadas que o programa fizer com todos os fatores em conjunto. Note-se que a variante [j] foi a que apresentou maior relevância (0.002), porém, a freqüência da variante iotizada para o nível 3 de escolaridade foi de apenas 1 realização, o que reforça a importância das rodadas realizadas com todos os grupos simultaneamente, feitas tanto por meio do *step up* quanto do *step down*.

### 3.1.2.3 Sexo

Na tabela n. 7 agrupam-se os dados referentes ao sexo dos informantes. Estudos anteriores têm registrado que as mulheres realizam mais a variante [ɫ] do que os homens, por ser esta a variante de prestígio.

Fator social - Sexo			Variantes					
			[ɫ]		[l̥j]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	
Mulher	901	51.1%	766	.468	131	.555	4	.312
Homem	863	48.9%	760	.533	84	.442	19	.695
TOTAL			1526	--	215	--	23	--

**Tabela 7:** sexo – fator social referente a /ɫ/

De acordo com os resultados estatísticos da tabela n. 7, os homens apresentam maior tendência para manter a variante palatalizada [ɫ], com peso relativo de .533, e as mulheres com tendência um pouco menor (.468). Conseqüentemente, as mulheres têm maior inclinação para a variante despalatalizada [l̥j], apresentando o peso relativo .555, enquanto os homens possuem menor propensão para a realização desta variante (.442).

A situação se inverte para a variante iotizada [j], com pesos relativos de .695 para homens e .312 para mulheres, o que em termos probabilísticos indicam que os homens apresentam um alto índice de favorecimento de [j].

O VARBRUL gerou, para este grupo de fatores, os seguintes graus de significância:

- [ɫ], *significance* 0.064, *input* 0.866;
- [l̥j], *significance* 0.004, *input* 0.120;
- [j], *significance* 0.001, *input* 0.010.

Analisados um a um, as variantes [j] e [l̥j] revelaram-se significativas, porém, não se pode desprezar o reduzido número de dados para as mulheres em relação a variante iotizada, somente 4 realizações.

Os resultados de Soares (2002, p. 50) apontam para uma inversão aos desta pesquisa, uma vez que, em seu estudo, são as mulheres que tendem a preservar a variante lateral palatal (.362), em detrimento dos homens (.306). Por outro lado, as variantes [l̥j] e [j] não são favorecidas entre as mulheres (.317; .320), e são favorecidas entre os homens (.349; .346).

### 3.1.2.4 Cruzamento de fatores sociais relativos a /ʎ/

Os três aspectos sociais considerados neste trabalho permitiram a realização de três cruzamentos, a saber: i. faixa etária e escolaridade; ii. faixa etária e sexo; iii. sexo e escolaridade. A tabela 8 reúne os dados referentes ao primeiro cruzamento.

Cruzamento dos grupos: Faixa Etária e Escolaridade	Variantes										
	[ʎ]			[l̥j]			[j]				
	FA	FB	FC	FA	FB	FC	FA	FB	FC		
N1	82%	77%	79%	17%	19%	21%	1%	4%	0%		
N2	92%	78%	83%	8%	21%	16%	0%	2%	1%		
N3	91%	87%	83%	9%	12%	17%	0%	0%	0%		
Interação entre os grupos em relação à variante [ʎ]:			Interação entre os grupos em relação à variante [l̥j]:			Interação entre os grupos em relação à variante [j]:					
FA	<b>.594</b>	N1	.426	FA	.414	N1	<b>.561</b>	FA	.320	N1	<b>.755</b>
FB	.448	N2	.507	FB	.537	N2	.491	FB	<b>.710</b>	N2	.617
FC	.456	N3	<b>.564</b>	FC	<b>.551</b>	N3	.451	FC	.463	N3	.170
Significance: 0.000 Input: 0.841			Significance: 0.009 Input: 0.150			Significance: 0.001 Input: 0.005					

**Tabela 8:** cruzamento dos fatores sociais faixa etária e escolaridade, referente a /ʎ/

Em termos de percentuais, verifica-se que a manutenção da lateral palatal [ʎ] ocorre entre os informantes mais jovens (faixa A, 18-35 anos), com o nível 2 de escolaridade (5ª série do ensino fundamental ao ensino médio). Entretanto, na rodada de interação entre os dois grupos, os dados estatísticos gerados pelo VARBRUL apontam a maior incidência de [ʎ] para a faixa A, com peso relativo de

.594, e para a escolaridade nível 3 (ensino superior completo ou em curso), com peso de .564. Percebe-se, ainda, que a significância gerada pelo programa foi de 0.000, resultado bastante positivo para a relevância destes aspectos sociais para a regra variável.

A variante [lj] prevalece, de acordo com o percentual, na fala de dois grupos de informantes: os da faixa C (a partir de 54 anos) com escolaridade nível 1 (não-alfabetizados-4ª série); e os da faixa B (36-53 anos) e escolaridade nível 2, ambos apresentando 21%. Os dados estatísticos apontam, todavia, o favorecimento de [lj] para o primeiro grupo (faixa C, peso relativo .551, nível 1, peso relativo .561).

Para [j] verificaram-se os seguintes números: FA e N1, 1% (3 ocorrências); FA e N2, 0% (nenhuma ocorrência); FA e N3, 0% (nenhuma ocorrência); FB e N1, 4% (10 ocorrências); FB e N2, 2% (4 ocorrências); FB e N3, 0% (nenhuma ocorrência), FC e N1, 0% (nenhuma ocorrência), FC e N2, 1% (4 ocorrências); FC e N3, 0% (nenhuma ocorrência). Pode-se concluir, por meio da análise dos percentuais, que esta variante ocorre com maior força entre os informantes da faixa B com nível 1 de escolaridade (4%). O mesmo resultado é observado nos dados probabilísticos: nível 1, peso relativo de .755, faixa etária B, peso relativo de .710, sendo o grau de relevância bastante considerável (*significance* 0.001).

O cruzamento dos aspectos faixa etária e sexo resultou nos dados da tabela n. 9, a seguir.

Cruzamento dos grupos: Faixa Etária e Sexo	Variantes										
	[k]			[lj]			[j]				
	FA	FB	FC	FA	FB	FC	FA	FB	FC		
Mulher	85%	78%	83%	14%	22%	17%	1%	0%	0%		
Homem	91%	83%	80%	9%	13%	19%	0%	4%	1%		
Interação entre os grupos em relação à variante [k]:			Interação entre os grupos em relação à variante [lj]:			Interação entre os grupos em relação à variante [j]:					
FA	<b>.592</b>	Mulher	.477	FA	.417	Mulher	<b>.538</b>	FA	.323	Mulher	.311
FB	.448	Homem	<b>.524</b>	FB	.537	Homem	.461	FB	<b>.711</b>	Homem	<b>.694</b>
FC	.458			FC	<b>.549</b>			FC	.457		
<i>Significance:</i> 0.098 <i>Input:</i> 0.839			<i>Significance:</i> 0.010 <i>Input:</i> 0.151			<i>Significance:</i> 0.008 <i>Input:</i> 0.006					

**Tabela 9:** cruzamento dos fatores sociais faixa etária e sexo, referente a /k/

Os dados da tabela 9 mostram a tendência à produção de [k] entre os

informantes do sexo masculino, da faixa A (91%). Na rodada de interação, esse resultado se confirma, sendo o peso relativo .592 para informantes da faixa A, e .524 para homens. A significância alcançada foi de 0.098, valor muito acima do limite de tolerância da confiabilidade, o que não dá segurança para se afirmar se a regra é aplicável ou não.

Em relação a [lj], os percentuais apontam para os informantes do sexo feminino, faixa B, com 22%. Os dados probabilísticos também indicam que a variante prevalece em mulheres (.538), porém, entre as mais velhas (.549). O grau de relevância da regra variável é positivo quanto à confiabilidade (0.010).

No que tange à variante [j], a baixa ocorrência foi registrada com os seguintes percentuais: sexo feminino e FA, 1% (2 ocorrências); sexo feminino, FB, 0% (1 ocorrência); sexo feminino, FC, 0% (1 ocorrência); sexo masculino, FA, 0% (1 ocorrência); sexo masculino, FC, 4% (14 ocorrências); sexo masculino, 1% (4 ocorrências). Por meio desses dados, conclui-se que esta variante ocorre com mais veemência em informantes homens, com idade entre 36 e 53 anos (FB). As informações estatísticas apontam para o mesmo resultado, apresentando os pesos relativos de .694, para os homens, e .711, para a faixa etária B. A *significance* ficou em 0.008, portanto, considera-se confiável a aplicabilidade da regra.

Ao se cruzar os grupos sociais sexo e escolaridade, obtiveram-se os dados constantes da tabela n. 10.

Cruzamento dos grupos: <b>Sexo e Escolaridade</b>	Variantes							
	[k]		[lj]		[j]			
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem		
N1	76%	83%	23%	13%	1% (3)	3%(11)		
N2	83%	85%	16%	14%	0%(1)	2%(7)		
N3	87%	87%	13%	13%	0%(0)	0%(1)		
Interação entre os grupos em relação à variante [k]:		Interação entre os grupos em relação à variante [lj]:		Interação entre os grupos em relação à variante [j]:				
Mulher	.477	N1 .430	Mulher	<b>.537</b>	N1 <b>.556</b>	Mulher	.309	N1 <b>.761</b>
Homem	<b>.523</b>	N2 .505	Homem	.462	N2 .494	Homem	<b>.696</b>	N2 .605
		N3 <b>.562</b>			N3 .452			N3 .173
<i>Significance:</i> 0.000		<i>Significance:</i> 0.000		<i>Significance:</i> 0.001				
<i>Input:</i> 0.838		<i>Input:</i> 0.152		<i>Input:</i> 0.005				

**Tabela 10:** cruzamento dos fatores sociais sexo e escolaridade, referente a /k/

As informações da tabela mostram que homens e mulheres do nível 3 de escolaridade utilizam a variante [ɺ] com a mesma intensidade, 87%. Estatisticamente, tem-se o peso relativo de .523 para os informantes do sexo masculino, e a escolaridade nível 3 apresenta peso de .562, ou seja, são os homens de maior escolaridade que favorecem a variante [ɺ]. De acordo com a significância gerada pelo programa (0.000), pode-se afirmar que a regra variável se aplica para esta variante.

Os falantes femininos com baixa escolaridade tendem ao maior uso de [lʝ], concentrando 23%. O peso relativo gerado pelo VARBRUL para informantes do sexo feminino foi .537; para a escolaridade 1, o peso relativo foi .556; assim, os resultados estatísticos corroboram com os resultados percentuais. A significância foi muito positiva para a generalização da regra (0.000).

Os índices para [j] foram: mulheres, N1, 1% (3 realizações); mulheres, N2, 0% (1 realização); mulheres, N3, 0% (nenhuma ocorrência); homens, N1, 3% (11 realizações); homens, N2, 2% (7 realizações); homens, N3, 0% (1 realização); assim, as informações percentuais apontam para o favorecimento de [j] em falantes do sexo masculino de baixa escolaridade (3%). De forma semelhante, a probabilidade apresentou os pesos relativos: .696, para falantes homens; .761, para escolaridade nível 1. Em termos de significância, a regra mostrou-se relevante (0.001).

### 3.2 Análise de /ɲ/

De forma similar ao trabalho efetuado com os dados do fonema /ʎ/, contaram-se os números de produções que continham as variantes do fonema /ɲ/, resultando num total de 1.730. As variantes encontradas são: nasal palatal [ɲ]; nasal palatoalveolar seguida de semivogal [ɲj]; nasal alveolar seguida de semivogal [ɲj]; iotização [j]; apagamento [ø].

Variante	Exemplos	Transcrição fonética
[ɲ]	banha, sonho, dinheiro	[ bãɲɐ], [ sõɲu], [dʒĩ ɲejɾu]
[ɲj]	manhoso, banheiro, manhã	[mã ɲjozʊ],[bã ɲjeru], [mã ɲjã]
[ɲj]	vergonha, fanho, sonhador	[vehgõ ɲjɐ],[fã ɲju], [sõɲja doh]
[j]	senhor, lenha, fronha	[sẽ jo], [ lɛjɐ], [ frõjɐ]
[ø]	focinho, ninho, carinhosa	[fu çĩ], [ ñĩ], [kaĩ ɔzɐ]

O gráfico n. 3 ilustra a frequência das variantes da nasal palatal registradas no *corpus*.

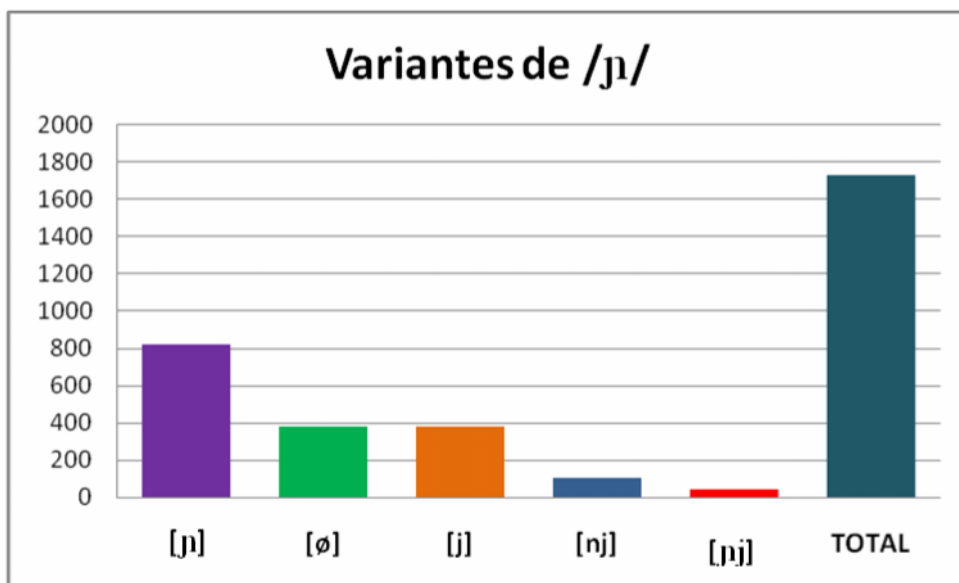


Gráfico 3: frequências das variantes de /ɲ/

Percebe-se que a variante [ɲ], considerada de maior prestígio social tal qual a variante [ʎ], apresentou alto índice de ocorrências (824 realizações, 47.6% do total); vieram em seguida, o apagamento [ø] (380 realizações, 22% do total) e a iotização [j] (377 realizações, 21.8% do total). As variantes [ɲj] e [ɲj] apresentaram um percentual menor (105 realizações, 6.1% do total, e 44 realizações, 2.5% do total, respectivamente). De modo geral, do total de 1730 realizações, 906 (52.4%) sofreram algum tipo de transformação e 824 (47.6%) continuaram com o caráter palatal.

As primeiras rodadas para a análise de /ɲ/, assim como aconteceu com /ʎ/, revelaram a ocorrência de *knockouts*, de forma que as variantes foram restringidas a três, tendo-se amalgamado [ɲ] com [ɲj], representado agora por [ɲ]; [j] com [ø], representado por [j].<sup>45</sup> Após os agrupamentos, o *corpus* ficou com 1704 vocábulos e as rodadas foram realizadas com base nessas junções.

### 3.2.1 Fatores lingüísticos intervenientes na produção de /ɲ/

#### 3.2.1.1 O contexto antecedente

No que se refere ao fonema /ɲ/, houve três *knockouts* no grupo de fatores lingüísticos do contexto antecedente, tornando-se necessária a retirada dos segmentos [o], [e], [a], visto que, diante desses fonemas vocálicos, não ocorreu nenhuma despalatalização ou outra alteração qualquer relativa à pronúncia de /ɲ/. Contudo, cabe destacar que essa reorganização dos dados não alterou os percentuais apresentados inicialmente.

Na tabela 11 estão apresentados os contextos antecedentes que favoreceram as diversas variantes de /ɲ/. Exemplos de palavras nesses casos, que fazem parte do *corpus*, são: farinha, junho, senhor, fronha, banho.

---

<sup>45</sup> A variante [ɲj] não sofreu amalgamação.



Contexto antecedente			Variantes					
			[ɲ]		[ɲj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
[ĩ]	628	36.9%	261	.415	3	.139	364	.652
[ũ]	69	4%	40	.579	26	.953	3	.058
[ẽ]	122	7.2%	76	.622	5	.589	41	.407
[õ]	278	16.3%	139	.499	35	.829	104	.448
[ẽ]	607	35.6%	337	.554	36	.679	234	.460
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 11:** contexto antecedente de /ɲ/

Os índices da tabela mostram que os contextos favoráveis à variante palatal [ɲ] são os segmentos vocálicos [ẽ] (.622), [ũ] (.579), [ẽ] (.554) e [õ] (.499). Embora o peso relativo deste último contexto não tenha atingido a marca dos 500, ele está muito próximo a isso, não podendo, portanto, ser considerado desfavorável. Restou como único segmento desfavorável o [ĩ] com o peso relativo .415, devendo-se, entretanto, notar que esse peso não é excessivamente baixo se comparado aos apresentados em outras variantes (por exemplo, .139 para a variante [ɲj]). Isso significa que, de forma geral, a permanência de [ɲ] mantém certa homogeneidade entre os cinco segmentos vocálicos antecedentes.

Os contextos que favorecem o surgimento da variante [ɲj] são, em ordem decrescente como os apresentados para a variante [ɲ], os seguintes: [ũ] (.953); [õ] (.829); [ẽ] .679 e [ẽ] (.589). Apenas o [ĩ] apresenta um índice baixo, (.139).

Por último, a variante [j] é favorecida pelo segmento vocálico [ĩ] com um peso bastante significativo (.652). Os segmentos [ẽ], [õ] e [ẽ] também são elementos positivos com os índices .460, .448 e .407, respectivamente. O contexto negativo é o [ũ] com índice probabilístico notadamente baixo (.058).

A partir desses dados, observa-se que o processo concernente às realizações aponta para um condicionamento devido ao ambiente vocálico antecedente, das seguintes formas:

- [ɲ] está relacionado aos segmentos médio anterior, alto posterior,baixo, e médio posterior;
- [ɲj] está relacionado aos segmentos alto posterior, médio posterior, baixo, e médio anterior;
- [j] está relacionado aos segmentos alto anterior, baixo, médios posterior e anterior.

Fica clara a impossibilidade do agrupamento de todas as tendências em torno de um traço específico dos segmentos vocálicos que exercem a influência, a altura, a anterioridade ou posterioridade desses segmentos. A resultado semelhante chegou Soares (2002, p. 58) em seu estudo, já por diversas vezes citado, sobre o falar de Marabá. No entanto, em relação aos dados acima apresentados, algumas constantes podem ser observadas:

- os segmentos vocálicos médios anterior e posterior, bem como o segmento vocálico baixo apresentam altos índices probabilísticos para todas as variantes. Disso poder-se-ia inferir que os condicionantes de tais variantes estão relacionados também a outros fatores;
- o segmento vocálico alto posterior apresenta altíssimo índice para a variante [ɲj], bastante alto para a variante [ɲ] e, por outro lado, baixíssimo índice para a variante [j], o que pode ser indício de que, efetivamente, este segmento serve de condicionante para a primeira e segunda variantes e atua negativamente em relação à terceira;
- o segmento vocálico alto anterior atua fortemente para o surgimento da variante [j] e também, embora com menos força, para a produção da variante palatal [ɲ]. É inexpressivo quando se trata da variante [ɲj].

Quanto à relevância do contexto antecedente, os dados gerados pelo VARBRUL foram:

- [ɲ], *significance* 0.000, *input* 0.501;
- [ɲj], *significance* 0.000, *input* 0.029;
- [j], *significance* 0.000, *input* 0.424.

O contexto antecedente se mostrou relevante para a aplicação da regra em relação às variantes [ɲ], [ɲj] e [j], pois elas apresentaram significância 0.000, importando dizer que este grupo de fatores lingüísticos favorece a regra variável.

### 3.2.1.2 O contexto subsequente

No tocante ao contexto fonético subsequente, têm-se como exemplos do corpus analisado as palavras manha, sonhador, amanhã, manhosa, carinhoso, sonho, dinheiro. A tabela n. 12 resume as freqüências de cada variante de /ɲ/:

Contexto subsequente	Variantes							
	Freq. Perc.		[ɲ]		[ɲj]		[j]	
			Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
[ɐ]	492	28.9%	231	.469	36	.643	225	.521
[a]	86	5%	49	.568	9	.727	28	.384
[ɛ̃]	139	8.2%	90	.646	6	.507	43	.367
[ɔ]	139	8.2%	85	.610	1	.142	53	.443
[o]	152	8.9%	86	.565	1	.131	65	.491
[u]	491	28.8%	220	.447	50	.721	221	.514
Ditongo	205	12%	92	.448	2	.184	111	.603
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 12:** contexto subsequente de /ɲ/

Os dados indicam que a variante nasal palatal [ɲ] é favorecida pelos segmentos vocálicos baixos [ɐ], [a] e [ɛ̃] com os pesos relativos respectivos .469, .568, .646, pelas médias posteriores alta e baixa, [o] (.565), [ɔ] (.610), bem como

pelo segmento vocálico alto posterior [u] (.447) e pelo ditongo (.448). Observe-se a proximidade desses números, repetindo a situação concernente à [ɲ] na primeira tabela.

A variante [ɲj] também é favorecida, em primeiro lugar, pelos segmentos vocálicos baixos [ɐ] (.643), [a] (.727), [ẽ] (.507) e, em seguida, pelo segmento alto posterior [u], este com o maior índice probabilístico (.721). As vogais médias [o] e [ɔ], assim como o ditongo, exercem influência negativa.

No que se refere à terceira variante [j], os dados mudam um pouco. Desta feita, é o ditongo o elemento que favorece mais fortemente com um peso de .603, seguido pela vogal baixa [ɐ] (.521), pela alta posterior [u] (.514), pela média alta [o] (.491) e pela média baixa [ɔ] (.443). Favorecem menos fortemente as vogais baixas oral e nasal [a] (.384) e [ẽ] (.367).

Comparando estes dados aos de Soares (2002, p. 58-59) notam-se pontos coincidentes e divergentes. Entre os primeiros está a influência das vogais baixa e alta na realização de [ɲ]. Entre os segundos está a influência negativa, detectada por essa autora, das vogais médias anteriores e posteriores bem como do ditongo sobre a mesma variante.<sup>46</sup>

Agrupando os dados, como foi feito para o contexto antecedente na tabela anterior, são obtidos os seguintes elementos que resumem a situação da influência dos contextos subseqüentes:

- [ɲ] relaciona-se aos segmentos vocálicos baixos [ɐ], [a], [ẽ], aos segmentos médios (alto e baixo) posteriores [o] e [ɔ], ao segmento posterior alto [u] e ao ditongo;
- [ɲj] também se relaciona aos segmentos vocálicos baixos [ɐ], [a] e [ẽ] e, ainda, ao segmento alto posterior [u];
- [j] relaciona-se à vogal baixa [ɐ], ao ditongo, à vogal alta posterior [u], às vogais média alta posteriores [o] e [ɔ].

---

<sup>46</sup> Para os outros dados encontrados por Soares, ver sua dissertação de mestrado (2002, p. 58-59).

Todos esses elementos permitem os seguintes agrupamentos, que não levam, entretanto, como na tabela anterior, a uma visão clara de como as variantes atuam, isto é, que agrupamentos existiriam em função da natureza anterior, posterior e altura das vogais.

- as vogais baixas atuam fortemente com todas as variantes. Mesmo no caso da terceira variante, onde [a] e [ẽ] apresentam os menores índices, não podem ser descartados quando comparados aos demais índices relativos a esta variante;
- as vogais médias posteriores, tanto a alta quanto a baixa, atuam fortemente para o surgimento de [ɲ] e de [j]. São inexpressivas para a produção de [ɲj];
- a vogal alta posterior age com força nos três casos;
- por último, o ditongo atua significativamente na produção de [ɲ] e de [j] e de forma muito fraca para [ɲj].

Foram geradas pelo programa os seguintes dados relativos ao grupo de fatores subseqüentes:

- [ɲ], *significance* 0.000, *input* 0.501;
- [ɲj], *significance* 0.000, *input* 0.042;
- [j], *significance* 0.000, *input* 0.437.

Assim como o contexto antecedente, o grupo dos segmentos subseqüentes apresentou-se importante para a aplicação da regra variável em relação às três variantes [ɲ], [ɲj] e [j], já que os níveis de significância gerados foram os mais positivos possíveis para as três variantes (0.000).

### 3.2.1.3 Tonicidade da sílaba

Na sílaba tônica, tem-se o exemplo de vocábulo, extraído do corpus, fanhoso, na sílaba pretônica, sonhador, e na postônica, focinho. A tabela n. 13 mostra a ligação entre as variantes e os graus de tonicidade da sílaba. Na ausência de *knockouts*, não houve agrupamentos de categorias.

Tonicidade da sílaba			Variantes					
			[ɲ]		[ɲj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
Tônica	664	39%	371	.557	13	.258	280	.486
Pretônica	72	4.2%	36	.510	8	.719	28	.437
Postônica	968	56.8%	446	.460	84	.658	438	.514
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 13:** tonicidade da sílaba referente a /ɲ/

A sílaba tônica, de forma similar à que ocorreu com [ɺ], é um fator favorável à preservação de [ɲ], neste caso com o índice probabilístico .557. Entretanto, a realização iotizada também alcançou um índice bastante expressivo, .486, o que faz cair por terra a premissa de que haveria grande concentração para [ɲ], muito distanciada das articulações despalatalizadas.

A sílaba pretônica favorece a variante [ɲj] (.719), em seguida [ɲ] (.510) e [j] (.437).

A sílaba postônica, por sua vez, também favorece em primeiro lugar a variante [ɲj] (.658), em seguida, [j] (.514) e [ɲ] (.460).

De acordo com os dados estatísticos, o fator tonicidade exerceu a seguinte relevância quanto a aplicação da regra:

- [ɲ], *significance* 0.001, *input* 0.504;
- [ɲj], *significance* 0.000, *input* 0.047;
- [j], *significance* 0.299, *input* 0.436.

Os dados probabilísticos indicam que as variantes [ɲ] e [ɲj] são favorecidas pelo fator tonicidade, com *significance* 0.001 e 0.000, respectivamente. Por sua vez, não se pode afirmar que a tonicidade exerça influência para [j], uma vez que a significância foi bastante negativa (0.229).

### 3.2.1.4 Classe de palavras

Na tabela n. 14 estão reunidas as variantes obtidas em função da classe gramatical da palavra, em três grupos, substantivo, verbo e adjetivo. Exemplos desses grupos que fazem parte do *corpus* analisado são, respectivamente, vizinho, sonhar, fanhoso.

Classe de palavra			Variantes					
			[ɲ]		[ɲj]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	
Subst.	1326	77.8%	658	.496	87	.520	581	.500
Verbo	8	0.5%	4	.516	1	.687	3	.435
Adj.	370	21.7%	191	.500	17	.426	162	.500
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 14:** classe de palavras referente a /ɲ/

Levando-se em consideração a quantidade de dados, nota-se que os substantivos representam a maior quantidade do total de palavras analisadas pelo VARBRUL. Relembre-se que a explicação disso reside na estrutura do QFL, cujas perguntas favoreciam os substantivos como respostas.<sup>47</sup> Em termos probabilísticos, verifica-se que os verbos e adjetivos possuem maior aplicabilidade da regra para a manutenção da palatal [ɲ], neste caso, com pesos relativos de .516 e .500, respectivamente. Para a variante [ɲj], os pesos mais significativos são referentes aos verbos (.687) e substantivos (.520). A variante [j] apresenta maior incidência para a aplicação da regra variável nas classes dos substantivos e dos adjetivos, ambos

<sup>47</sup> A mesma situação ocorreu no tratamento dos dados de /ʎ/.

possuindo o mesmo peso relativo (.500).

O grau de *significance* apresentado pelo grupo classe de palavra foi: [ɲ]=0.787, [ɲj]=0.286, [j]=0.936. Isso significa dizer que este grupo de fatores lingüísticos, na análise binomial do VARBRUL, não se apresentou relevante para a aplicação da regra variável em relação a todas as variantes.

### 3.2.2 Fatores sociais

São retomados os mesmos fatores analisados com as variantes de /ɲ/, a faixa etária, o sexo e o grau de escolaridade dos informantes.

#### 3.2.2.1 Faixa etária

Para a faixa etária, tem-se a tabela número 15.

Fator social – Faixa etária			Variantes					
			[ɲ]		[ɲj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
FA	587	34.4%	330	.561	34	.485	223	.441
FB	565	33.2%	288	.509	40	.538	237	.482
FC	552	32.4%	235	.426	31	.477	286	.580
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 15:** faixa etária – fator social referente a /ɲ/

A variante mais favorecida na faixa A é [ɲ] (.561) enquanto a variante [j] é mais favorecida na faixa C, o que confirma as hipóteses iniciais do trabalho. No primeiro caso, trata-se da faixa dos mais jovens que, em grande parte, freqüentam a escola e, no segundo, tratam-se dos mais velhos que, teoricamente, não teriam um nível de escolarização muito alto.



O que surpreende são os índices bastante expressivos da variante [nj] em todas as faixas, já que não era considerada pela autora da pesquisa, uma possibilidade de realização no Acre.<sup>48</sup>

As três faixas etárias apresentam certa homogeneidade nas produções com índices bastante próximos para as três variantes, o que também surpreende pois esperava-se grande favorecimento da palatal na faixa A e da iotização na faixa C.

Sobre o grau de *significance* do aspecto social faixa etária, tem-se as informações:

- [ɲ], *significance* 0.000, *input* 0.503;
- [ɲj], *significance* 0.809, *input* 0.061;
- [j], *significance* 0.000, *input* 0.435.

Observa-se que a relevância deste fator social manifestou-se de maneira positiva para As variantes [ɲ] e [j], ambas com significância 0.000. Para [ɲj], porém, o resultado é extremamente negativo para a aplicabilidade da regra variável.

### 3.2.2.2 Escolaridade

Os números referentes à escolaridade e às variantes de /ɲ/ estão agrupados na tabela 16.

Fator social - Escolaridade			Variantes					
			[ɲ]		[ɲj]		[j]	
			Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
Nível 1	564	33.1%	201	.357	31	.479	332	.650
Nível 2	565	33.2%	297	.526	25	.423	243	.496
Nível 3	575	33.7%	355	.617	49	.595	171	.356
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 16:** escolaridade – fator social referente a /ɲ/

<sup>48</sup> Assim como a variante [lj] já analisada.

Os resultados confirmaram as hipóteses iniciais, com grande favorecimento de [ɲ] (peso relativo .617) no nível 3, mais escolarizado, e grande favorecimento de [j] no nível 1, menos escolarizado (peso relativo .650). Note-se que tanto o número de frequência quanto o peso relativo de [ɲ] sofrem aumentos do nível 1 ao nível 3 ao passo que esses mesmos números, nessa mesma ordem, sofrem diminuição quando se trata de [j].

Em resumo, os dados apontam para o nível 1 como elemento favorecedor das variantes despalatalizadas e para o nível 3 como elemento favorecedor da palatalizada. Neste último caso, note-se, contudo, o alto índice da variante [ɲj], bastante próximo ao da variante palatal.

Sobre o grau de *significance* do aspecto social faixa etária, tem-se as informações:

- [ɲ], *significance* 0.000, *input* 0.503;
- [ɲj], *significance* 0.809, *input* 0.061;
- [j], *significance* 0.000, *input* 0.435.

Observa-se que a relevância deste fator social manifestou-se de maneira positiva para As variantes [ɲ] e [j], ambas com significância 0.000. Para [ɲj], porém, o resultado é extremamente negativo para a aplicabilidade da regra variável.

### 3.2.2.3 Sexo

A tabela n. 17 traz as informações referentes às variantes de /ɲ/ relacionadas ao fator gênero.

Fator social – Sexo			Variantes					
			[ɲ]		[ɲj]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	
Mulher	869	51%	466	.535	62	.542	341	.454
Homem	835	49%	387	.463	43	.456	405	.548
	1704	TOTAL	853	--	105	--	746	--

**Tabela 17:** sexo – fator social referente a /ɲ/

Os dados da tabela mostram que a influência do fator sexo interfere nas escolhas das variantes da nasal palatal, de modo que falantes femininos tendem ao maior uso de [ɲ] (.535) e da variante palatalizada [ɲj] (.542) e falantes masculinos ao uso da semivocalizada (.548).

A comparação dos resultados também mostra que os pesos relacionados a todas as variantes estão muito próximos. Isto pode indicar que a preferência e a não preferência pelas variantes [ɲj] e [j] estão no mesmo nível de concorrência em relação ao sexo dos falantes. Essa proximidade dos pesos também foi encontrada por Soares que, em sua dissertação de mestrado, chegou a conclusão similar.

Na análise binomial do fator gênero, o programa gerou os seguintes dados estatísticos:

- [ɲ], *significance* 0.008, *input* 0.504;
- [ɲj], *significance* 0.077, *input* 0.060;
- [j], *significance* 0.000, *input* 0.435.

Conforme as informações probabilísticas, o aspecto social sexo exerce influência para a produção de [ɲ] e [j], ambas com significância positiva para a aplicabilidade da regra, 0.008 e 0.000, respectivamente. Não se pode afirmar se o sexo influencia a escolha de [ɲj], levando-se em consideração que a significância gerada para esta variante é negativa (0.077).

#### 3.2.2.4 Cruzamento de fatores sociais relativos a /ɲ/

Da mesma maneira que foi feito com /ʎ/, também para /ɲ/ foram realizados três cruzamentos: i. faixa etária e escolaridade; ii. faixa etária e sexo; iii. sexo e escolaridade. Para ilustrar o primeiro cruzamento de fatores, criou-se a tabela 18.

Cruzamento dos grupos: Faixa Etária e Escolaridade	Variantes										
	[ɲ]			[ɲj]			[j]				
	FA	FB	FC	FA	FB	FC	FA	FB	FC		
N1	9%	4%	2%	36%	41%	33%	56%	55%	65%		
N2	5%	6%	4%	66%	50%	39%	29%	45%	57%		
N3	4%	10%	11%	68%	65%	55%	28%	26%	34%		
Interação entre os grupos em relação à variante [ɲ]:			Interação entre os grupos em relação à variante [ɲj]:			Interação entre os grupos em relação à variante [j]:					
FA	.489	N1	.470	FA	<b>.565</b>	N1	.357	FA	.435	N1	<b>.653</b>
FB	<b>.523</b>	N2	.446	FB	.514	N2	.514	FB	.481	N2	.503
FC	.488	N3	<b>.584</b>	FC	.417	N3	<b>.626</b>	FC	<b>.588</b>	N3	.349
<i>Significance: 0.807</i> <i>Input: 0.058</i>			<i>Significance: 0.000</i> <i>Input: 0.505</i>			<i>Significance: 0.000</i> <i>Input: 0.430</i>					

**Tabela 18:** cruzamento dos fatores sociais faixa etária e escolaridade, referente a /ɲ/

Para os dados percentuais, a manutenção da nasal palatal [ɲ] prevaleceu em informantes da faixa etária C, de escolaridade nível 3 (11%); já os dados probabilísticos coincidem quanto à escolaridade (.584), mas divergem quanto à idade, indicando que é a faixa B a que mais favorece a regra (.523). A significância para este cruzamento foi negativa (0.807), um número muito superior ao limite de tolerância para se generalizar regra variável.

O favorecimento da ocorrência de [ɲj] está relacionado aos informantes da faixa mais jovem e de maior escolaridade (68%). O mesmo resultado é apresentado pelos pesos relativos: .565 para FA, e .626 para N3. Nota-se que a regra pode ser aplicada com segurança, dada a significância gerada pelo *software* (0.000).

Em relação a [j], obteve-se o valor de 65% para informantes da FC, N1. Os pesos relativos indicaram o mesmo resultado: esta variante ocorre com maior intensidade em falantes da faixa etária acima de 54 anos (.588) e com baixa escolaridade (.653). Quanto à relevância da regra, obteve-se 0.000, indicando um resultado notadamente favorável à aplicação da mesma.

No que diz respeito ao cruzamento dos grupos faixa etária e sexo, os resultados foram compilados na tabela n. 19.

Cruzamento dos grupos: Faixa Etária e Sexo	Variantes										
	[ɲ]			[ɲj]			[j]				
	FA	FB	FC	FA	FB	FC	FA	FB	FC		
Mulher	9%	6%	6%	52%	58%	51%	39%	36%	44%		
Homem	3%	7%	6%	61%	45%	35%	37%	48%	60%		
Interação entre os grupos em relação à variante [ɲ]:			Interação entre os grupos em relação à variante [ɲj]:			Interação entre os grupos em relação à variante [j]:					
FA	.490	Mulher	<b>.544</b>	FA	<b>.561</b>	Mulher	<b>.532</b>	FA	.440	Mulher	.458
FB	<b>.521</b>	Homem	.453	FB	.511	Homem	.466	FB	.484	Homem	<b>.545</b>
FC	.489			FC	.424			FC	<b>.579</b>		
<i>Significance:</i> 0.048 <i>Input:</i> 0.059			<i>Significance:</i> 0.000 <i>Input:</i> 0.505			<i>Significance:</i> 0.000 <i>Input:</i> 0.434					

**Tabela 19:** cruzamento dos fatores sociais faixa etária e sexo, referente a /ɲ/

Na tabela 19 percebe-se que a tendência ao uso de [ɲ] ocorre entre os informantes do sexo feminino, da faixa A (9%). Os dados probabilísticos, no entanto, indicaram o favorecimento de [ɲ] para mulheres (.544), e faixa etária B (.521). A regra é aplicável, apesar da significância estar muito próxima ao limite de tolerância de confiabilidade (0.048).

Conforme o percentual, a variante [ɲj] apresenta maior índice para informantes do sexo masculino da faixa A (61%). Entretanto, o índice probabilístico é favorável às mulheres (.532) da faixa A (.561). O valor gerado para a *significance* foi 0.000, indicando que a regra é aplicável – a variante [ɲj] é favorecida por falantes do sexo feminino e da faixa etária de 18 a 35 anos.

A escolha da variante iotizada [j] ocorre, de acordo com os percentuais, entre os informantes homens com idade superior a 54 anos (FC), com 60%. Esse resultado é confirmado pelos dados estatísticos, os homens com peso relativo de .545, e a faixa etária C, com .579. A *significance* apresentada foi 0.000, indicando que a regra é aplicável.

A tabela n. 20 reúne os dados relativos ao cruzamento dos grupos sociais sexo e escolaridade.

Cruzamento dos grupos: <b>Sexo e Escolaridade</b>	Variantes						
	[ɲ]		[nj]		[j]		
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	
N1	6%	4%	41%	32%	53%	65%	
N2	4%	6%	56%	47%	40%	47%	
N3	11%	5%	64%	61%	25%	34%	
Interação entre os grupos em relação à variante [ɲ]:		Interação entre os grupos em relação à variante [nj]:		Interação entre os grupos em relação à variante [j]:			
Mulher	<b>.544</b>	N1	.468	Mulher	<b>.534</b>	N1	.359
Homem	.453	N2	.448	Homem	.463	N2	.514
		N3	<b>.584</b>			N3	<b>.624</b>
<i>Significance: 0.077</i> <i>Input: 0.058</i>		<i>Significance: 0.006</i> <i>Input: 0.505</i>		<i>Significance: 0.000</i> <i>Input: 0.431</i>			

**Tabela 20:** cruzamento dos fatores sociais sexo e escolaridade, referente a /ɲ/

O cruzamento dos aspectos sociais sexo e escolaridade indicou que a permanência da nasal palatal [ɲ] prevalece entre as mulheres com maior escolaridade (11%). Esse resultado condiz com o que foi gerado estatisticamente: o peso relativo de .544 para informantes do sexo feminino, e .584 para a escolaridade nível 3. De acordo com a significância gerada pelo programa (0.077), a regra não pode ser aplicada com segurança.

Os falantes do sexo feminino com maior escolaridade tendem ao maior uso de [nj], concentrando 64%. Os pesos relativos gerados foram os seguintes: .534, para mulheres, .624, para o N3, confirmando o resultado dos percentuais. A regra se aplica, pois a significância ficou em 0.006.

Os índices apresentados para [j] indicaram que são os informantes do sexo masculino e menos escolarizados que dão preferência ao uso desta variante (65%). Da mesma forma, a probabilidade gerada pelo VARBRUL foi de .549, para homens, e .651, para o nível 1 de escolaridade. Em termos de significância, a regra mostrou-se bastante relevante (0.000).

### 3.3 Narrativas de Experiência

As narrativas, conforme mencionado no item 2.3, apresentaram um número bastante reduzido de dados. Da junção de todas as produções nas narrativas tem-se 80 realizações para o fonema /ʎ/, e 152 realizações para o fonema /ɲ/, perfazendo um total de 232 ocorrências, o que em termos estatísticos é um número irrisório.

Apesar de não passar por tratamento estatístico, consideram-se importante algumas ponderações a respeito do *corpus* colhido por meio das narrativas. Para ilustrar algumas ocorrências veja-se o quadro a seguir:

	<b>Vocábulos</b>	<b>Transcrição grafemática</b>	<b>Transcrição fonética</b>
Variantes de [ʎ]	mulher [ʎ]	mulhé	[mu ʎɛ]
	velho [ʎ] > [j]	véi	[ vej]
	filho [ʎ] > [ø]	fi	[ fiʝ]
	trabalho [ʎ] > [lj]	trabalio	[traba lʝ]
Variantes de [ɲ]	tinha [ɲ] > [ø]	tãa	[ tʃiɐ]
	tenho [ɲ] > [j]	têio	[ tẽjʊ]
	minha [ɲ]	minha	[ mĩɲɐ]
	cozinha [ɲ] > [ɲj]	cuẑinhia	[ kuẑĩɲjɐ]
	minha [ɲ] > [ɲj]	mãnia	[ mĩɲɐ]

Para verificar a distribuição das ocorrências por narrativa, veja-se a tabela n. 21 na página seguinte.

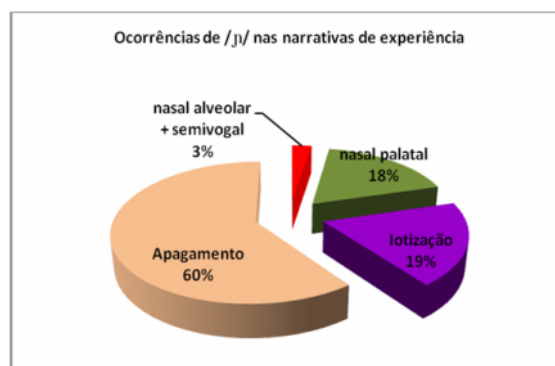
Narrativas	Variantes de /ʎ/						Variantes de /ɲ/				
	[ʎ]	[ʎj]	[lɲ]	[l]	[j]	[ø]	[ɲ]	[ɲj]	[nɲ]	[j]	[ø]
Narrativa n.1	31	--	--	--	--	--	6	1	1	2	22
Narrativa n.2	8	--	--	--	--	--	10	--	1	2	6
Narrativa n.3	7	--	--	--	--	--	3	--	--	5	12
Narrativa n.4	6	--	--	--	7	1	--	--	--	3	3
Narrativa n.5	3	--	--	--	--	--	--	--	--	4	22
Narrativa n.6	7	--	--	--	--	--	2	--	--	5	10
Narrativa n.7	5	--	6	--	1	--	3	--	2	8	14
Narrativa n.8	5	--	--	--	--	--	3	--	--	--	2
<b>TOTAL</b>	<b>72</b>	<b>--</b>	<b>6</b>	<b>--</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>27</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>29</b>	<b>91</b>

**Tabela 21:** Distribuição das variantes de /ʎ/ e de /ɲ/ por narrativas

Note-se, efetivamente, o pequeno número de produções em cada narrativa. Pela tabela, pode-se ainda saber a quantidade de variantes de /ʎ/, assim como as de /ɲ/. No primeiro caso têm-se: [ʎ] - 72; [lɲ] - 6; [j] - 1; e [ø] - 1. Não ocorreu nenhuma realização de [ʎj] nem de [l]. No segundo são: [ø] - 91; [j] - 29; [ɲ] - 27; [nɲ] - 4; [ɲj] - 1. Em termos de percentuais, os dois gráficos que seguem mostram a importância de cada variante nas narrativas.



**Gráfico 4:** Ocorrências de /ʎ/ nas narrativas de experiência



**Gráfico 5:** Ocorrências de /ɲ/ nas narrativas de experiência

Observa-se no gráfico n. 4 que, em ordem decrescente, nas narrativas foram priorizadas as variantes [ʎ] (90%), [lɲ] (8%), [ø] (1%) e [j] (1%). A lateral palatal foi mantida com alto índice, bem distanciada das demais, que, consideradas em conjunto, somaram apenas 10% do total de realizações.<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Dessa forma, pode-se considerar que houve 10% de despalatalização.



O gráfico n. 5 mostra que, ao contrário do que ocorreu com /ʎ/, as produções relativas a /ɲ/ sofreram maior número de despalatalização, tendo-se em vista que somente o apagamento chegou a 60%; somando-se esses 60% à iotização (19%) e à variante [ɲj] (3%), tem-se 82%.

Comparando-se esses resultados aos do QFL, deve-se lembrar que, naqueles, o maior percentual de despalatalização também ocorreu com as produções de /ɲ/.

Acredita-se, portanto, que os resultados referentes ao QFL foram validados pelos da narrativa, embora neste caso não se tenham feito análises mais aprofundadas, o que será efetuado em etapas posteriores da pesquisa, com o alargamento do *corpus*.

### 3.4 Síntese da análise

A análise do comportamento variável dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ na fala urbana de Rio Branco-Ac demonstrou, por meio de dados probabilísticos, que as diferentes realizações são determinadas tanto por fatores lingüísticos quanto por fatores sociais que concorrem simultaneamente para a variação desses fonemas.

Os **segmentos antecedentes** favorecedores de [ʎ] foram as vogais médias posteriores [o, ɔ] e a vogal média-alta anterior [e]. O favorecimento de [lɲ] ocorreu diante da vogal alta posterior [u] e da vogal baixa [a]. A variante [j] é favorecida pela vogal baixa e pelas médias posteriores. As duas primeiras variantes apresentaram alto índice de aplicação da regra, enquanto a última mostrou-se insignificante.

Em relação a [ɲ], os contextos antecedentes favoráveis à sua realização foram [ẽ], [ũ] e [ẽ̃]. Para [ɲj] os segmentos vocálicos favorecedores foram [ũ], [õ], [ẽ̃], e [ẽ]. Por fim, a iotização é favorecida pelo segmento vocálico [ĩ]. Este grupo de fatores lingüísticos mostrou-se relevante para as três variantes.

Os **segmentos subseqüentes** favorecedores da lateral palatal foram as vogais baixas oral e nasal. A realização da lateral alveolar seguida de semivogal foi favorecida por: ditongo [ej], médias anteriores [e, e], baixa central em posição postônica final [ɐ] e vogal alta posterior em posição postônica final [u]. Os mesmos contextos, com exceção de [ɐ], favorecem a variante [j]. Da mesma maneira que ocorreu no contexto antecedente, o contexto subseqüente foi considerado bastante positivo para as realizações [ʎ] e [lɲ], e negativo para [j].

Para as realizações de /ɲ/, observou-se que a manutenção da nasal palatal foi favorecida pelos segmentos vocálicos baixos [a], [ẽ̃], e pelas médias posteriores [o], [ɔ]. Os contextos que mais favorecem a realização de [ɲj] foram os segmentos vocálicos baixos [a], [ɐ], [ẽ̃], e o segmento alto posterior [u]. Em relação a [j], os contextos favorecedores foram o ditongo [ej], a vogal baixa [ɐ] e a alta posterior [u]. Observou-se, ainda, que [ɲ], [ɲj] e [j] sofrem influência do contexto subseqüente, tendo-se em vista que o grau de significância foi positivo para a aplicabilidade da regra.

Em relação à **tonicidade** da sílaba verificou-se que, na posição tônica, houve uma tendência à permanência da lateral palatal [ɫ] e da variante iotizada [j]. As sílabas não tônicas favoreceram a variante [lj]. A tonicidade se mostrou relevante em termos de significância para [ɫ] e [lj], mas não significativo para [j].

A variante [ɲ] foi favorecida pela sílaba tônica e pela pretônica. As sílabas pretônicas e postônicas favorecem a produção da variante [ɲj]. E, por último, somente a posição postônica favoreceu a variante iotizada. Verificou-se, ainda, que as variantes [ɲ] e [ɲj] apresentaram-se confiáveis para a aplicabilidade da regra; já em relação a [j] não se pode afirmar que a tonicidade exerça influência para [j], uma vez que a significância foi bastante negativa.

No que se refere à **classe de palavra**, observou-se que o substantivo tem efeito favorável para a variante [j], e desfavorável para [ɫ] e [lj], que apresentaram pesos relativos de .448 e .494, respectivamente. Embora o substantivo não tenha se mostrado favorável à realização de [ɫ] e [lj], esta foi a classe gramatical que mais favoreceu essas duas variantes, pois em relação aos verbos e adjetivos, os pesos gerados foram .416, para [ɫ], e .125 para [lj]. Os valores de significância apresentados para [ɫ] e [lj] mostraram que a regra se aplica para as duas variantes; no entanto, [j] não apresentou valor positivo quanto à significância para a regra variável.

O substantivo favoreceu a variante [ɲj], e não exerceu influência favorável ou desfavorável para [j]. A classe dos verbos influenciou favoravelmente as realizações [ɲj] e [ɲ]. Os adjetivos ficaram no ponto da neutralidade em relação a [ɲ] e [j], mas agiu desfavoravelmente em relação a [ɲj]. A classe gramatical não se apresentou relevante para a aplicação da regra variável em relação às três variantes.

Os grupos de aspectos sociais, assim como os grupos de aspectos lingüísticos, exerceram influência significativa para o fenômeno da despalatalização. A escolha de uma variante em detrimento de outra ocorreu de acordo com a estratificação social dos informantes, tendo-se em vista que as variantes gozam de *status* social diferenciado.

O fator **idade** exerceu uma considerável influência sobre as ocorrências: entre os mais jovens (18 a 35 anos), predominou a variante lateral palatal; entre os informantes da faixa intermediária (36 a 53 anos), há a tendência ao uso de [lj] e [j]; entre os falantes da terceira faixa etária (acima de 54 anos) predominou o uso de [lj].

Este fator social foi considerado importante quanto à aplicação da regra para as três variantes.

Para as variantes da nasal palatal, a primeira faixa etária (FA) deu preferência ao uso de [ɲ]; a faixa intermediária (FB) apresentou tendência ao uso de [ɲj] e [ɲ]; e na terceira faixa (FC) predominou o uso de [j]. Sobre o grau de *significance* observou-se que a regra se aplica em relação a [ɲ] e [j], mas não se aplica em relação a [ɲj].

A **escolaridade** exerce, assim como a idade, notável influência para o uso das variantes. A escolha dos falantes graduados ou cursando graduação foi pela lateral palatal [ʎ]; os informantes de 5ª série ao ensino médio apresentaram tendência ao uso de [ʎ] e de [lʎ]; os falantes que eram analfabetos ou possuíam até a 4ª série apresentaram o maior uso de [j] e [lʎ]. Do ponto de vista da influência da escolaridade para a regra variável, as variantes [j] e [ʎ] podem ser aplicadas, já para a variante [lʎ] não se aplica.

As variantes de /ɲ/ foram assim utilizadas: [ɲ] e [ɲj] prevaleceram na fala dos informantes do maior nível de escolaridade (N3); os falantes do nível intermediário (N2) deram preferência ao uso de [ɲ]; e entre os informantes de menor escolaridade (N1) prevaleceu o favorecimento de [j]. A regra pode ser aplicada em relação a [ɲ] e [j], porém não se aplica a [ɲj].

Quanto ao fator **sexo**, apesar de não haver grande diferença na comparação entre os resultados obtidos, observou-se que as mulheres tendem ao uso de [lʎ], enquanto os homens deram preferência a [j] e [ʎ]. A regra variável se aplica às variantes [lʎ] e [j], contudo, não é aplicável em relação a [ʎ].

Em relação às variantes da nasal palatal, as mulheres tenderam ao uso de [ɲ] e [ɲj], ao passo que os homens favoreceram a ocorrência de [j]. A regra se aplica para [ɲ] e [j], contudo não se aplica a [ɲj].

Nos processos *step up* e *step down* realizados pelo VARBRUL, os grupos considerados significativos para a variação tanto do fonema /ʎ/ quando de /ɲ/ foram: **contexto antecedente, contexto subsequente, faixa etária, sexo e escolaridade**. O programa considerou irrelevantes os grupos *classe de palavra* e *tonicidade*.

Comparando os resultados das narrativas aos do QFL, percebeu-se que, em ambos, o maior percentual de despalatalização ocorreu com as produções de /ɲ/. Contudo, em consequência do baixo número de produções nas primeiras não se considerou produtiva a análise estatística dos dados, o que será feita nas próximas etapas da pesquisa, com o aumento do *corpus* concernente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se verificar, neste trabalho, como se configura a alternância de uso das variações dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ na fala riobranquense, bem como os fatores lingüísticos e sociais que exercem influência no uso das mesmas. Na persecução desse objetivo, a análise desses segmentos deixou entrever alguns aspectos, que não foram mencionados no decorrer da dissertação ou que não foram suficientemente discutidos, aqui retomados no intuito de sistematização de dados para o aprofundamento dos resultados iniciais alcançados, em pesquisas posteriores.

O primeiro ponto a ser retomado é que a análise confirmou algumas hipóteses e contestou outras, assim como confirmou alguns estudos anteriores e revelou-se contrária a outros. Destarte, dos dois fonemas alvos da análise, /ʎ/ sofreu menos despalatalizações do que /ɲ/, tendo-se em vista que o percentual de freqüência da variante [ʎ] alcançou 86.5%, ao passo que [ɲ] ficou em 50.1%. Similarmente, os segmentos [lj] e [nj] chegaram aos percentuais de 12.2% e 6.2%, respectivamente, implicando dizer que a troca das palatais por outro segmento de mesmo modo de articulação mais semivogal ocorreu com maior intensidade para a lateral palatal. Tais resultados, que se assemelham aos descritos em outras pesquisas, revelam uma discrepância interessante na utilização das variantes laterais e nasais. Trabalhos futuros podem ser voltados para a relação entre elas e a valorização social de que desfrutam, com três perguntas a serem respondidas: a) a maior freqüência de [ʎ] está relacionada ao fato de ser mais prestigiada do que [ɲ]? b) em caso afirmativo, isso indica que os falantes têm consciência de uma maior aceitação como norma culta da primeira em detrimento da segunda? c) em caso negativo, pode-se creditar essa preferência a fatores puramente lingüísticos? Quais?

Ainda em relação à propensão dos informantes às variantes palatais ou palatalizadas de /ʎ/, cabe registrar que a iotização (semivocalização) e o apagamento dos dois fonemas, variantes mais despalatalizadas e mais facilmente associadas aos falares de informantes cujo nível de escolaridade é baixo, ocorreram com mais força em relação a /ɲ/, chegando a 43.8% do total de realizações da nasal palatal. No que se refere a /ʎ/, a iotização ficou apenas em 1.3%, não se devendo

esquecer, porém, que a iotização foi amalgamada com o apagamento, sendo que [ø] foi muito mais representativo para /ɲ/; aliás, /ʎ/ apresentou uma única realização de zero fonético, a realização [abea]. Esse quadro reforça a necessidade de se analisar a maior despalatalização de /ɲ/ comparado a /ʎ/.

O segundo ponto a ser posto em debate é que, nesta dissertação, a variante [ʎ] apresentou os maiores índices de conservação entre os falantes do sexo masculino, jovens e de nível superior enquanto a variante [ɲ] foi favorecida pelas mulheres, da faixa etária intermediária e também de nível superior. Nas análises realizadas para os falares de outras regiões, geralmente o comportamento dos informantes é uniforme para as duas realizações, ou seja, as mulheres realizam mais as variantes palatais do que os homens, o que revelaria por parte delas uma propensão às variantes de prestígio quando comparadas a estes últimos. Assim, os dados de Rio Branco merecem ser revistos na tentativa de detectar se fatores não identificados na análise estão influenciando os resultados ou, se, efetivamente, o comportamento lingüístico da amostra selecionada é o que foi inferido independentemente de outros condicionantes. Neste último caso, conclui-se que a propensão às variantes de prestígio, pelo menos na amostra aqui analisada, é muito mais influenciada pelo nível mais alto de escolarização do que pelo sexo dos informantes.

O terceiro ponto a ser observado diz respeito à estigmatização sofrida pelas variantes de /ʎ/ e de /ɲ/. Com efeito, à medida em que elas são despalatalizadas diminui o prestígio social que lhes era conferido nas formas palatais. Esta pesquisa não contemplou, visto não ser seu objetivo, o grau de aceitação ou de rejeição das formas ditas não cultas ou não padrão desses dois fonemas, o que pode se constituir em objeto de estudos ulteriores no âmbito das atitudes lingüísticas. Neste contexto, pelo menos dois universos devem ser investigados, um referente à norma culta e outro à não culta. Além da avaliação *in concreto* dos indícios de estigma em relação às variantes, o estudo pode revelar o grau de consciência dos falantes a que se referiu no início destas considerações.

Por fim, cabem algumas palavras acerca de uma possível e útil complementação da pesquisa no âmbito da Fonética Experimental visto que estudos feitos por meio de programas de análise da fala conferem maior rigor e precisão à classificação de articulações, classificação esta efetuada a partir da simples oitiva das gravações. Nesse sentido, deve-se registrar que este estudo não esgota as

possibilidades de análise das formas variantes dos fonemas /k/ e /ɲ/, na fala dos riobranquenses. Não se verificaram, ainda, por exemplo, o elemento renda entre os fatores sociais, nem o elemento estrutura das palavras entre os fatores lingüísticos. Como as limitações de tempo não possibilitaram tais etapas nesta pesquisa inicial, elas não poderão ser relegadas a segundo plano nas continuações.

No tocante à língua como expressão de identidade, temática abordada também no primeiro capítulo, não se considera possível, no mais das vezes, em consonância com o que foi anunciado na Introdução, estabelecer conexões diretas entre um fato lingüístico de caráter pontual e a identidade de uma comunidade determinada haja vista que os fatos lingüísticos, mormente os fonéticos, são, em muito condicionados pelo funcionamento do próprio sistema lingüístico do qual fazem parte. Contudo, algumas considerações podem ser e, efetivamente, foram feitas, a respeito de peculiaridades do falar acreano, originárias dos falares nordestinos, principalmente do cearense, peculiaridades estas que, se não chegam exatamente a traduzir a “identidade acreana”, decerto podem ser vistas, em sentido amplo, como um dos componentes deste tema tão vasto e complexo.

Finalizando, ao concluir esta pesquisa, devem ser registradas algumas esperanças para o futuro: inicialmente, espera-se ter contribuído para a descrição das variantes de /k/ e de /ɲ/ em Rio Branco. Conforme anunciado na Introdução, tem-se conhecimento da existência de diversos trabalhos sobre a temática em outras regiões do Brasil, porém, não se tinha notícias de trabalhos de caráter mais aprofundado feitos sobre a variedade riobranquense; em seguida, espera-se que o interrelacionamento entre os dois últimos capítulos da dissertação, diretamente focados nos aspectos lingüísticos tomados por objeto de estudo, e o primeiro capítulo, voltado para questões mais abrangentes, ligadas aos temas da diversidade lingüística e das formas de fala estigmatizadas, sirva como um elemento a mais em favor do respeito às diversas modalidades de fala pelo viés da compreensão de que essas variantes fazem parte, conforme mencionado no aludido primeiro capítulo, dos usos e do funcionamento da língua.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. *Zoneamento ecológico-econômico: recursos naturais e meio ambiente – documento final*. Rio Branco: SECTMA, 2000, v. 2. Disponível em: <[http://www.ac.gov.br/meio\\_ambiente/zee2.html](http://www.ac.gov.br/meio_ambiente/zee2.html)>. Acesso em: 10 jul. 2007.

\_\_\_\_\_. Disponível em:<<http://www.ac.gov.br>>. Acesso em: 8 set. 2008.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: 1999.

AITCHISON, Jean. *Introdução aos estudos lingüísticos*. Trad. António H. Branco. Portugal: Europa-América Lda., 1993.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A Despalatalização e lotização no Atlas Lingüístico da Paraíba. In: **4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia**, 1992, Niterói - RJ. 4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia - Resumos, 1992.

\_\_\_\_\_. A Despalatalização e Conseqüente lotização no Falar de Fortaleza. In: **XIV Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE**, 1996, Natal - RN. XIV Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE - Resumos, 1996. ARAGÃO, M. S. S. . Variantes Diatópicas e Diastráticas. Competência e Desempenho. In: 46ª Reunião Anual da SBPC, 1996, Vitória. 46ª Reunião da SBPC - Resumos, 1996.

\_\_\_\_\_. Do bainês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. In: Revista do GELNE – Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Ano I, nº 1. Fortaleza: UFC/GELNE, 2001.

\_\_\_\_\_. *Configuração Geo-Social: marcas lingüísticas e identidade*. Palestra proferida no anfiteatro Garibaldi Brasil-UFAC, 2006.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 35. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BARRERA, Sylvia Domingos e MALUF, Maria Regina. Variação lingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia escolar educacional* [online], ISSN 1413-8557; jun 2004, vol. 8, no.1, p. 35-46. Disponível em <[http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572004000100005&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 ago. 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ensino da Gramática*. Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 2005.

BERGO, Vitorio. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra, 1943.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Sobre a Nasal e a Lateral Palatais no Português do Brasil*. UFRJ, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Livro dos Juízes (Cap. 12: 5-7)

\_\_\_\_\_. Livro Gênesis (Cap. 11:1-9)

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

\_\_\_\_\_. *A língua do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

CAGLIARI, Luís Carlos. *A Palatalização em Português: Uma Investigação Palatográfica*. Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas, São Paulo, 1974.

CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à Língua Portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *O Atlas lingüístico do Brasil: uma questão política*. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/alipa/atlas\\_brasil.htm](http://www.ufpa.br/alipa/atlas_brasil.htm)>. Acesso em: 16 dez. 2006.

COSTA, Francisco Pereira. *Seringueiros, patrões e a justiça no Acre Federal, 1904/1918*. Rio Branco: EDUFAC, 2005a.

COSTA, João Craveiro. *A conquista do deserto ocidental: subsídios para a história do Território do Acre*. Brasília: Senado Federal, 2005b.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. 19. imp. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CHRISTINO, Beatriz. 2001. *Português de gente branca: certas relações entre língua e raça na década de 1920*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DALPIAN, Laurindo e MEA, Célia Pelegrini. *Do latim ao português: estudos fonéticos-fonológicos*. Relatório de pesquisa. Snta Maria, 2002. Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/laurindo/vers%C3%A3o%20final%pesquisa%20200.doc>> - Acesso em: 20 nov. 2006.

DEMANT Peter. Direitos para os excluídos. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. (Org.) *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, Luiz Francisco. Entrevista concedida para a Revista Encontro Educação. Disponível em: <<http://www.revistaencontro.com.br/outubro05/educacao/capa.asp>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

DUBOIS, Jean *et alli*. *Dicionário de Lingüística*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUTRA, Rosália. *O falante gramático: introdução à prática de estudo e ensino do português*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes *et all*. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FOUCAULT, Michel. O olho do poder. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 20. ed. org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJE, 2005.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALLIDAY, M. K. A. *et al*. Os usuários e os usos da língua. In: \_\_\_\_\_. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Trad. Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, Marcos. *Norma lingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2001.

JOGAS, M. G.; GOMES, N. dos S. *Adoniran Barbosa, o defensor involuntário do combate ao preconceito lingüístico*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/02.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2007.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

LABOV, William. *The stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. The reflection of social processes in linguistics structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Haugen: Montoun, 1968.

\_\_\_\_\_. LABOV, William *et al.* *A Quantitative Study of Sound Change in Progress*. Philadelphia: U.S. Regional Survey, 1972a.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972b.

\_\_\_\_\_. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972c.

\_\_\_\_\_. 1976, p. 190, *apud* CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 87.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos lingüísticos fundamentais*. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972.

LARROSA, Jorge. *¿Para qué nos sirven los extranjeros?* In: EDUCAÇÃO & SOCIEDADE: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), vol. 23, nº 79. Campinas: CEDES, 2002.

LEITE, Marli Quadros. Dialeto, registros e norma lingüística: análise de exemplo. In: SILVA, Luiz Antônio da. (Org.). *A língua que falamos – Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. *Sobre terras e gentes: o terceiro eixo ocupacional de Rio Branco*. João Pessoa: Idéia, 2006.

LYONS, John. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Trad. de Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LUCCHESI, Dante e ARAÚJO, Silvana. Fundamentos. In: *O Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. 2007. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2007.

MAIA, Francisca de Oliveira. *Marcas de arcaísmos no discurso oral de seringueiros acreanos*. Revista Seringal de Idéias, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.seringaldeideias.com>>. Acesso em: 20 dez. 2007.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais elo Horizonte, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Introdução à Lingüística*. Trad. Luísa Baptista. Lisboa: Gradiva, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAN, 2005.

\_\_\_\_\_. *Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a10v14n2.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2007.

MESSIAS, Lindinalva. *Les consonnes orales du portugais du Brésil. Analyse segmentale et perceptive de la sonorité et de l'assimilation*. Tese (doutorado). Strasbourg, França : Universidade Marc Bloch, 1999.

\_\_\_\_\_. Assimilation consonântica de ensurdecimento: teste de 3 fatores condicionantes na fala de 8 informantes do Acre. In: *Revista Letra Magna*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura – ano 4, n. 06, 1º semestre de 2007.

MICHAELLIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. *Diversidade lingüística e mobilidade social*. In: COLL - Consultoria de Língua Portuguesa e Literatura. Nov. 2002. Disponível em: <<http://www.collconsultoria.com/artigo6.html>>. Acesso em: 18 abr. 2007.

\_\_\_\_\_. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In \_\_\_\_\_ e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Milton. Identidades. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Cultura e atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PAVEAU, Marie-Anne e SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. Trad. M. R. Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>>. Acesso em: 20 set. 2007.

PIRES, Maria Lucia; DA NOBREGA, Nelson. *As capitais do acre: a cidade e os poderes*. In: Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (106) [ISSN: 1138-9788]. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-106.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

POSSENTI, Sírio. As variações lingüísticas. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. O “político” nas gramáticas. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. O papel da escola é ensinar língua padrão. In: *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. *A língua é uma bandeira política*. 2002. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Raja.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

\_\_\_\_\_. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

REVISTA ÉPOCA, 21 jan. 2007.

SANTOS, G. M. O. A linguagem do reggae: um espaço de estereótipos e de preconceito lingüístico. In: RAMOS, C. de M. A.; ROCHA, M. de F. S.; BEZERRA, J. de R. (Org.). *A diversidade do português falado no Maranhão*. O Atlas lingüístico do Maranhão em foco. São Luís: Edufma, 2006, p. 68-79.

SANTOS, Gledson dos. Variação fonética em estudantes residentes em áreas rurais da Bahia. Artigo apresentado no *Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras da UFBA*, 2006. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/05/pdf/gstantossepesq.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2006.

SANTOS, Tânia Ferreira Rezende. Falares rurais brasileiros. *Revista da UFG*, vol. 7, nº 01, junho 2004. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/agro/R26\\_rurais.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/R26_rurais.html)>. Acesso em: 18 ago. 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 20. ed. Trad. Antônio Chelini, José Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. Variação, mudança e norma (movimentos no interior do português brasileiro). In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Diversidade lingüística e ensino: Anais do Seminário Nacional sobre a Diversidade Lingüística e o Ensino da Língua Materna*. Salvador: EDUFBA, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Flávia R. Santoro., MOREIRA, Valéria Regina de O. *O Comportamento das Palatais Lateral e Nasal na Fala de Comunidades Pesqueiras Fluminenses*. Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.

SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto: 2006b.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. Dissertação de mestrado. Belém: 2002.

SOUZA, Carlos Alberto de. *História do Acre: novos temas, nova abordagem*. Rio Branco: Carlos Alberto de Souza, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-lingüística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TOURAINÉ, Alain. *O direito ao casamento gay*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2103200403%2ehtm>>. Acesso em: 19 abr. 2007.

YAGUELLO, Marina. Não mexe com a minha língua! In: BAGNO, Marcos. *Norma lingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2001.

VIANNA, Adriana. *Direitos e políticas sociais no Brasil: mapeamento e diagnóstico*. Rio de Janeiro: Cepesc, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William, HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. Marcos Bagno. Rev. Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZAUNER, *apud* COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. 19. imp. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.



# ANEXOS

## Anexo 1

### QUESTIONÁRIO FONÉTICO-LEXICAL<sup>50</sup>

Título: A DESPALATALIZAÇÃO DOS FONEMAS /ʎ/ E /ɲ/ NA FALA URBANA DE RIO BRANCO-AC

Curso: Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade

Instituição: Universidade Federal do Acre - UFAC

Mestranda: Francisca Eleni Silva de Melo

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves

#### Perguntas para realização de /ʎ/

1. Qual é a parte da perna que fica entre a coxa e a canela? (JOELHO)
2. A atividade que uma pessoa faz para ganhar dinheiro honestamente? (TRABALHO)
3. Tempero que se coloca em comida, em forma de dentes? (ALHO)
4. Nome dado ao pedaço ou resto de pano recortado? (RETALHO)
5. Tipo de tecido de algodão, mole e delicado? (MALHA)
6. Com o que as pessoas costumam cobrir as casas? (TELHA, PALHA)
7. Nome que se dá para o cano usado em telhado para escoar chuva? (CALHA)
8. Com exceção das frutas e das flores, o que mais nasce nos galhos das árvores? (FOLHAS)
9. Em qual parte da planta nascem os frutos? (GALHO, GALHA)
10. Quando uma pessoa pega chuva, ou cai água sobre ela, como ela fica? (MOLHADA)
11. Qual o nome do brinquedo que faz barulho ao ser balançado e é usado por bebês? (CHOCALHO)
12. Tipo de jogo feito com cartas de vários naipes? (BARALHO)
13. Como se chama o bloco de terra rodeado de água, localizado no meio do mar? (ILHA)
14. Como é o nome do objeto usado em rádios e brinquedos eletrônicos a fim de fazê-los funcionar? (PILHA)
15. Nome do inseto que dá no couro cabeludo e provoca muita coceira? (PIOLHO)
16. Livro usado em escolas para a criança aprender a ler e contém o ABC? (CARTILHA)
17. Qual o mês que vem antes de agosto? (JULHO)

---

<sup>50</sup> Adaptado a partir do questionário utilizado por SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. Dissertação de mestrado. Belém: 2002. No início de sua pesquisa, SOARES utilizou a experiência de narrativa para compor seu *corpus*, contudo, verificou que havia poucas ocorrências de palavras com os fonemas /ʎ/ e /ɲ/; a partir de então, elaborou um rol de perguntas específicas norteando-se pelos princípios metodológicos do Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB).

18. Diga o nome da parte do corpo que serve para enxergar. (OLHO)
19. Ruído alto e forte é o mesmo que ... (BARULHO)
20. Nome do leite passado, azedo, tomado com açúcar. (COALHADA)
21. Que inseto produz mel e cera. (ABELHA)
22. Qual é o nome do objeto no qual colocamos a linha para costurar. (AGULHA)
23. A fêmea do homem é a ... (MULHER)
24. O objeto usado para tomar sopa. (COLHER)
25. Tipo de tranca de ferro corrediça para fechar portas, portões, janelas. (FERROLHO)
26. Bola de ar que se forma por causa da água, ou quando uma pessoa se queima. (BOLHA)
27. Qual é o nome do objeto usado para as pessoas se verem refletidas? (ESPELHO)
28. Qual a profissão da pessoa que trabalha em oficina consertando ou fabricando objetos de metal: portas, janelas, portões (SERRALHEIRO)
29. Como se chama a parte de cima de uma casa, aquela que não permite a entrada da chuva? (TELHADO)
30. Cria de animal, bicho pequeno, é o mesmo que ... (FILHOTE)
31. Para ganhar um prêmio de loteria preciso comprar um ... (BILHETE)
32. Como é chamado aquele que vende bilhete? (BILHETEIRO)
33. Qual o nome do lugar onde se vende bilhete? (BILHETERIA)

### **Perguntas para a realização de /ɲ/**

34. Como chamamos uma criança que é cheia de manhas? (MANHOSA)
35. Local da casa onde as pessoas se jogam água, de asseio. (BANHEIRO)
36. O dia que vem depois de hoje. (AMANHÃ)
37. Lugar onde o passarinho põe ovos. (NINHO)
38. Gordura de porco, muito usada na cozinha e substitui o óleo. (BANHA)
39. Quando se diz que uma pessoa tem riqueza, é o mesmo que dizer que ela tem ... (DINHEIRO)
40. Quando uma pessoa é meiga, trata bem as pessoas, carinho, diz-se que é uma pessoa... (CARINHOSA)
41. Como se chama a primeira parte do dia, das 6 às 12. (MANHÃ)
42. A pessoa que mora ao lado da sua casa é seu ... (VIZINHO)
43. A pessoa que fala pelo nariz é ... (FANHO, FANHOSA)
44. Conjunto de imagens que surgem durante o sono. (SONHO)
45. Uma que pessoa tem muitos sonhos, ou que deseja muito uma coisa impossível. (SONHADOR)
46. Bebida feita com limão, água, açúcar e cachaça. (CAIPIRINHA)
47. Uma pessoa diferente, nos gestos, nas roupas, no gosto, ou que veio de fora. (ESTRANHO)
48. Nome da parte do cachorro onde fica a boca e o nariz? (FOCINHO)
49. Alimento moído feito de mandioca ou de milho, acompanha a carne, feijão, peixe. (FARINHA)
50. Local onde se coloca a farinha para levar para a mesa. (FARINHEIRA)

51. Peça de pano que serve para cobrir o travesseiro. (FRONHA)
52. Como se chama o mau-cheiro que dá debaixo do braço? (INHACA)
53. Nome que se dá à madeira usada para acender o fogo? (LENHA)
54. Monte muito alto. (MONTANHA)
55. Mês em que ocorrem as festas de São João. (JUNHO)
56. Quando se conversa com uma pessoa mais velha, ou desconhecida, como se refere a ela... (SENHOR, SENHORA)
57. Após um dia de trabalho, o que as pessoas fazem quando chegam em casa para ficarem limpas? (TOMAM BANHO)
58. Como se chama a pessoa que não tem vergonha? (CÍNICA, SEM-VERGONHA)

## Anexo 2

### QUESTIONÁRIO SOCIAL FICHA DE CATALOGAÇÃO DO INFORMANTE

Título da pesquisa: A DESPALATALIZAÇÃO DOS FONEMAS /ʎ/ E /ɲ/ NA FALA URBANA DE RIO BRANCO-AC

Curso: Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade

Instituição: Universidade Federal do Acre - UFAC

Mestranda: Francisca Eleni Silva de Melo

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves

#### 1) DADOS DA IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO

1.1 Número:	1.2 Data da aplicação: ____/____/____
1.3 Entrevistador(a):	

#### 2) DADOS DO(A) INFORMANTE:

2.1- Nome completo:	
2.2 - Local de nascimento:	
2.3 - Tempo de residência em Rio Branco:	
2.4 - Sexo:	2.5 - Data de nascimento:
2.6 - Estado civil:	2.7 - Última série estudada:
2.8 - Escolaridade:	
2.9 - Casa própria ( ) sim ( ) não	
2.10 - Endereço:	
2.11 - Bairro:	2.12 - CEP:

3) DADOS DA MÃE DO(A) INFORMANTE:

3.1 - Nome:	
3.2 - Local de nascimento:	3.3 - Data de nascimento:
3.4 - Profissão:	
3.5 - Estado civil:	
3.6 Escolaridade:	

4) DADOS DO PAI DO(A) INFORMANTE:

4.1 - Nome:	
4.2 - Local de nascimento:	4.3 - Data de nascimento:
4.4 - Profissão:	
4.5 - Estado civil:	
4.6 Escolaridade:	

\_\_\_\_\_.

Assinatura do(a) entrevistador(a):

**Anexo 3****CORPUS REFERENTE AO QFL**

<b>Vocábulos</b>	<b>Realizações</b>
Joelho	[ʒu eλʊ], [ʒo eλjʊ], [ʒu eɫjʊ], [ʒu eɟʊ]
Trabalho	[tra baλʊ]
Trabalhar	[traba λa], [traba ja]
Trabalhando	[traba λẽnu], [traba jẽdu]
Alho	[aλʊ], [aλjʊ], [aljʊ]
Retalho	[ɾe taλʊ], [ɾe taλjʊ], [ɾe taljʊ], [ɾe talʊ], [ɾe tajʊ]
Malha	[maλə], [maλjə], [maljə], [majə]
Telha	[teλə], [teλjə], [teljə]
Palha	[paλə], [paλjə], [paljə]
Calha	[kaλə], [kaλjə]
Folha	[foλə], [paλjə], [foljə]
Galho	[gaλʊ], [gaλjʊ], [galjʊ], [gaj]
Molhada	[mɔ λadə], [mɔ λjadə]
Chocalho	[ʃu kaλʊ], [ʃu kaλjʊ], [ʃu kaljʊ], [ʃu kaj]
Baralho	[ba raλʊ], [ba raλjʊ], [ba raljʊ]
Ilha	[iλə], [iλjə], [iljə]
Pilha	[piλə], [piλjə], [piljə]
Piolho	[pi oλʊ], [pi oλjʊ], [pi olo]
Cartilha	[kah tʃiλə], [kah tʃiλjə], [kah tʃiljə]
Julho	[ʒuλʊ], [ʒuλjʊ], [ʒuljʊ]
Olho(s)	[ɔλʊs], [oλʊ], [oλjʊ], [oljʊ]
Barulho	[ba ruλʊ], [ba ruλjʊ], [ba ruljʊ], [ba rulʊ]
Coalhada	[kwa λadə], [kwa λjadə], [kwa ljadə], [kwa jadə]
Abelha	[a beλə], [a beλjə], [a beljə], [a beə] <sup>51</sup>

<sup>51</sup> Esta foi a única realização de despatalatização de /λ/ seguida de apagamento.

Mulher	[mu λɛ], [mu λjɛ], [mu lɛ]
Colher	[ku λɛ], [ku lɛ]
Ferrolho	[fɛ rɔλɥ], [fɛ rɔλjɥ], [fɛ rɔljɥ]
Bolha	[bo λɐ], [bo λjɐ], [bo ljɐ]
Espelho	[is pɛλɥ], [is pɛλjɥ], [is pɛljɥ]
Serralheiro	[sɛrɐ λɛrɥ], [sɛrɐ lɛjrɥ]
Telhado	[tɛ λadɥ], [tɛ λjadɥ]
Filhote	[fi λɔtʃɪ], [fi λjɔtʃɪ]
Bilhete	[bi λɛtʃɪ], [bi λjɛtʃɪ], [bi lɛtʃɪ]
Bilheteiro	[bi λɛtɛrɥ], [bi λjɛtɛrɥ], [bi lɛtɛjrɥ]
Bilheteria	[bilɛtɛ rjɐ], [bilete rjɐ]

Vocábulos	Realizações
Manhosa(o)	[mɛ̃ ɲɔzɐ], [mɛ̃ ɲozɥ], [mɛ̃ ɲjɔzɐ], [mɛ̃ jɔzɐ]
Banheiro	[bɛ̃ ɲɛjrɥ], [bɛ̃ ɲjɛjrɥ], [bɛ̃ jɛjrɥ], [bɛ̃ ɛrɥ]
Amanhã	[amɛ̃ ɲã], [amɛ̃ ɲjã], [amɛ̃ jã]
Ninho	[ɲĩɲɥ], [ɲĩɥ], [ɲĩ]
Banha	[bɛ̃ɲɐ], [bɛ̃ɲjɐ], [bɛ̃ɲjɐ], [bɛ̃jɐ]
Dinheiro	[dʒĩ ɲɛrɥ], [dʒĩ ɲjɛjrɥ], [dʒĩ ɛrɥ]
Carinhosa(o)	[kaɾĩ ɲɔzɐ], [kaɾĩ ɲozɥ], [kaɾĩ ɲjɔzɐ], [kaɾĩ ɔzɐ]
Manhã	[mɛ̃ ɲã], [mɛ̃ ɲjã], [mɛ̃ jã]
Vizinho	[vi ʒĩɲɥ], [vi ʒĩɲjɥ], [vi ʒĩɥ], [vi ʒĩ]
Fanha	[fɛ̃ ɲɐ], [fɛ̃ ɲjɐ], [fɛ̃ jɐ]
Fanhosa	[fɛ̃ ɲɔzɐ], [fɛ̃ ɲjɔzɐ], [fɛ̃ jɔzɐ]
Sonho	[sõɲɥ], [sõɲjɥ], [sõjɥ]
Sonhador	[sõɲa do], [sõɲja do], [sõja do]
Caipirinha	[kajpi ɾĩɲɐ], [kajpi ɾĩɲjɐ], [kajpi ɾĩɐ]

Estranho	[iʃ trɛ̃ɲu], [iʃ trɛ̃ɲju], [iʃ trɛ̃ju]
Fucinho	[fu çĩɲu], [fu çĩu], [fu çĩ]
Farinha	[fa rĩɲɐ], [fa rĩɲɐ], [fa rĩɐ]
Farinheira	[faĩ ɲɛɐ], [faĩ ɛɐ]
Fronha	[ frõɲɐ], [ frõɲɐ], [ frõjɐ]
Inhaca	[ĩ ɲakɐ] <sup>52</sup>
Lenha	[ lɛ̃ɲɐ], [ lɛ̃ɲɐ], [ lɛ̃jɐ], [ lɛ̃ɐ]
Montanha	[mõ tɛ̃ɲɐ], [mõ tɛ̃ɲɐ], [mõ tɛ̃jɐ]
Junho	[ ʒuɲu], [ ʒuɲju], [ ʒuju]
Senhor	[sɛ̃ ɲo], [sĩ ɲo], [sɛ̃ jo], [sĩ jo], [sĩ o]
Senhora	[sɛ̃ ɲɔɐ], [sĩ ɲɔɐ], [sɛ̃ jɔɐ], [sĩ jɔɐ], [sĩ ɔɐ]
Banho	[ bɛ̃ɲu], [ bɛ̃ɲju], [ bɛ̃ju], [ bɛ̃j]
Sem-vergonha	[vɛɐ gõɲɐ], [vɛɐ gõɲɐ], [vɛɐ gõjɐ], [vɛɐ gõj]

<sup>52</sup> Pouquíssimas realizações, tendo-se em vista que no Acre usa-se mais as palavras “suvaqueira” e “cecê”.



## Anexo 4

---

---

### TRANSCRIÇÃO Questionário Fonético-Lexical

---

---

Dados do(a) informante:  
Sexo: Masculino  
Idade: 59 anos (FC)  
Escolaridade: Ensino Fundamental Completo (N2)  
Localidade: Santa Inês  
Tempo de gravação: 07'23"

INQUÉRITO N° 62

1. Qual é a parte da perna que fica entre a coxa e a canela?

*Informante:* [ʒo eʎu]

2. A atividade que uma pessoa faz para ganhar dinheiro honestamente?

*Informante:* [traba lja]

3. Tempero que se coloca em comida, em forma de dentes?

*Informante:* [ aʎu]

4. Nome dado ao pedaço ou resto de pano recortado?

*Informante:* [ʀe taʎu]

5. Tipo de tecido de algodão, mole e delicado?

*Informante:* [ maʎə]

6. Com o que as pessoas costumam cobrir as casas?

*Informante:* [ teʎə], [ paʎə]

7. Nome que se dá para o cano usado em telhado para escoar chuva?

*Informante:* [ kaʎə]

8. Com exceção das frutas e das flores, o que mais nasce nos galhos das árvores?

*Informante:* [ foʎə]

9. Em qual parte da planta nascem os frutos?

*Informante:* [ gaʎu]

10. Quando uma pessoa pega chuva, ou cai água sobre ela, como ela fica?

Informante: [mɔ kʌdɐ]

**11.** Qual o nome do brinquedo que faz barulho ao ser balançado e é usado por bebê?

*Informante:* maracá, [ʃã kaʎu]

**12.** Tipo de jogo feito com cartas de vários naipes?

*Informante:* [ba raʎu]

**13.** Como se chama o bloco de terra rodeado de água, localizado no meio do mar?

*Informante:* [ iljɐ]

**14.** Como é o nome do objeto usado em rádios e brinquedos eletrônicos a fim de fazê-los funcionar?

*Informante:* [ piljɐ]

**15.** Nome do inseto que dá no couro cabeludo e provoca muita coceira?

*Informante:* dengue, [pi oʎu]

**16.** Livro usado em escolas para a criança aprender a ler e contém o ABC?

*Informante:* carta de ABC

**17.** Qual é o mês que vem antes de agosto?

*Informante:* [ ʒuljɔ]

**18.** Diga o nome da parte do corpo que serve para enxergar.

*Informante:* [ oljɔ]

**19.** Ruído alto e forte é o mesmo que ...

*Informante:* [ba ruʎjɔ]

**20.** Nome do leite passado, azedo, tomado com açúcar?

*Informante:* [kwa kʌdɐ]

**21.** Que inseto produz mel e cera?

*Informante:* [a beljɐ]

**22.** Qual é o nome do objeto no qual colocamos a linha para costurar?

*Informante:* [a guʎjɐ]

**23.** A fêmea do homem é a ...

*Informante:* [mu kɛ]

**24.** O objeto usado para tomar sopa.

*Informante:* [kU λɛ]

**25.** Tipo de tranca de ferro corrediça para fechar portas, portões, janelas?

*Informante:* cadeado, [fɛ ɾoλU]

**26.** Bola de ar que se forma por causa da água, ou quando uma pessoa se queima?

*Informante:* [ boλɐ]

**27.** Qual é o nome do objeto usado para as pessoas se verem refletidas?

*Informante:* [is pɛλU]

**28.** Qual a profissão da pessoa que trabalha em oficina consertando ou fabricando objetos de metal: portas, janelas, portões?

*Informante:* [mɛta lɛrU], marceneiro, [sɛɾaj ɛrU]

**29.** Como se chama a parte de cima de uma casa, aquela que não permite a entrada da chuva?

*Informante:* [tɛlj adU]

**30.** Cria de animal, bicho pequeno, é o mesmo que ...

*Informante:* [fi ljɔtʃɪ]

**31.** Para ganhar um prêmio de loteria preciso comprar um ...

*Informante:* [bi lɛtʃɪ]

**32.** Como é chamado aquele que vende bilhete?

*Informante:* [bile tɛrU]

**33.** Qual o nome do lugar onde se vende bilhete?

*Informante:* [bilete riɐ]

**34.** Como chamamos uma criança que é cheia de manhas?

*Informante:* dengosa, [mã ɲozU]

**35.** Local da casa onde as pessoas se jogam água, de asseio?

*Informante:* [bã ɛrU]

**36.** O dia que vem depois de hoje.

*Informante:* [amã ɲã]

**37.** Lugar onde o passarinho põe ovos.

*Informante:* [ ñiu]

**38.** Gordura de porco, muito usada na cozinha e substitui o óleo.

*Informante:* [ bãɲɐ ]

**39.** Quando se diz que uma pessoa tem riqueza, é o mesmo que dizer que ela tem ...

*Informante:* [dʒĩ erʊ]

**40.** Quando uma pessoa é meiga, trata bem as pessoas, dá carinho, diz-se que é uma pessoa ...

*Informante:* [kaĩ ozʊ]

**41.** Como se chama a primeira parte do dia, das 6 às 12.

*Informante:* [mã ɲã]

**42.** A pessoa que mora ao lado da sua casa é seu ...

*Informante:* [vi ʒĩʊ]

**43.** A pessoa que fala pelo nariz é ...

*Informante:* [fã ɲozʊ]

**44.** Conjunto de imagens que surgem durante o sono.

*Informante:* [ sɔjʊ ]

**45.** Uma que pessoa tem muitos sonhos, ou que deseja muito uma coisa impossível?

*Informante:* ambicioso, [sɔja do]

**46.** Bebida feita com limão, água, açúcar e cachaça.

*Informante:* [kaj ɲirɐ]

**47.** Uma pessoa diferente, nos gestos, nas roupas, no gosto, ou que veio de fora.

*Informante:* desconhecido, forasteiro

**48.** Nome da parte do cachorro onde fica a boca e o nariz?

*Informante:* cabeça, venta, [fu ɕĩʊ]

**49.** Alimento moído feito de mandioca ou de milho, acompanha a carne, feijão, peixe.

*Informante:* [fa ɲĩɐ]

**50.** Vasilha onde se coloca a farinha para levar para a mesa?

*Informante:* [fa ɲĩecɐ]

**51.** Peça de pano que serve para cobrir o travesseiro?

*Informante:* [ frõɲɐ ]

**52.** Como se chama o mau-cheiro que dá debaixo do braço?

*Informante:* axilas

**53.** Nome que se dá à madeira usada para acender o fogo?

*Informante:* [ lẽɲɐ ]

**54.** Um monte muito alto é o mesmo que uma ...

*Informante:* morro, serra

**55.** Mês em que ocorrem as festas de São João.

*Informante:* quadrilha, [ jũɲɔ ]

**56.** Quando se conversa com uma pessoa mais velha, ou desconhecida, como se refere a ela ...

*Informante:* [sĩ o]

**57.** Após um dia de trabalho, o que as pessoas fazem quando chegam em casa para ficarem limpas?

*Informante:* toma [bãɲɔ]

**58.** Como se chama a pessoa que não tem vergonha?

*Informante:* descarado, sem [vɛɾ gõɲɐ]

## Anexo 5

---

---

### TRANSCRIÇÃO Questionário Fonético-Lexical

---

---

Dados do(a) informante:  
Sexo: Feminino  
Idade: 39 anos (FB)  
Escolaridade: Ensino Superior Incompleto (N3)  
Localidade: Santa Inês  
Tempo de gravação: 09'47"

INQUÉRITO N<sup>o</sup> 69

1. Qual é a parte da perna que fica entre a coxa e a canela?

*Informante:* [ʒu eλu]

2. A atividade que uma pessoa faz para ganhar dinheiro honestamente?

*Informante:* [traba λãdɯ]

3. Tempero que se coloca em comida, em forma de dentes?

*Informante:* [ aλu]

4. Nome dado ao pedaço ou resto de pano recortado?

*Informante:* [rɛ taλu]

5. Tipo de tecido de algodão, mole e delicado?

*Informante:* popeline, [ maλɐ]

6. Com o que as pessoas costumam cobrir as casas?

*Informante:* zinco, [ teλɐ]

7. Nome que se dá para o cano usado em telhado para escoar chuva?

*Informante:* bica

8. Com exceção das frutas e das flores, o que mais nasce nos galhos das árvores?

*Informante:* [ foλa]

9. Em qual parte da planta nascem os frutos?

*Informante:* [ gaλu]

10. Quando uma pessoa pega chuva, ou cai água sobre ela, como ela fica?

Informante: resfriada, [mɔ λadɐ]

**11.** Qual o nome do brinquedo que faz barulho ao ser balançado e é usado por bebês?

*Informante:* maracá

**12.** Tipo de jogo feito com cartas de vários naipes?

*Informante:* [ba raλɔ]

**13.** Como se chama o bloco de terra rodeado de água, localizado no meio do mar?

*Informante:* [ iλɐ]

**14.** Como é o nome do objeto usado em rádios e brinquedos eletrônicos a fim de fazê-los funcionar?

*Informante:* [ piλɐ]

**15.** Nome do inseto que dá no couro cabeludo e provoca muita coceira?

*Informante:* [pi oλɔ]

**16.** Livro usado em escolas para a criança aprender a ler e contém o ABC?

*Informante:* [kar t[iλjɐ]

**17.** Qual é o mês que vem antes de agosto?

*Informante:* [ zuλɔ]

**18.** Diga o nome da parte do corpo que serve para enxergar.

*Informante:* [ ɔλɔs]

**19.** Ruído alto e forte é o mesmo que ...

*Informante:* [ba ruλɔ]

**20.** Nome do leite passado, azedo, tomado com açúcar?

*Informante:* [kwa λadɐ]

**21.** Que inseto produz mel e cera?

*Informante:* [a beλɐ]

**22.** Qual é o nome do objeto no qual colocamos a linha para costurar?

*Informante:* [a guλɐ]

**23.** A fêmea do homem é a ...

*Informante:* [mu λɛ]

**24.** O objeto usado para tomar sopa.

*Informante:* prato, [ku λɛ]

**25.** Tipo de tranca de ferro corrediça para fechar portas, portões, janelas?

*Informante:* trancaduras, tranela

**26.** Bola de ar que se forma por causa da água, ou quando uma pessoa se queima?

*Informante:* [boλɐ]

**27.** Qual é o nome do objeto usado para as pessoas se verem refletidas?

*Informante:* [is pɛλɔ]

**28.** Qual a profissão da pessoa que trabalha em oficina consertando ou fabricando objetos de metal: portas, janelas, portões?

*Informante:* mecânico, [sɛɾɛ λɛɾɔ]

**29.** Como se chama a parte de cima de uma casa, aquela que não permite a entrada da chuva?

*Informante:* [tɛ λadɔ]

**30.** Cria de animal, bicho pequeno, é o mesmo que ...

*Informante:* [fi λotɫɪ]

**31.** Para ganhar um prêmio de loteria preciso comprar um ...

*Informante:* [bi λɛtɫɪ]

**32.** Como é chamado aquele que vende bilhete?

*Informante:* [biλje tɛɾɔ]

**33.** Qual o nome do lugar onde se vende bilhete?

*Informante* lotérica, [bilete riɐ]

**34.** Como chamamos uma criança que é cheia de manhas?

*Informante:* dengosa, [mã ɲɔzɐ]

**35.** Local da casa onde as pessoas se jogam água, de asseio?

*Informante:* [bã ɲjeɾɔ]

**36.** O dia que vem depois de hoje.

*Informante:* [amã ɲjã]

**37.** Lugar onde o passarinho põe ovos.

*Informante:* [ ñĩ]

**38.** Gordura de porco, muito usada na cozinha e substitui o óleo.



*Informante:* [ bãɲɐ ]

**39.** Quando se diz que uma pessoa tem riqueza, é o mesmo que dizer que ela tem ...

*Informante:* [dʒĩ ɲjɐɹɔ]

**40.** Quando uma pessoa é meiga, trata bem as pessoas, dá carinho, diz-se que é uma pessoa ...

*Informante:* [kaĩ ɔzɐ]

**41.** Como se chama a primeira parte do dia, das 6 às 12.

*Informante:* de manhã, [mã ɲjã]

**42.** A pessoa que mora ao lado da sua casa é seu ...

*Informante:* [vi ʒĩɹɔ]

**43.** A pessoa que fala pelo nariz é ...

*Informante:* [fã ɲɔzɐ]

**44.** Conjunto de imagens que surgem durante o sono.

*Informante:* [ sɔɲɹɔ ]

**45.** Uma que pessoa tem muitos sonhos, ou que deseja muito uma coisa impossível?

*Informante:* [sɔɲja do]

**46.** Bebida feita com limão, água, açúcar e cachaça.

*Informante:* [kajpi ɲĩɐ]

**47.** Uma pessoa diferente, nos gestos, nas roupas, no gosto, ou que veio de fora.

*Informante:* [dziskõɲɐ sidɹ], [es trãj]

**48.** Nome da parte do cachorro onde fica a boca e o nariz?

*Informante:* fuça

**49.** Alimento moído feito de mandioca ou de milho, acompanha a carne, feijão, peixe.

*Informante:* [fa ɲĩɲɐ]

**50.** Vasilha onde se coloca a farinha para levar para a mesa?

*Informante:* [fa ɲĩejɲɐ]

**51.** Peça de pano que serve para cobrir o travesseiro?

*Informante:* [ frõɲjɐ ]

**52.** Como se chama o mau-cheiro que dá debaixo do braço?

*Informante:* suvaqueira

**53.** Nome que se dá à madeira usada para acender o fogo?

*Informante:* [ lɛɲɐ ]

**54.** Um monte muito alto é o mesmo que uma ...

*Informante:* [mõ tãɲjɐ]

**55.** Mês em que ocorrem as festas de São João.

*Informante:* [ jũɲjʊ ]

**56.** Quando se conversa com uma pessoa mais velha, ou desconhecida, como se refere a ela ...

*Informante:* [sɛ ɲɔɾɐ], [sɛ ɲɔɾ]

**57.** Após um dia de trabalho, o que as pessoas fazem quando chegam em casa para ficarem limpas?

*Informante:* [ bãɲɔ ]

**58.** Como se chama a pessoa que não tem vergonha?

*Informante:* sem [vɛɾ gõɲɐ]

## Anexo 6

---

---

### TRANSCRIÇÃO

#### Narrativa de Experiência

---

---

Dados do(a) informante:

NARRATIVA Nº 2

Sexo: Feminino

Idade: 43 anos (FB)

Escolaridade: Ensino Superior (N3)

Localidade: Cidade Nova

Tempo de gravação: **08'57"**

*Entrevistadora:* Seu nome?

*Informante:* Dália Justino de Brito, falano sobre a Cidade Nova, né, é... segundo os mais antigos a Cidade Nova ela... ela nasceu aqui no local que é... antes era um matador, e eram terras do chamado Jimmy Barbosa, e as pessoas que foram chegado aqui na cidade foram se localizando aqui nas margens do rio, e eram poucas casas nos anos setenta, quando eu cheguei aqui em setenta e seis, [ tʃiãu] poucas casas, não havia arruamento, só alguns gapós, né, e as pessoas faziam trapicho pra andar por cima pra poder chegar nas suas casas. Então, quando começaram a fazer os arruamento, aí as pessoas começaram a aterrizar os quintais, que eram grandes lagos, né, e a pavimentação ela vêi... algum benefício de asfaltamento na época do então governador Joaquim Falcão Macedo, quem passou nas principais ruas, porque [ tʃiãu] poucas ruas mesmo. E aí, depois, aumentou o número de... de casa, né, que as primeiras... os primeiros terrenos o "seu" [pe dʒĩnu], que era da [ma rĩnɐ], foi quem dividiu aqui a Cidade Nova depois que liberou a... a parte da beira do rio pras pessoas, né, morare. Aí meu pai tirou um lote, nós fizemos a nossa casa. E aqui nós ficamos, depois eu casei, adquiri meu... casei não, que ainda num tô casada na igreja, né, mas tô convivendo com o marido há muitos anos, e a gente comprou esse pedaço aqui no... num contrato de... de... que aqui antigamente era da serraria, aí eles lotearam, e a gente comprou um pedaço e fez a nossa casa. Aí antigamente não [ tʃiã] o arruamento como já tem hoje, né, então cada prefeitura, cada governo, foi entrando e fazendo uma coisa,

e... a gente passou por um abandono muito grande, na época que eu fui presidente de bairro, as ruas estavam todas assim bem esburacadas, tava tudo jogado, uma marginalidade muita alta, as crianças... muita criança à mercê de qualquer coisa. Aí um grupo de [mu λERIS] se reuniu comigo e a gente fez aí passou uns dois anos aí fazendo uns [traba λUS], mantendo contato com algumas secretaria, tentano vê o que a gente podia fazer, na medida do possível, porque a gente num pode fazer muita coisa, não, quando a gente vai fazer essas coisa a gente percebe que... que o que a gente pode fazer não é muita coisa, não, porque as pernas são muito curta, então a gente passou um bom tempo aí, fazeno o [traba λU] cum pessoal da terceira idade, com as crianças, a gente fez uma parceria com a terceira idade pra também cuidar um pouco das criança, e... cumprimos o nosso papel, né? Enquanto moradora, fizemos o nosso papel de tentar fazer alguma coisa pela nossa comunidade. Agora, a gente tá... temos uma outra equipe aí que tá assumino aí a associação, um rapaz que inclusive era da nossa equipe. E aí a gente tá tentano vê no que pode ajudar também, só que a gente num pode fazer muita coisa, que nós também temos as nossas ações, é que agora eu tô nouto serviço, na zona rural. Mas na medida do possível, meus dois [fiλU] tão ajudano a otra gestão, já... é... estimulados pelo meu exemplo, né, eles entraro na equipe atual e a gente vê que hoje a gente tem algumas autoridades que... algumas, não, muitas autoridades no poder que tão [ɔλjẽ nu] cum muito [kaĩ ju] po povo. A gente vê as ruas hoje sendo cuidada... (segue-se um silêncio e a informante chora, emocionada).

*Entrevistadora:* Por que a senhora se emocionou com essa parte?

*Informante:* Porque enquanto moradora do bairro, nós vimo muita criminalidade acontecer, muita coisa antes, soube de muita história triste que aconteceu e a gente... não presenciou, mas a gente chegou a ouvir muitas história triste que acontecero, e a gente não quer, de forma [nẽ jũmɐ], que isso volte atrás... a acontecer na nossa terra, porque quando a gente nasce num lugar, a gente ama aquele lugar, e nós vimos esse lugar assim... quase seno saqueado, né? A gente sabe muito bem que a história conta aí que Plácido de Castro fez, né, tanta coisa boa e no fim o que aconteceu com ele; o que o Edmundo Pinto tentou fazer e o

que aconteceu com ele. Aí apareceu esse grupo de pessoas que nós vimos aí no poder, que meto a cara com muita corage, muita determinação e... foro fazer alguma coisa, e a gente que... que estava por aqui observando de longe ficô torceno pa dá certo, e hoje a gente vê dano certo. E a gente fica pensando “será que... até quando vai dar certo?”, a gente pensa assim... muito... com muito pânico, até bem poucos dias eu passava em frente ao palácio e [ tʃiɐ̃ ] medo do palácio, às vezes eu [ oʎa vɐ ] po palácio e num via no palácio algo que desse... sustentação para o povo. Mas... hoje eu já [ oʎu ] assim, já tô tirano um pouco daquele trauma que eu [ tʃiɐ̃ ], então, eu nasci em sessenta e quatro, na época da ditadura, meu pai e [ miɲɐ̃ ] mãe dizia assim “você sabe? Num sei, num vi, é a resposta de quem... se alguém li perguntar alguma coisa, você num viu, você num sabe”. Então a gente foi criado nesse... nesse regime. E a gente foi criado também na frontera, né, que eu fui criada em Plácido de Castro, vendo, confiando no exército, [ tʃiɲɐ̃ ] uma visão, aí depois eu fui ver uma outra; eu via o exército a mão da segurança, então a gente foi, é... praticamente treinado por um sargento do exército que era... um [ si ɲo ] que era nosso professor de educação física na... na escola Franklin Rusvelt, e aí tudo isso me fez assim... criar um espírito patriótico nele, nos criou assim... e aí aqui a gente chega e vê as pessoas que a gente pensava que pudesse fazê a proteção, estavam fazeno o contrário. Muitas vezes eu descia aqui pro barranco, num [ tʃiɲɐ̃ ] água, a gente num [ tʃiɲɐ̃ ] água, ia lavar roupa na beira do rio, subia com a bacia na cabeça, as criança tudo pequena, deixava em casa veno a hora de chegar e... encontrar tudo baleado. As bala atravessava da Base pa Cidade Nova, da Cidade Nova pa Base, as gangue... num [ tʃiɐ̃ ] ninguém que tomasse providência. Somente uma pessoa que passou por isso, de ver seus [ fiʎu ] quais morrer, polícia federal correno atrás de um bocado de gente, e ninguém sabia quem era quem, uma insegurança total. Só quem passou por isso sabe porque que eu me emocionei. Porque quano eu vi esse grupo que tá aí no poder [ traba ʎẽnu ] eu senti que... é... poderia fazer algo, e posso fazer algo e continuo a fazer, a zelar e a defender, porque embora as pessoas não são perfeitas, num existe ninguém perfeito, mas uma coisa eu [ tɐɲu ] certeza, é que a gente não pode mais... é... descansar, é... deixar, relaxar pra deixar o

estado voltar numa situação que já esteve, o cidadão acreano não pode é... que ama a sua terra, que... que... mesmo os que não são daqui, eu sei que tem muitos que não são daqui mas que ama o [lugar žĩpũ] onde está, tem que zelar pelo lugar onde a gente está, porque, você viu meus [vi žĩpũ] aqui baixaro o som, mas é porque eles têm respeito, porque eu respeito eles, né? Então a gente tem que gostar dos [vi žĩpũ], respeitar, se dá respeito pa que as pessoas... cada um com seu jeito, né, cada um com seu jeito é... e conviver em paz.

*Entrevistadora:* Certo, muito obrigada!

## Anexo 7

---

---

### TRANSCRIÇÃO Narrativa de Experiência

---

---

Dados do(a) informante:

NARRATIVA Nº 5

Sexo: Masculino

Idade: 64 anos (FC)

Escolaridade: Não-alfabetizado (N1)

Localidade: Nova Estação

Tempo de gravação: 12'27"

*Informante:* O meu nome é [...], [ tẽju] 64 ano, sô moradô na Nova Estação há 23 ano, né, e aí daí foi que nós cumeçemo a nossa [ba taλv] da invasão do bairro, né, cumeçano pela Estação Expermental, né, e viemo até hoje [bataλẽ nu] pelo bairro, né, nós tamo localizado aqui, né, há essa época toda, quano foi uma época o Aragão, que era o prefeito, tavu dizeno que ele ia tomá terra, né, ia tirá todo mundo, aí nós fumo cum ele, cunversemo cum ele e ele disse “[ ɔλɪ], se eu, ante deu sair da prefeitura, eu vô deixá tudo organizado e vocês vão ficá tudo nos seus lugare”, né, ele saiu da prefeitura mas deixô nós tudo localizado, né, só que aqui nessa área que nós mora, aqui, nós não temo documento ainda, da terra, né, é por isso que às vez dá muito probrema pros moradô, é isso, num tem documento, né, do... do... cada qual tem o seu título, tem isso e aquilo ôto, né, então a gente tá dano continuidade no serviço, né, e hoje eu to aqui respondeno as pergunta que você me fizer, né, algumas que, né, que teje no alcance meu, que eu possa responder, eu vô responder pra você, viu?

*Entrevistadora:* Então esse bairro aqui é a continuação da Estação?

*Informante:* É a continuação da Nova... da Estação Expermental pa Nova Estação, né, viu, ela foi fundado, o bairro aqui, no nome da Estação Expermental, né, porque aí ficou Estação Expermental e Nova Estação, né, porque eles tavo caçando todo nome pa butá no... na área, e eu, eu cheguei e disse não, vamo dá continuidade à Estação Expermental, né, porque o cara que era pridente lá era

muito meu amigo, aí eu estudei esse nome, na época, né, que o presidente era o Remilso Queiroz, aí o pessoal aceitou, né, Nova Estação; em seguida Conquista, né, Conquista também, que eles são ligados, né. O presidente da Conquista era nosso amigo também, nós colocamos ele também dentro da nossa pauta, né. Aí surgiu o Monte Alto, que é aqui do lado, né, que são oitenta... na época era oitenta famílias, né, que fizeram também invasão, que foi na época da Francisca [maĩ eru], que ela era... vereadora, né, o Jorge era vereador. Então eles meteram a mão pelo meio por ali, né, e deram por... por encerrado e o pessoal hoje tá morando lá. Isso aí é que é o importante pra nós, num é, que lá só são oitenta famílias, e a Nova Estação... chega a mais de três mil, quatro mil, assim quando começou, né, agora vamos dizer que já [tẽ] mais de ... dez mil, mais ou menos, né, pessoas, famílias morando, né, porque ele é grande, a Nova Estação é grande. A pessoa só sabe o [tamẽ j] da Nova Estação se andar mais eu, porque eu sei onde é situada todas as pedras do bairro, né, então tem muita gente que diz assim “Procura seu Carlito, que seu Carlito sabe onde é o local... de tudo”, né, e eu tô aqui pra servir vocês, qualquer hora que vocês precisarem, né.

*Entrevistadora:* Então, o bairro começou a partir de uma invasão. Como foi essa invasão, foi uma coisa pacífica, nunca é uma coisa pacífica, né? Conte um pouco dessa história.

*Informante:* Não, briga, não houve muita, não. Assim, que... o pessoal tirava seu terreno, né, limpava, vendia pra ôto, né, e aí o ôto já vendia pra ôto, o ôto já fazia casa, e assim a gente ia levar, né, porque a briga é aquela que o pessoal briga com terreno, né, queremo tudo o terreno um do ôto, né. Não, aqui era normal, cada um tirava seu terreno, aquele que num queria ficava pegava e vendia pra ôto, aí tirava ôto lá na frente, porque teve um cara aqui que tirou de dez terrenos, e no fim ele ficou sem [nẽ jũ] pra morar, porque ele vendia tudo, né. Eu tiro pra um [su bĩ] meu, que era dono desse terreno aí, dessa área aí, né. Eram oito terrenos, ele vendeu [tu dũ] e tá morando ali, ó (aponta em direção à casa do sobrinho), naquela [ka žĩ] ali no fundo do meu terreno, bem dizer. Por quê? Porque eles queriam saber do [dũ eru], né, o caso é esse; hoje tá aí, ó, sujeito a sair, né, porque, se o canal pegar aí, eles vão sair, já que é muito próximo à beira do garapé, num é, aí a gente



tá lutano pra... que o bairro cada vez cresça mais, né. Agora só que eu digo uma coisa pra você e eu num peço segredo, cum aquele presidente que tá na associação, o bairro Nova Estação no lugar de suspender, cai. Porque ele não sabe de tudo, ele não entende de nada. Cê vai lá, fala cum ele, e ele “não, num sei, num sei”; é saúde “eu num sei”, é o canal que vão fazê, “eu tumbém num sei”, é as ruas quando é que vão funcionar “eu num sei”. E eu sei.

*Entrevistadora:* Isso porque o senhor fez parte da diretoria.

*Informante:* E eu ando na prefeitura, eu num deixei de andar na prefeitura.

*Entrevistadora:* Conte aí quando o senhor entrou na diretoria da associação?

*Informante:* Quando eu entrei na diretoria do bairro Nova Estação, nós num [tʃĩɐ] sede... nós num [tʃĩɐ] sede. Nós num [tʃĩɐ] um colégio, o que nós [tʃĩɐ] dento do bairro, já depois de dois anos... três anos, era a sede da vovó Quiola, que se chama Zamir Teixeira, e a igreja católica, era até de maderá, né, intão cumu nós formemo a diretoria do bairro, a nossa sede participou a ser na... na creche do Zamir Teixeira, né, na vovó Quiola, intão aí nós lutemo, lutemo, até que a prefeitura liberô um [dʒĩ ɛrʊ] pra nós comprá a maderá pa fazê a... a sede da associação, né. Aí cumu foi liberado o [dʒĩ ɛrʊ] nós compremo todo o material, a prefeitura comprô todo material, mandô deixá no local, né, [tu dʒĩ] [dʒirej tʃĩ], os moradó construíru, num vei [nẽ jũ] carpintero da prefeitura, foi nós mermo, fizemo o piso, fizemo tudo, né. Aí partimo po colégio, aí a briga pelo colégio foi maior, porque [tʃĩɐ] que tirá os moradores do local, mudá pra alguns ôtos terreno, e os moradores num quiria aceitar. E o Jorge Kalume, que era o governo... o prefeito, só quiria se fosse ali naquele local. Aí ele indenizô o pessoal, cum muita luta, né, ele colocô o pessoal nôto canto e fizero o colégio. Os três... as quato coisa que foro feito primeiro assim no nosso bairro, adiantado, foi: a sede da associação, o colégio, a sede do Zamir Teixeira e a igreja católica. E a igreja católica foi quem deu maior apoio a nós aqui ... o povo na invasão foi a igreja católica, porque eles ... antes eles quiriam tirá, e o bispo meteu a mão pelo mei e agüentou porque ele já tava cum a igreja muntada. Aí o Zamir chegou, fez a sede, ele dava merenda pas criança, né, ele ofiricia comida pas criança tudo, né, que ele era candidato na

época. Aí, era o que nós quiria, né, era animado, era uma coisa animada aqui dentro, hoje... cê num vê mais animação, cê num vê mais nada, tá morto, o bairro Nova Estação acabô. Que que nós tem que fazê agora? É lutar pelo bairro. E o homi (o atual presidente do bairro) tem dois ano pa tirá, bem dizê dois ano, poque agora que ele tá cum sete mês, né.

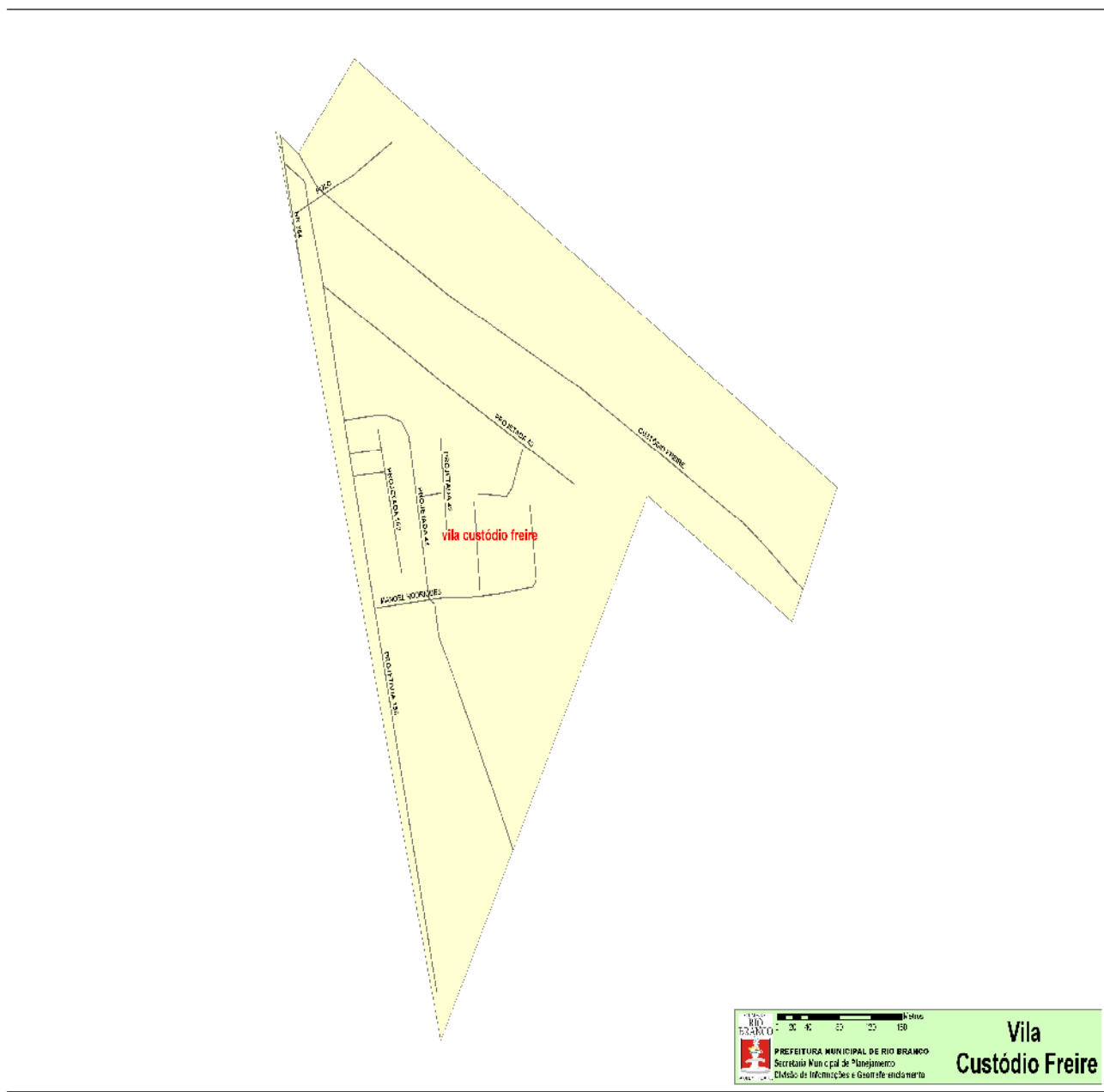
*Entrevistadora:* O senhor sempre fez parte da diretoria, desde o princípio?

*Informante:* Desde o princípio que eu [vêu] na diretoria do bairro. Só num tô participano dessa.

*Entrevistadora:* Há quanto tempo, já?

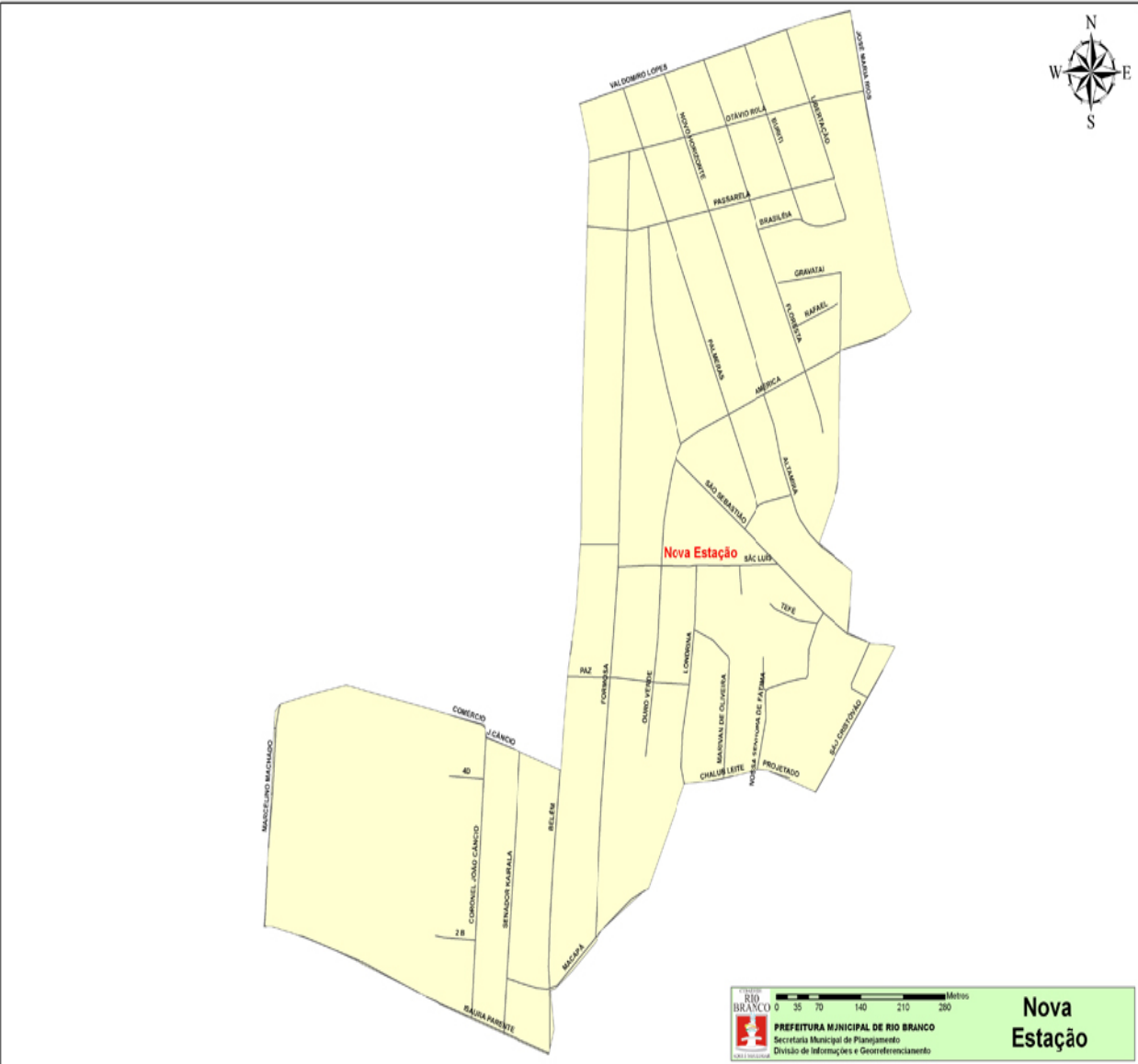
*Informante:* Sete meses. Que eu tava pra mim ficá cum ele, que a primera lapada que ele fez foi levá o pessoal pa poliça, pa justiça. Ele denunciô o pessoal, depois ele denunciô do próprio presidente que saiu, que era o Lacerda, num é. Porque disse que o pessoal [tʃiɐ] robado, [tʃiɐ] tirado as coisa tudo da sede, como rôbo, né. E nada era da diretoria, nada era da sede, tudo era coisa emprestada que nós tumamo: cadera, mesa, caixa de som, TV, tudo era emprestado. Quano nós saímo, que que nós fizemo, tivemo que chamá os dono e intregá [tu dʒi], né. Porque até as caixa de som que [tʃiɐ] era do Franco Silva, né, foi intregue, as mesa era do colégio, foi intregue, a da ôta iscola, foi intregue, né, e ele quiria que nós deixasse isso [tu dʒi] pra ele, né, nós num pode deixá. Agora você vá lá, faça um documento, né, cumo nós fizemo, e peça as coisa dos [kũpẽ jeru] que eles impresta do mermo jeito. Mas aí ele esvaniceu, aí... não, vou tirá cumo tá, mermo. Quano foi agora mês passado eu fui pa uma audiêça, dele com o Lacerda, né, lá na delegacia, perante o juiz, aí ele ficô discarado, porque disse que o Lacerda [tʃiɐ] robado as coisa da sede, né, [tʃiɐ] mandado a eletroacre cortá a luz, a eletroacre manda um documento lá po juiz dizeno que eles cortaro a luz e num levaro o fio, né. Então o Lacerda num [tʃiɐ] nada ver cum nada deles. Eles desligaro na merma hora porque ele num pagô a conta de luz. Aí, o que nós podia fazê, era ele ficá discarado.

Anexo 8



Mapa da Custódio Freire, cedido pela Prefeitura Municipal de Rio Branco, através da Secretaria Municipal de Planejamento – Divisão de Informações e Georreferenciamento

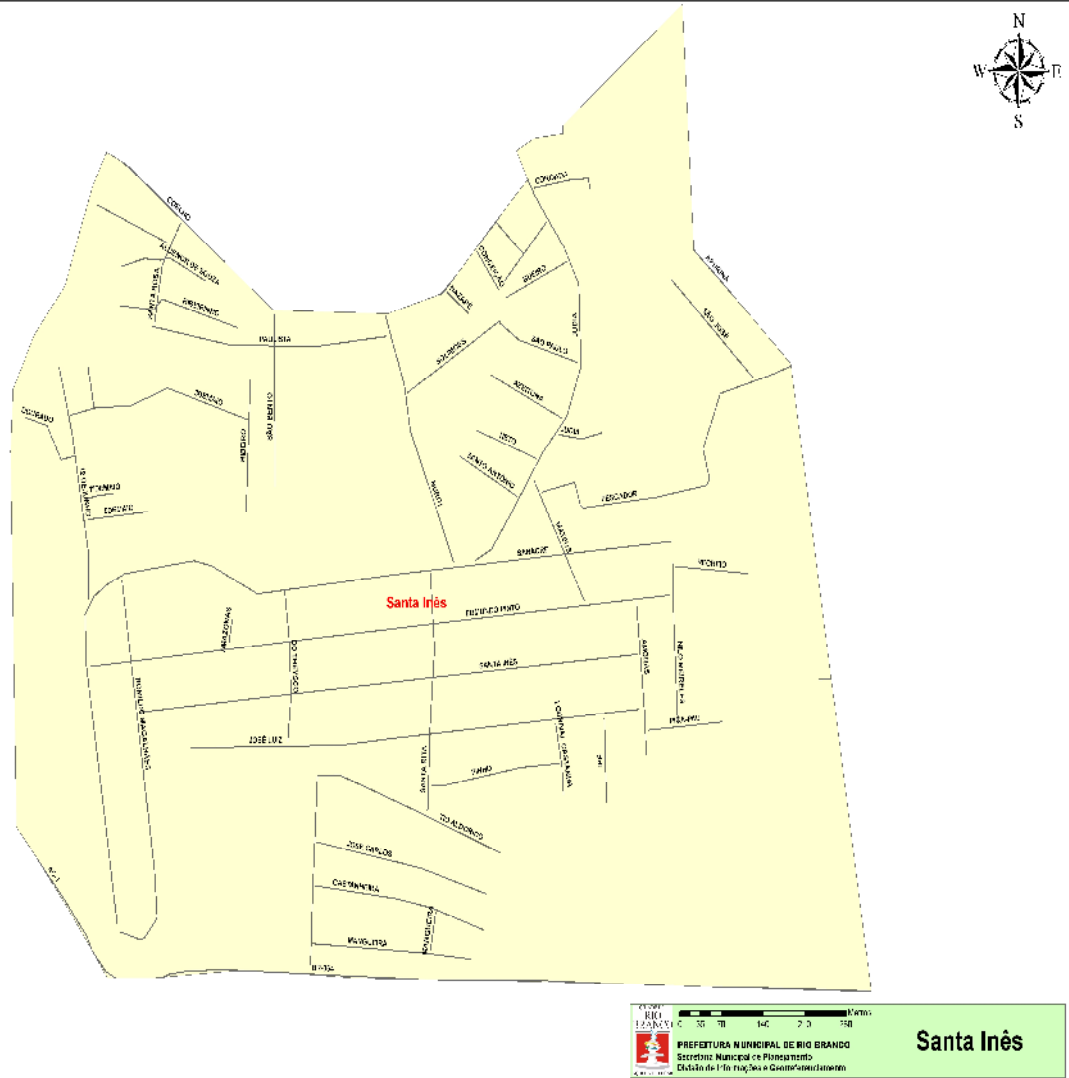
Anexo 9



Mapa da Nova Estação, cedido pela Prefeitura Municipal de Rio Branco, através da Secretaria Municipal de Planejamento – Divisão de Informações e Georreferenciamento



Anexo 11



Mapa do bairro Santa Inês, cedido pela Prefeitura Municipal de Rio Branco, através da Secretaria Municipal de Planejamento – Divisão de Informações e Georreferenciamento

**Anexo 12 - DESPACHO FINAL DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFAC,  
AUTORIZANDO A PESQUISA**



**FOLHA DE DESPACHO**

Processo Nº 23107 .....

Folha Nº .....

À PROPEC, para informar a interessada que  
Após correção dos itens pendentes, o proto-  
colo foi aprovado por este comitê. Lembra-  
mos, outrossim que após concluída a pesqui-  
sa, um relatório deverá ser encaminhado  
ao comitê de Ética em Pesquisa da UFAC.

Em 19/12/2007

**Enock da Silva Pessoa**  
Coordenador do CEP - UFAC

À COAP

Para providências.

Em: 02/01/2008.

**Prof. Dr. Joviana Lima Corvelho**  
Prof. Titular de Pesquisa e PDE - Orçamento

A Profª Dr. LINDINALVA - D. LETRAS

Para ciência e permanência com o processo em mãos,

Em 03/01/08

**Prof. Dr. Creso Machado Lopes**  
Coordenador de Apoio à Pesquisa

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)